



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS



---

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

---

**Lenilson Sergio Candido**

UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO CURSO DE LICENCIATURA EM  
MATEMÁTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
CAMPUS DE JI-PARANÁ.

Rio Claro  
2015

**Lenilson Sergio Candido**

UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO CURSO DE LICENCIATURA EM  
MATEMÁTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
CAMPUS DE JI-PARANÁ.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, com Área de Concentração em Ensino e Aprendizagem da Matemática e seus Fundamentos Filosófico-Científicos, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Rio Claro, como requisito para obtenção do grau de Doutor em Educação Matemática..

**Orientador:** Prof. Dr. Romulo Campos  
Lins

Rio Claro  
2015

370.71 Candido, Lenilson Sergio  
C217u Uma construção histórica do curso de licenciatura em  
matemática da Universidade Federal de Rondônia Campus de  
Ji-paraná / Lenilson Sergio Candido. - Rio Claro, 2015  
197 f. : il., figs., tabs., fots., mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Orientador: Romulo Campos Lins

1. Professores - Formação. 2. Programas educacionais. 3.  
Decisões administrativas. 4. Decisões pedagógicas. 5.  
Graduação em matemática. I. Título.

## COMISSÃO EXAMINADORA

Prof Dr. Romulo Campos Lins (UNESP – Rio Claro)

Prof Dr.Amarildo Melchiades da Silva (UFJF – Juiz de Fora)

Profa Dra.Janete Bolite Frant (UNIBAN – São Paulo)

Prof Dr.Marcos Vieira Teixeira (UNESP – Rio Claro)

Profa Dra.Viviane Cristina Almada de Oliveira(UFSJ - São João Del Rei)

## SUPLENTE

Prof Dr.Patricia Rosana Linardi (UNIFESP – São Paulo)

Prof Dr.Rosana Giaretta Sguerra Miskulin (UNESP – Rio Claro)

Prof Dr.Ole Skovsmose (UNESP – Rio Claro)

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de externar minha gratidão a todos que de alguma forma contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho e, de modo particular, agradeço:

Ao Professor Romulo por acolher, entre as discussões do Sigma-t, as preocupações que motivaram esta tese; pela orientação e pelo apreço para comigo.

Aos professores Amarildo, Marcos Teixeira, Janete, e Patrícia Rosana Linardi pela participação na banca examinadora e pelas valiosas contribuições por ocasião da qualificação.

Aos professores e professoras com quem tive oportunidade de trabalhar/estudar diretamente durante o doutorado: Miriam Godoy, Arlete, Pedro Paulo, Marcos Teixeira, Rosana Giaretta Sguerra Miskulin, Romulo e Roger Miarka

Aos membros do grupo de estudo Sigma-T por participarem das discussões e contribuírem para minimizar minhas angústias: Guilherme Francisco Ferreira, João Pedro Antunes de Paulo, Regina Ehlers Bathelt e Sérgio Carrazedo Dantas

Aos entrevistados que confiaram suas histórias, expuseram-se para nos ajudar a contar uma história deste “curso de Licenciatura em Matemática do Campus de Ji-Paraná”:  
Aparecida Augusta da Silva, Ariveltom Cosme da Silva, Eudes Barroso Júnior, Fernando Luiz Cardoso, Maria das graças Viana de Sousa Diogo, Marlos Gomes de Albuquerque e Osmar Siena.

A todos os professores do Departamento de matemática e Estatística, que contribuíram com encargos didáticos para me ajudar enquanto estava em Rio Claro para conclusão dos trabalhos.

À UNESP e ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, campus de Rio Claro, por ter aceito o desafio de um Programa Interinstitucional para atender uma comunidade periférica. Nosso DINTER em Educação Matemática.

À Universidade Federal de Rondônia, campus de Ji-Paraná, por oportunizar a minha qualificação.

À Sandra Maria Candido e Laíse Alves Candido, pelas contribuições de revisão gramatical do trabalho e pelo abstract.

Aos meus pais, Lourenço Candido da Silva (in memoriam) e Maria Margarida Pedrosa da Silva, pois são eles os principais responsáveis pela minha caminhada, mostrando sempre o lado da esperança e força de vontade que precisamos ter para alcançarmos nossos objetivos. À presar pela colaboração, companheirismo, cumplicidade e amor.

Às minhas filhas Laíse, Lívia e Laura (a caminho) que são a minha inspiração, a minha esposa Gisera Dal Santo e às enteadas Nicolý e Luana pela força e compreensão.

A Todos meus Irmãos Sandra, Cileide, Rildo, Lourenço, Luiz, Jason e Arlon, também em nome da Maria Eduarda a todos os sobrinhos pelo apoio.

## RESUMO

Nas implementações de programas educacionais em todos os níveis, existem decisões de caráter administrativo e decisões de caráter didático-pedagógico. Neste estudo tentamos entender qual o papel de cada um destes tipos de decisão na constituição de um particular curso de licenciatura em Matemática, no Campus de Ji-Paraná, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Além de documentos oficiais, trabalhamos com as transcrições de entrevistas realizadas com protagonistas da implementação e posteriores reformas do curso. Em particular, consideramos o caso de duas disciplinas de Álgebra.

**Palavras-chave:** Programas Educacionais. Decisões Administrativas. Decisões Pedagógicas. Graduação em Matemática.

## ABSTRACT

The implementation of educational programs at all levels involve both administrative based and didactical-pedagogical based decisions. In this study we aim at understanding the role of each of those types of motivation/justification, in the constitution of a particular teacher education course in Mathematics, at the Ji-Paraná campus of UNIR (Federal University of Rondônia, north of Brazil). Together with official documents, we consider the transcription of interviews with the main actors in the process of implementation and posterior changes in the course. In particular, we approach the case of two Algebra disciplines.

**Keywords:** educational programs. Administrative decisions. Pedagogical decisions. Mathematics teacher education courses.

## SUMÁRIO

<b>SUMÁRIO .....</b>	<b>8</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 PROCEDIMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA DO CURSO DE MATEMÁTICA EM JI-PARANÁ .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Questão central como motivação.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 O Cenário .....</b>	<b>13</b>
<b>2.3 Os Protagonistas .....</b>	<b>15</b>
<b>2.4 Os Caminhos Escolhidos .....</b>	<b>21</b>
<b>2.5 Como Escrever .....</b>	<b>23</b>
<b>2.6 A escolha dos fios condutores .....</b>	<b>27</b>
<b>3 DOS VELHOS TEMPOS A CRIAÇÃO DO ESTADO DE RONDÔNIA.....</b>	<b>32</b>
<b>4 UNIR CAMPUS DE JI-PARANÁ, UMA REALIDADE! .....</b>	<b>41</b>
<b>5 O CURSO DE CIÊNCIAS CONTINUA. MAS EM QUE CONDIÇÕES? .....</b>	<b>61</b>
<b>6 NOVAS DEMANDAS APARECEM. CAMINHAR É PRECISO.....</b>	<b>78</b>
<b>7 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>107</b>
<b>8 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>111</b>
<b>9 ANEXO ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES.....</b>	<b>113</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em Rondônia existem duas Instituições Públicas Federais de Ensino, a Universidade Federal de Rondônia – UNIR e o Instituto Federal de Rondônia – IFRO; a UNIR está presente em toda a região com oito *campi*, sendo estes nomeados: Campus de Porto Velho, Campus de Ariquemes, Campus de Ji-Paraná, Campus de Cacoal, Campus de Rolim de Moura, Campus de Guajará-Mirim, Campus de Vilhena e Campus de Presidente Médici. Contando com 55 cursos dos quais 20 são na área de educação.

O IFRO possui uma estrutura também multicampi, distribuído em 8 campi com o objetivo principal de atender ao ensino médio técnico, como também está iniciando na formação superior, apresentando cursos superiores em três grandes áreas, que são: licenciaturas, tecnologia da informação e engenharia, todos em fase de implantação.

O Campus de Ji-Paraná foi criado no ano de 1989, inicialmente com o curso de Licenciatura em Ciências com Habilitação em Matemática. Hoje o Campus conta com 7 cursos, entre eles o Curso de Licenciatura em Matemática que está dentro do departamento de Matemática e Estatística - DME. O curso de licenciatura em matemática é oriundo do curso de licenciatura em ciências com habilitação em matemática, que juntamente com o curso de pedagogia foram os responsáveis pelo crescimento do Campus.

Ingressei na Instituição, lotado no Campus de Ji-Paraná no Departamento de Matemática e Estatística para atender ao curso de Licenciatura em Matemática, a contratação se deu em outubro 2005, com regime de trabalho de 40 horas e dedicação Exclusiva, porém fui convidado para fazer parte do grupo como professor cedido pela SEDUC-RO – Secretaria de Estado da Educação de Rondônia a parti de 1995. Sempre estive em contato com a Instituição como professor substituto e como colaborador. Desenvolvendo um trabalho sempre voltado para as disciplinas de Álgebra, vivenciando a realidade dos acadêmicos, acompanhando suas dificuldades com relação à aprendizagem em álgebra. Paralelamente trabalhava na rede oficial de ensino e na rede particular de ensino, sempre atuando como professor do ensino médio de 1990 até meados de 2005, possuindo assim uma base de relações que me permite conhecer o perfil dos docentes e alunos destas redes, que também, apresentam grandes dificuldades com relação ao processo de ensino em Matemática e mais particularmente em álgebra.

Há um distanciamento com relação aos significados que a álgebra deve produzir na educação básica e superior, gerando uma concepção distorcida por parte do acadêmico, do papel do curso em sua formação, e, provavelmente esta lacuna se relaciona à nossa formação docente e, conseqüente, nossa atuação no curso de Matemática não promove os efeitos idealizados em nossa própria concepção, enquanto docentes.

Construímos uma história da docência sem a necessária consciência metacognitiva de nosso papel e da importância deles como formadores de formadores, e formadores de profissionais, que atuarão num Estado que ainda está construindo sua identidade cultural.

Hoje temos uma nova geração que está chegando aos bancos universitários cada vez mais jovens, e que precisarão ter acesso aos espaços virtuais, havendo necessidade de explorar a capacidade de aprender a aprender, concepções que devemos incorporar em sua prática docente, e proporcionando situações de modelagem ou problemas que envolvam o uso da álgebra, possibilitando espaço de diálogo e busca de soluções em parceria com os acadêmicos, na intencionalidade de promover a criatividade dos mesmos, e prepará-los para um melhor desenvolvimento profissional.

Sabemos que muitos de nossos acadêmicos quando se formarem atuarão na Região Norte, em localidades isoladas, onde provavelmente o único acesso para a formação continuada será a “Internet”, ou através de cursos oferecidos esporadicamente e sem contextualização, que enquanto professores devemos alertá-los que uma das formas de continuar sua formação, seja a de se comuniquem e troquem experiências com outros profissionais, e desenvolvam a capacidade de gerenciamento do seu saber no intuito de buscar soluções as problemáticas de seu campo de atuação, dentro de uma realidade diferenciada. Este é sem dúvida um dos caminhos capazes de permitir que a formação inicial desencadeie as condições para a continuidade da formação na área escolhida.

A partir dessas considerações, percebo que também faço parte desse processo, e assim, a proposta é aprofundar os estudos na área da álgebra no sentido de facilitar os estudos científicos no que se refere às metodologias nos processos de ensino, buscando facilitadores da aprendizagem em todos os níveis, através da formação inicial e continuada, como formador de professores e profissionais de várias áreas do conhecimento.

A elaboração e realização de um projeto de pesquisa relacionado a essas inquietações, pessoais e profissionais, estiveram na base de um projeto de pesquisa que marcou nossa inserção neste trabalho de doutorado, projeto junto ao grupo de pesquisa Sigma-T, sob a coordenação do Prof. Dr. Romulo Campos Lins. No referido grupo há um interesse em saber o que estamos efetivamente fazendo, visto que para Lins (2008) a relevância de tais questões para o tema do Grupo de Trabalho é, considerando-se a diferença entre a educação matemática entendida como educação para a matemática e como a educação através da matemática, produzir novos *insights* sobre as relações entre a matemática como disciplina e na escola.

Ocorreu, no entanto, que o próprio exame de documentos coletados como parte do estudo inicialmente proposto, nos levaram a estabelecer uma direção de certa forma nova no trabalho, que era a de se considerar de que maneira, e com que motivações ou bases, certas

mudanças em propostas curriculares para o curso de Matemática haviam sido decididas, o que, de certa forma oferece um importante subsídio para se entender, ou estudar, o impacto da formação nas licenciaturas em Matemática.

Assim, entendemos que este trabalho se inseriu no ambiente de discussão do grupo Sigma-T por contribuir para uma concepção de práticas com a intenção de criar e substanciar um novo paradigma para a formação e o desenvolvimento profissional do professor de Matemática. Mais especificamente, com relação ao ensino de álgebra por se propor a investigar e discutir o estabelecimento de uma proposta de ensino, a partir da fala de professores e da análise de documentos do Curso de Licenciatura em Matemática da UNIR/Campus de Ji-Paraná.

Segundo Lins (2008) mudanças em uma licenciatura são difíceis para implementar, tanto por motivos legais quanto por motivos da dinâmica de um departamento (oposições, divergências, pontos de vista).

Abraçaremos esta causa de posse de documentos relacionados ao processo investigativo, como também, através da nossa leitura das entrevistas produzidas na coleta de dados relacionados ao estudo sobre as dificuldades do ensino de álgebra no curso de Licenciatura em Matemática da UNIR Campus de Ji-paraná, Utilizamos o Modelo dos Campos Semânticos (MCS) que toma os *processos de produção de conhecimento e de significado* como alicerces dessa teoria. Dentro dessa perspectiva, buscamos estabelecer coerências que sustentem as investigações deste trabalho através de uma *leitura plausível/positiva*. Na tentativa de entender o que os investigados efetivamente estão falando e em que direção isso ocorre.

Para Lins(2012) a leitura plausível/ positiva assim se constitui:

“As noções de leitura plausível/leitura positiva têm sido, por vezes, usadas como equivalentes, mas eu prefiro fazer uma distinção. A leitura plausível se aplica de modo geral aos processos de produção de conhecimento e significado; ela indica um processo no qual o *todo* do que eu acredito que foi dito faz sentido. Outra maneira de dizer que faz sentido em seu todo, é dizer que o todo é coerente”.(LINS, 2012, P.23)

Nossa perspectiva é buscarmos estabelecer e entender qual é a coerência ou a lógica que está sendo exposta pelos investigados sobre seus universos, partindo do pressuposto que nossa leitura nunca será neutra, o que deve ser levado em consideração é que o principal critério de plausibilidade deve ser a coerência e não o julgamento do certo ou errado.

Sempre haverá um esforço para aproximar o que dizemos como pesquisador, - mesmo que o pesquisador faça parte do universo investigado - com o que os investigados dizem e agem

como participantes desta pesquisa. Quando fazemos uma leitura plausível, pensamos na aproximação de um olhar que procura conhecer como a cultura, de um determinado grupo social, funciona, sem a necessidade de alteração ou mudança desse ambiente por julgá-lo menos ou mais importante pelos olhos de quem o estuda.

Este trabalho apresenta uma construção histórica do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Rondônia no Campus de Ji-Paraná e, de cujo corpo docente, este pesquisador faz parte. Diante dos acontecimentos e como professor das disciplinas de Álgebra no curso a partir de 2000, vejo um problema que faz jus a uma investigação: o ensino de Álgebra. A pergunta é, será que este problema está relacionado as tomadas de decisão no curso? Como isso acontece? História contada em forma de documentário. Linguagem simples e direta que tem o objetivo de prender o leitor aos acontecimentos. Caminhamos por dois fios condutores. Referentes as decisões administrativas e as decisões pedagógicas, tomadas no decorrer dos acontecimentos.

A história vai se constituindo a partir de falas e de documentos. A ação de contar essa história é uma enunciação realizada pelo autor, a partir da leitura dos acontecimentos, operando com o Modelo dos campos Semânticos – MCS.

## **2 PROCEDIMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA DO CURSO DE MATEMÁTICA EM JI-PARANÁ**

Trataremos aqui de localizar o leitor o com relação ao desenvolvimento do trabalho, contando como decisões foram tomadas e que caminho seguimos até chegarmos a composição de uma estrutura de escrita para a tese.

### **2.1 Questão central como motivação.**

Este trabalho apresenta uma construção histórica do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Rondônia no Campus de Ji-Paraná e, de cujo corpo docente, este pesquisador faz parte. Esse campus foi criado na década de 80 para atender as necessidades da região que se encontrava, então, em larga expansão. Ele começa sem uma estrutura física, administrativa ou pedagógica suficiente aos seus propósitos. Ainda hoje, organiza-se com uma estrutura mínima e possui um corpo docente em ascensão profissional. Quanto ao projeto do curso possui algumas lacunas na sua estrutura curricular que precisam ser mais bem avaliadas.

Como professor participante desse grupo em qualificação, estudei as tomadas de decisão no decorrer do tempo em relação a criação do Campus de Ji-Paraná, em particular, a construção histórica do curso de licenciatura em matemática e, nele, com especial atenção, aos Fundamentos de Álgebra. Esse meu projeto de pesquisa foi aprovado através do convênio de Doutorado Interinstitucional (DINTER) celebrado entre a Universidade Federal de Rondônia e o Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Rio Claro. O trabalho de construção dessa tese vincula-se então, ao Grupo Sigma-t, junto a um projeto maior de Pesquisa e Desenvolvimento em Educação Matemática, sob a liderança do professor Dr. Romulo Campos Lins.

### **2.2 O Cenário**

A implantação do curso de Licenciatura em Matemática, no Campus da UNIR/Ji-Paraná, fazia parte de um projeto de estruturação universitária denominado, Projeto Integrado de Qualidade Educacional – PIQUE e aprovado pela Resolução nº 71/CONSUN de 06 de maio de 1992. Previa um conjunto de ações para todos os campi do interior e capital. Dentre

as ações estava a concentração de cursos por área de conhecimento, em cada campus da UNIR. O campus de Ji-Paraná, estrategicamente localizado no centro do estado, foi escolhido para ser o Centro de Ciências Exatas com a finalidade de oferecer cursos na área de Engenharia.

Em Ji-Paraná tudo começa com o curso de Ciências do Primeiro Grau, que quatro anos depois é substituído pelo Curso de Licenciatura em Matemática e que segue, produzindo sua história. O primeiro professor do curso foi contratado em 1992. O projeto do curso passa por uma reformulação em 2000, para atender ao que determinam as políticas públicas nacionais com relação as licenciaturas e, especialmente, em relação a licenciatura em matemática.

Entre 2000 e 2006 o curso cria seus laboratórios e o grupo de pesquisa vinculado ao departamento. Contrata mais professores, mas continua sem estrutura e com o corpo docente precisando de qualificação. Esse era um fator de suma importância para o crescimento e consolidação do referido curso, que com apenas seis professores, traçava novas mudanças em sua grade curricular. Essas mudanças estavam pautadas nas discussões que aconteciam a nível nacional sobre a licenciatura em matemática promovidas pelos grandes grupos de estudo em Educação Matemática, como também pelas necessidades institucionais de atender às recomendações do MEC.

Chego ao curso em outubro de 2005, como professor efetivo, no momento em que o departamento passa por uma grave crise interna. O ano de 2006 começa com um acordo para recuperação do Departamento e dos cursos de Matemática e Física. Para a Matemática o grande desafio era a qualificação e contratação de professores. Nesta perspectiva começam os primeiros contatos com a UNESP-RC para a demanda de um DINTER em Ji-Paraná.

Até 2010 os acontecimentos são intensos. O curso ganha novos professores. O departamento se reorganiza e cria o curso de Estatística através do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). O REUNI é instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007 e é uma das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). O departamento muda de nome passando a se chamar Departamento de Matemática e Estatística (DME). No final de 2010 a UNIR firma convênio com a UNESP-RC para realização de um DINTER em Educação Matemática.

Diante deste cenário e como professor das disciplinas de Álgebra no curso a muitos anos, vejo um problema que faz jus a uma investigação: o ensino de Álgebra. A pergunta é,

será que este problema está relacionado as tomadas de decisão no curso? Como isso acontece? Contamos aqui uma história do curso de Licenciatura em Matemática do Campus de Ji-Paraná. História contada em forma de documentário. Linguagem simples e direta. Caminhamos por dois fios condutores referentes as decisões administrativas e as decisões pedagógicas, tomados no decorrer dos acontecimentos. Estes fios se entrelaçam, e a história vai se constituindo a partir da fala dos entrevistados. A ação de contar essa história, é uma enunciação realizada pelo autor, a partir da leitura dos acontecimentos, operando com o Modelo dos campos Semânticos – MCS.

### **2.3 Os Protagonistas**

Nossa atenção esteve voltada para distinguir e identificar significados possíveis que contribuíssem à compreensão da construção de um documentário. A noção de que numa construção das construções de outras pessoas, sempre temos uma visão parcial, cingida e temporária do contexto vivido, esteve presente. Para caracterizar a pluralidade das fontes, os depoentes foram escolhidos de forma que tivéssemos as falas e visões dos sujeitos envolvidos na construção dos caminhos seguidos pelo curso de matemática da UNIR, Campus de Ji-Paraná.

Os depoentes foram escolhidos, então, dentre as pessoas que participaram das atividades iniciais do curso (ou, ainda participam) e que na época formava o grupo responsável por tomadas de decisões. A intenção foi compreender o que efetivamente essas pessoas dizem a respeito do curso; como eles se veem participantes do processo de desenvolvimento da Instituição. Assim, os entrevistados, os que participaram do desenvolvimento do curso de matemática na UNIR Campus de Ji-Paraná, participavam também das atividades político-administrativas e das discussões sobre a proposta curricular do curso. Dessa forma, entrevistamos sete professore(a)s.

Uma informação relevante surgiu de maneira inusitada. Em janeiro de 2011, o grupo do DINTER, do qual faço parte, estava cursando uma disciplina em Ji-Paraná. Na apresentação inicial de todos para o professor da disciplina falei do meu projeto e dos caminhos que pretendia seguir, quando o professor Eudes Barroso, naquele momento aluno do DINTER, cursando a disciplina, se apresentou e comentou que foi um dos fundadores do campus de Ji-Paraná, citando também as contribuições da professora Maria das Graças de

Souza Viana Diogo. Por este motivo decidimos os entrevistar. Assim se constituiu o grupo de professores a serem entrevistados.

Os primeiros foram os dois professores que participaram das iniciativas de criação dos Campi do interior, em especial do UNIR Campus de Ji-Paraná. Nos anos oitenta, eles participaram do processo de discussão sobre a criação do curso de matemática na UNIR Campus de Ji-Paraná. Acompanharam, por um período de tempo, os primeiros passos da Instituição, em particular, o andamento do curso de Licenciatura Curta em Ciências ou Ciências do Primeiro Grau, São eles:

O professor Eudes Barroso Júnior e a professora Maria das Graças de Sousa Viana Diogo, dois professores do Departamento de Matemática do campus de Porto Velho, entrevistados na sala de aula do Curso de Matemática – Campus Universitário de Porto Velho, em 12 de novembro de 2012, com a duração de uma hora e meia, começando às 15 horas.

A vivência dos professores com relação aos caminhos da criação do Campus da UNIR em Ji-Paraná propiciou definirmos que percurso percorrer no início da investigação. Optamos por uma apresentação pessoal, começando com o professor Eudes Barroso Júnior.

Meu nome é Eudes Barroso Júnior. Cheguei ao estado de Rondônia em 1984. Sou cearense e fiz o curso de Licenciatura em Ciências e Licenciatura em Matemática. E, posteriormente, fiz um curso de aperfeiçoamento em Orientação de Aprendizagem pelo sistema TV. Chegando a Porto Venho, fui trabalhar no Governo do Estado de Rondônia, na escola de primeiro e segundo grau Colégio Otino de Freitas. Com um ano na escola já desenvolvi alguns projetos e me tornei conhecido na instituição. Fui então chamado (convidado) para trabalhar com as disciplinas de Prática de Ensino e Instrumentação de Ensino, na UNIR, pelo currículo que tinha a dispor, no curso de Ciências, com habilitação em Matemática, aqui em Porto Velho.

O professor Eudes continua atuando no curso de matemática no Campus de Porto Velho. Trabalha com as disciplinas de Prática de Ensino e algumas disciplinas na área de Cálculo. Desempenha atividades administrativas, participando de comissões de trabalho.

A professora Maria das Graças de Sousa Viana Diogo, é do Departamento de Matemática de Porto Velho e foi uma das pessoas que participou da comissão de criação e instalação da Universidade Federal de Rondônia. Ela fará sua apresentação.

Sou a professora Maria das Graças de Souza Viana Diogo, oriunda do estado do Acre. Fiz vestibular em Rio Branco, na Federal do Acre, para matemática. Terminei o curso e comecei a trabalhar na mesma Universidade. Fui liberada para fazer um curso na UNB, curso de aperfeiçoamento. Voltei dois anos depois e continuei trabalhando na Federal do Acre. Casei e pedi demissão para morar em Porto Velho, RO. Cheguei lá, fui trabalhar na Secretaria de Educação, na equipe de Currículo, responsável pela área da matemática. Eu trabalhava também na FUNDACENTRO, no período noturno. Então começou uma extensão da Federal do Acre, com o curso de Licenciatura em Matemática, onde também trabalhei. Logo depois, começaram os trabalhos para implantação da Universidade federal de Rondônia. Fui nomeada juntamente com uma equipe para elaboração e implantação do projeto da Universidade Federal em Rondônia. Os professores que participaram do projeto, ou seja, os professores fundadores, foram enquadrados. Através deste enquadramento puro e simples, entrei na Universidade Federal de Rondônia. Comecei trabalhando nos cursos de Economia, Administração e Contábeis, os primeiros cursos da universidade, até a criação do curso de licenciatura em matemática. Passei pela chefia de departamento e coordenação por várias vezes. Fiz mestrado em 2000, um MINTER entre a UNIR e a UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, em Engenharia de Produção. Dai pra cá, apareceu o doutorado. Um colega falou: vai fazer projeto? Falei: não sei. Ele disse faça. Fiz o projeto e fui selecionada. Um DINTER em Educação Matemática. Estou fazendo o doutorado e continuo no departamento de matemática de Porto Velho.

A professora Maria das Graças atua no seu departamento desde sua criação. Trabalha as disciplinas de Análise e Álgebra. Começou a trilhar os caminhos dos estágios e práticas, recentemente.

Voltando os olhares para o Campus de Ji-paraná, entrevistamos o professor Marlos Gomes de Albuquerque, primeiro professor contratado para o curso de Licenciatura em Matemática em Ji-Paraná e que participou de grande parte das discussões e tomadas de decisão do curso. Entrevista realizada na casa do professor Marlos, em Ji Paraná, no dia 27 de agosto de 2013, começando às 9 horas e 35 minutos. Ele faz sua apresentação falando de sua formação.

Sou o professor Marlos Gomes de Albuquerque, licenciado em Matemática pela Universidade de Pernambuco. Eu fiz a licenciatura no período de 1984 até 1988. No ano de 91, fui convidado para trabalhar na UNIR como professor colaborador. Eu conciliava meu trabalho do Estado e da Universidade em Cacoal. Em 92, surgiu o concurso de Matemática para a cidade de Ji Paraná. Fiz o concurso, fui aprovado, o primeiro professor efetivo da área de Matemática. Tomei posse em 27 de outubro de 1992. Fiz a especialização já sendo professor da UNIR, no ano de 96, pela Universidade Federal de Pernambuco em Matemática Pura. Foi aí que eu vi que, não era bem a linha que eu queria seguir. No ano de 99 à 2000, eu fiz o mestrado pela Universidade Federal de Santa Catarina. Foi um MINTER que houve aqui em Rondônia O doutorado, estou fazendo agora, 10 anos depois do mestrado, no caso, no curso da REAMEC, a Rede Amazônica de Educação e Ensino de Ciências e Matemática.

O professor Marlos concluiu o doutorado em novembro de 2014. Voltou ao curso atuando nas disciplinas de Estágio e Cálculo.

Nosso próximo entrevistado possui uma trajetória no Campus de Ji-Paraná. Foi aluno do curso de Complementação em Matemática, professor colaborador, chegou a professor efetivo em 2009 e hoje responde pela Direção do Campus. Ele é o professor Dr. Arivelto Cosme da Silva. Faz sua apresentação contando um pouco da sua história.

Então, sou o professor Arivelto Cosme da Silva. Me graduei em Ciências Naturais pela Universidade Federal do Pará e, depois eu fiz um curso de Complementação em Matemática, Depois que concluí a complementação em matemática aqui na UNIR, em 94, então, em 1995, eu comecei a trabalhar aqui na UNIR como professor colaborador. Então, em 98 para 99, surgiu a oportunidade de um mestrado no convênio da UNIR com a UNESP, o MINTER. Eu fiz mestrado pela UNESP em Geociência e Meio Ambiente. E depois, continuei trabalhando na UNIR. Passei para o quadro da universidade, como técnico, mas continuei exercendo atividade de sala de aula, ministrando aulas. Depois, surgiu a oportunidade de fazer uma seleção para o doutorado, em Geociência e Meio Ambiente, também pela UNESP. Fui aprovado. Em 2008, quando concluí o doutorado, prestei concurso para professor em 2009. Aprovado, tomei posse como, professor do departamento de Matemática e Estatística da UNIR, Campus de Ji Paraná.

Entrevista concedida no Campus de Ji Paraná, na sala da direção, iniciada às 14 horas e 13 minutos, no dia 28 de agosto de 2013. O professor Arivelto trabalha com as disciplinas dos primeiros períodos por opção. Segundo ele é importante um contato maior com os alunos nessa fase.

A professora Dr<sup>a</sup>. Aparecida Augusta da Silva, atuante e compromissada, está no departamento desde 1998. Ficou afastada quatro anos para cursar o doutorado. Sua experiência como professora e administradora foram ressaltantes. A entrevista foi realizada no Laboratório de Matemática - LABMAT, no Campus da Ji Paraná, às 19 horas e 50 minutos do dia 29 de agosto 2013. Segue sua apresentação:

Meu nome, Aparecida Augusta da Silva. Cursei licenciatura em matemática pela Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT, de 91 a 94. Logo em seguida, de 95 a 97, mestrado em matemática pela UFPE e 97, quando terminei, eu fiz um concurso para cá (Ji-Paraná). Conheci o professor Marlos no Recife enquanto fazia o mestrado, e ele falou do concurso. Disse que o concurso estava aberto na área. Aí eu vim, fiz o concurso, passei, assumi. Comecei a trabalhar em janeiro de 98. Trabalhei até 2004, sai para o doutorado, 2004 a 2008, em Educação Matemática, pela USP, e desde 2008 retornei para o departamento.

A professora Aparecida atua no Departamento de Matemática, participa das atividades em outros cursos e possui uma aproximação com o Grupo de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT.

O Professor Fernando Luiz Cardoso trabalha com as disciplinas de Geometria e Análise Real. Suas visões de como as coisas aconteceram nos últimos 15 anos no curso de Matemática, contribuíram para a condução do trabalho.

Sou o professor Fernando Luiz Cardoso. Fiz matemática na Universidade Santa Marcelina, em Minas Gerais, depois o mestrado em Ciência da Computação e o doutorado estou terminando. A graduação na década de 80, quando eu fiz - eu me formei em 89 - era totalmente diferente da graduação, hoje. A visão era muito técnica e muito para matemática abstrata, com aulas de análise. As pessoas tiveram uma formação mais rigorosa nessas aulas. Então, era colocado muito isso para agente. Eu fiz o concurso em 95 e fui

contratado no início de 96. Então, nessa época, eu estava fazendo bacharelado na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Acabei não concluindo por ter entrado aqui (UNIR Ji-Paraná).

O professor Fernando, hoje, continua com suas atividades no curso e coordena o escritório local do O Programa de Grande-Escala da Biosfera-Atmosfera na Amazônia (LBA)

O professor Dr. Osmar Siena, participa ativamente desde os anos 80 das decisões administrativas da universidade. Acompanhou o processo de interiorização da universidade

Osmar Siena Doutor em Engenharia de Produção (2002) e Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (1993). Graduado em Física pela Universidade Estadual de Londrina - UEL (1980). É professor de carreira da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), desde 1983, atualmente na Classe Associado, atuando como docente e pesquisador do Curso de Graduação e de Mestrado em Administração, com foco nas temáticas: Inovação e Sustentabilidade, Indicadores de Sustentabilidade, Métodos de Pesquisa em Administração. Nos últimos anos desenvolveu e coordenou projetos de pesquisa sobre: indicadores de sustentabilidade, sustentabilidade dos produtos florestais não madeiráveis do Estado de Rondônia. Tem experiência na área de Gestão Acadêmica e Administrativa. Na Universidade Federal de Rondônia UNIR já exerceu as funções de: Coordenador do Mestrado em Administração (2010 a 2012); Pró-Reitor de Graduação (1986-1988), Diretor de Unidade Acadêmica (1988-1989); Pró-Reitor de Planejamento (1994; 2003-2006) e Reitor da Universidade Federal de Rondônia (UNIR - Brasil) (1994-1998). Atualmente exerce a Função de Pró-Reitor de Planejamento.

Desenvolve sua atividade docente no Departamento de Administração atuando nas disciplinas de Metodologia da Pesquisa em Administração, Indicadores de Desenvolvimento Sustentável e Inovação e Sustentabilidade.

O professor Lenilson Sergio Candido, um dos professores do Departamento de Matemática e Estatística e do curso de Matemática, em 2006, assume a chefia de departamento, e, em alguns momentos, respondeu pelo Campus de Ji-Paraná. É o pesquisador que faz parte do contexto investigado; o pesquisador que também vivencia a experiência de fazer parte da história do curso.

Meu nome é Lenilson Sergio Candido Paraibano, cheguei no Estado de Rondônia em 1990, formado em Licenciatura Plena em Matemática, contratado para atuar no ensino médio, na época, segundo grau. Fui convidado para trabalhar na Universidade Federal de Rondônia, Campus de Ji-Paraná, em 1995. Durante 10 anos minha colaboração foi apenas como professor, ministrando as disciplinas nos cursos de Matemática e Pedagogia. Em outubro de 2005 passei no concurso para professor de matemática para o Campus de Ji-Paraná. Já em 2006, fui eleito para Chefia de Departamento. No mesmo ano ingressei no mestrado, pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente PGDRA/UNIR, campus de Porto Velho pesquisando sobre fluxo de CO<sub>2</sub> no ambiente. Continuo respondendo pelo departamento até 2013. Em 2010 o grande sonho. Começo o doutorado em Educação Matemática através do DINTER – Doutorado Interinstitucional entre a UNIR e a UNESP Campus de Rio Claro. Continuo como professor no departamento atendendo o curso de matemática.

Com relação ao fato de o pesquisador fazer parte do contexto investigado, de ser um dos professores da disciplina de Álgebra e chefe de departamento por vários anos: salientamos que isto é destacado no exercício da leitura sobre os textos produzidos. As preocupações metodológicas aqui manifestadas com relação à prática do pesquisador, não estão relacionadas a validação da pesquisa em particular, mas sobretudo ao necessário esclarecimento sobre a pesquisa, nas quais o pesquisador é um dos que também vivencia a experiência relatada. Na expectativa de contribuir para a discussão metodológica relativa ao investigador da própria prática, antecipamos nosso entendimento de que um participante do contexto pode ter mais condições de compreender as direções indicadas pelos sujeitos envolvidos no contexto. Que a pesquisa pode apresentar componentes estratégicos para seu desenvolvimento profissional, pois é uma oportunidade do pesquisador olhar para sua atuação. Como faz um artista que constantemente avalia sua apresentação. Sempre alerta a seu trabalho, permite-se avaliar sua apresentação. Investiga sua própria prática.

## **2.4 Os Caminhos Escolhidos**

A escolha dos referidos professores foi relacionada à necessidade de delimitar o tempo e as condições para produção da pesquisa, pois se fez necessário a fixação da abrangência do tema. Como a finalidade foi estabelecer um aspecto panorâmico do curso a partir de diferentes

sujeitos que compartilharam das ações historicamente constituídas do curso, as entrevistas e os levantamentos documentais foram nosso principal suporte metodológico. A proposta foi garantir, dentro do possível, uma leitura de diferentes versões sobre o tema. Isto se realizou à medida que apresentamos as falas dos diferentes autores/atores desse trabalho. A documentação analisada nos ajudou a compor um panorama e auxiliou na construção da base cronológica para constituirmos as legitimidades dos entrevistados no contexto.

Inicialmente, as entrevistas com diferentes tipos de sujeitos nos permitiu criar um quadro de suas interações, atitudes, opiniões, oposições, sentimentos e memórias. Um ladrilho com pedaços que mesmo sem estar completo nos possibilita compreensões e diálogos com as experiências e leituras do pesquisador sobre a dinâmica de implantação do curso de matemática da UNIR Campus de Ji-Paraná.

Para a realização das entrevistas, primeiro fizemos um roteiro preliminar para acompanhamento do entrevistador, mas no momento da entrevista primamos pela sistemática do narrador contar a história e o entrevistador, um ouvinte, que procura compreender o conjunto autônomo de articulação da narrativa de cada sujeito. O pesquisador apenas interfere quando necessário para condução do foco da pesquisa. Como pretendemos analisá-las na sua totalidade, devemos evitar o condicionamento dessas narrativas a categorias prévias.

Os procedimentos de análise das entrevistas serão desenvolvidos a partir de uma adaptação das recomendações de Delgado (2006). Primeiro realizamos a *transcrição* das entrevistas como primeira versão escrita dos depoimentos, buscando reproduzir tudo o que foi dito, sem cortes nem acréscimos. Nessa produção as passagens pouco claras foram notadas entre colchetes; dúvidas, silêncios e hesitações, identificadas por (...); palavras e trechos de forte entonação Caixa alta; atentamo-nos para a pontuação, procurando não alterar o sentido das palavras e das frases.

Na fase seguinte, realizamos a *conferência*, na qual a escrita foi realizada simultaneamente a leitura da transcrição para correção, conferir pontuação, verificar a existência de omissão ou acréscimos indevidos e, se necessário, recorreremos ao depoente, para conferir informações, silêncios, dúvidas, checar erros, entre outras providências.

Após, encaminharmos as entrevistas para os depoentes, estes fizeram a conferência, possibilitando correções, retiradas, inserções e reformulações. A concordância com a versão da transcrição foi disponibilizada e registrada por meio de cartas de cessão assinadas pelos

entrevistados. Em alguns casos, os entrevistados pediram edições das entrevistas, de modo que o texto diminuísse as marcas da oralidade. Nesses casos, realizamos uma edição das entrevistas, mas mantivemos a ordem das falas.

O trabalho realizado para obter a colaboração do professor Osmar Siena, foi concretizado através de um questionário, enviado por e-mail, uma vez que tentativas foram efetuadas para a condução de uma entrevista, mas por questões de tempo e espaço não foi possível à realização da mesma. Que não diminuiu em nem um momento a qualidade do trabalho.

O exercício da *leitura plausível*, proposta por Lins(1999), vinculada às questões propostas que motivaram e orientam a tese, foram realizadas após as devidas providências citadas acima.

Nessa leitura procuramos explicitar as vozes dos entrevistados que ajudaram a constituir significados para o contexto histórico do curso de matemática da UNIR no Campus de Ji-Paraná, seguindo os dois fios condutores, as decisões administrativas e as decisões pedagógicas, e qual a influência deste contexto no desenvolvimento do curso até recentemente.

Os dados foram analisados apoiados na teoria do *Modelo dos Campos Semânticos* – MCS - de Lins (1994,1997,1999, 2004, 2008, 2012), num diálogo com o devido cuidado e a clareza de que o pesquisador também é sujeito ativo da pesquisa proposta. Sempre com a fineza de identificar e manter uma interação na direção do interlocutor indicado pelo entrevistado. Nossa análise é entendida como resultado de uma *leitura plausível*, pois pretendemos dizer algo relativo ao objeto analisado com a mesma competência que os autores dos enunciados diriam.

## **2.5 Como Escrever**

A forma de escrever partiu da observação, que o professor Romulo fez assistindo a um dos programas do Globo Repórter. Certo dia o professor chegou à sala de estudos onde estávamos. Ele disse “venham ver isso”. Então baixou o programa e começamos a assistir. Ele pergunta, “estão percebendo?”. No primeiro momento não estávamos entendendo o que ele queria, então o Romulo começou a explicar o que percebia por trás da reportagem. Frases

curtas, linguagem direta, trechos concisos, que prendem a atenção de quem está assistindo. Então falou; “Lenilson, vamos escrever sua tese neste sentido, em forma de documentário”.

O programa tem seu dia e hora de exibição definidos há tempo, um programa jornalístico que é assistido por todas as classes sociais, que traz informação de maneira simples e objetiva. Como confirmado pela direção do mesmo, no trabalho de (BOBERG, 2008).

A direção do programa afirma que o Globo Repórter é assistido por um público fiel de cerca de trinta milhões de espectadores, toda semana. E parte deste sucesso, segundo a direção do programa, pode ser explicada pela linguagem adotada. Silvia Sayão, diretora do programa, aponta que o sucesso da linguagem do Globo Repórter estaria nos textos simples e objetivos do programa, o que facilitaria a assimilação dos acontecimentos pelos telespectadores: “São textos profundamente pesquisados, pensados para serem entendidos, de maneira que o brasileiro possa assimilar com tranquilidade e segurança” (BOBERG, 2008, p. 21).

A linguagem utilizada no programa garante o sucesso, pois trata de assuntos diversos de maneira simples e direta. A informação é passada com qualidade. Um trabalho realizado em grupo para garantir uma linguagem de fácil entendimento. Boberg(2008) destaca como o Globo repórter e constituído para atender o telespectador.

[...] o Globo Repórter se trata de um programa que atinge público diversificado, constituído por pessoas de diferentes camadas sociais e faixas etárias, por exemplo. [...] assim, um texto cujas opções estilísticas são planejadas em conjunto pelos jornalistas envolvidos. Deve-se considerar ainda que o Globo Repórter é um programa que aborda os mais diversos temas, às vezes de difícil entendimento, mas que se tornam acessíveis ao telespectador através de uma linguagem que pretende ser didática (BOBERG, 2008).

Tempo depois, assistindo várias vezes o mesmo documentário e pesquisando sobre o assunto, decidimos outro ponto importante: que caminho seguir para contar a história do curso de matemática da UNIR Campus de Ji-Paraná, aproximamo-nos ainda mais daquela reportagem. O Globo Repórter entra na discussão entre os que comem carne e os vegetarianos. (<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2013/11/globo-reporter-entra-na-discussao-entre-os-que-comem-carne-e-os-vegetarianos.html>).

A aproximação foi maior com a tese do Edson Pereira Barbosa, Professor Adjunto da Universidade Federal do Mato Grosso, Campus de Sinop. Doutorado em Educação Matemática na UNESP/Rio Claro (2012), atua com formação de professores, educação matemática, história da matemática, ensino de matemática e produção de significados. Membro do grupo de pesquisa Sigma-T, sua tese intitulada: *Leituras Sobre Processo de Implantação de uma Licenciatura em Ciências Naturais e Matemática por Área do Conhecimento*, que aponta as disputas entre os idealizadores do curso, baseados em categorias da academia e os formuladores de políticas públicas, com relação às concepções de curso.

O trabalho do Edson foi objeto de estudo e referência para a nossa pesquisa, pois se aproxima por alguns motivos. Dentre eles destacamos: a região territorial é a mesma, a densidade demográfica se aproxima, o curso de Ciências foi o primeiro curso dos dois estudos, entre outros fatores.

Chegamos a um *design* para escrita, em forma de documentário, utilizado como recurso a produção textual, para mostrar de maneira simples, direta e de fácil entendimento um acontecimento. O objetivo é prender a atenção para o fato estudado e que se deseja apresentar, apoiados num material base sobre os episódios, tais como: imagens, documentos, entrevistas, entre outros. Decisão apoiada em Zandonade e Fernandes(2003) que afirmam:

Embora as definições sejam variadas nos aspectos de gêneros e tipos, a função do documentário é reconhecida com unanimidade pelos documentaristas que, acreditam no objetivo de estabelecer um elo de ligação entre os receptores da mensagem transmitida e o realizador da obra, de forma a permitir uma empatia capaz de proporcionar uma reflexão sobre os fatos cotidianos que lhes cercam. (ZANDONADE e FERNANDES, 2003)

Este recurso de escrita não faz parte do rol das formar de escrever rotineiramente utilizadas na academia. Aqui fizemos um ensaio, uma tentativa, de produzir um texto em forma de documentário.

A interpretação documentária não parte de teorias ou metodologias elaboradas previamente: essas são desenvolvidas ou incorporadas de forma reflexiva durante o processo da pesquisa. A reconstrução constitui uma das principais ferramentas do método documentário de interpretação desenvolvido por Ralf Bohnsack, diferenciando-se, desta forma, de outras abordagens qualitativas e/ou métodos “standardizados”, que se

caracterizam pela elaboração prévia de hipóteses e pela verificação ou comprovação destas no processo de interpretação (WELLER, 2005).

A história aqui contada é fruto do posicionamento dos protagonistas em suas falas, pautas no conhecimento do entrevistado, sua visão dos fatos, sua experiência como profissional e sua vivência e maturidade com o passar dos anos. História essa que se passa em um lugar (região) que possui suas características sociais. Que no interior deste contexto existe um grupo, que são os entrevistados, comungando das mesmas experiências. Desta forma se aproxima da teoria e prática da interpretação sociológica da análise documental referenciado abaixo.

Wivian Weller em seu artigo, *A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos*, traz as seguintes considerações sobre documentalário.

O método documentalário como teoria e prática da interpretação sociológica pode ser visto como um instrumento que auxilia na inserção do(a) pesquisador(a) em contextos sociais que lhe são alheios, assim como na compreensão e conceituação de suas visões de mundo, suas ações e formas de representação. [...] A análise documentalária tem como objetivo a descoberta ou indicialidade dos espaços sociais de experiências conjuntivas do grupo pesquisado, a reconstrução de suas visões de mundo e do modus operandi de suas ações práticas. (MANNHEIM, 1964, p. 151, apud WELLER, 2005, p. 269)

Considerações essas que se aproximam de Zandonade e Fernandes (2003), quando afirma que: As produções de documentalários sobre pessoas e lugares dão enfoque a personalidades ou regiões, que tiveram representações intelectuais, que marcaram a história ou a vida de uma determinada comunidade.

Através do documentalário escrevemos a história, privilegiando processo de produção/negociação/explicitação de significados sobre o contexto de criação e desenvolvimento do curso de matemática na UNIR Campus de Ji-Paraná. História conduzida por dois fios que desenharam o cenário, mostrando o que aconteceu na visão dos protagonistas. Uma história escrita na intenção que o leitor possa produzir significado através de sua leitura.

## 2.6 A escolha dos fios condutores

A escolha dos fios condutores para escrever a história do curso de Licenciatura em Matemática do Campus de Ji-Paraná vem da aproximação do nosso trabalho com a tese do Edson Pereira Barbosa. Pesquisador do mesmo grupo, SIGMA-T, Barbosa defendeu sua tese em 2012, intitulada Leituras Sobre Processo de Implantação de uma Licenciatura em Ciências Naturais e Matemática por Área do Conhecimento.

Primeiro, os cenários são bem próximos. A UNIR chegou em 1988 a Ji-Paraná, se instalou e começou com o curso de Ciências do Primeiro Grau. A perspectiva era atender as necessidades locais, ou seja, uma região com uma explosão demográfica, mas, ainda pequena para absorver, em especial, no sistema educacional, mão de obra qualificada em uma só especialidade. Por exemplo, uma escola não possuía um número de turmas suficientes que demandasse carga horária para contratar um professor de Física. Nestas condições o curso de Ciências vem suprir as necessidades da região, pois nele, habilitavam-se os profissionais para atender as disciplinas de Física, Matemática, Química e Biologia. Desta forma, um profissional atendia a várias demandas da escola, em regiões afastadas.

Já em 2006, no Mato Grosso, em especial na cidade de Sinop, temos uma mesma condição. A criação do Campus Universitário de Sinop/UFMT, com a implantação do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais e Matemática (CCNM), como mostra Barbosa(2012)

O CCNM habilita professores para ministrar aulas de Ciências e Matemática para as séries finais do Ensino Fundamental e, de Física, ou Matemática, ou Química para o Ensino Médio. Tem duração de quatro anos, dividido em oito módulos, um por semestre, com aulas no período noturno.

O aluno, ao se inscrever, escolhe uma das três opções de habilitação específica oferecidas pelo curso de Licenciatura em Ciências Naturais e Matemática: habilitação em Física, em Química ou em Matemática, esta última opção de curso será objeto de nosso trabalho (BARBOSA, 2012) .

Dois Estados, da mesma região, a Região Norte, que possuem demandas próximas, possuem um sistema educacional com grandes dimensões territoriais e baixa densidade demográfica. Para isso, uma formação polivalente é uma forma de atender à demanda por profissionais qualificados (nem sempre é possível completar os turnos apenas com as aulas de Ciências, Física, etc.) e diminuir os custos com a educação. Nesse sentido, formação

integrada indica a direção de uma formação polivalente que permite ao professor trabalhar em mais de uma disciplina. Realidade da Região Norte, da década de oitenta até os tempos atuais.

Vamos aqui resgatar algumas partes da tese de Edson Barbosa que justifique as considerações do autor, para alinharmos suas observações à tomada de decisão a respeito do caminho percorrido em nosso trabalho.

Barbosa (2012) em seu trabalho investigou o primeiro projeto, para o curso de Ciências, proposto para Aripuanã – MT entre 1992 e 1994. O projeto seria implementado considerando-se os aspectos históricos, econômicos e sociais da região. O projeto não foi executado. Já a partir de 2002, o curso foi realizado na capital, Cuiabá. Recebendo 92 professores do estado e com o objetivo de atender a todos, se perdeu a identificação dos temas geradores. O curso tomou como contextualização universal a história da ciência, não atendendo as demandas dos grupos das diferentes regiões do Estado. (BARBOSA, 2012, p.73)

Em 2006, foi criado o *Campus* Universitário de Sinop da UFMT, localizado a 500 km da Capital, Cuiabá, por meio do Programa de Expansão Universitária. Entre os cursos a serem implantados estava o de Licenciatura em Ciências Naturais e Matemática (CCNM), cujo objetivo era a formação inicial de professores de Ciências Naturais e Matemática por área do conhecimento, por meio de uma proposta metodológica interdisciplinar.

A Universidade, com a intenção de viabilizar a implantação do Campus de Sinop, aceita a sugestão do MEC e reestrutura o projeto, de modo a incluir um curso de formação de professores, num campus pensado, inicialmente, para ser excelência nas áreas de ciências agrárias e saúde. O projeto escolhido é justamente o de Ciências Naturais e Matemática porque, além de atender às diferentes solicitações do MEC e do Governo Estadual, ainda seria viável economicamente, já que para atender o MEC não precisaria criar um curso de cada disciplina (Matemática, Física e Química). Um curso integrado permitiria diminuir o número de professores da área de ensino, já que os professores contratados para as disciplinas básicas dos cursos de bacharelado, também ministrariam as aulas de formação científica específica na licenciatura (BARBOSA, 2012) .

Apoiado, em resumo, nas afirmações acima Barbosa, alega que existe a conveniência entre dois significados sobre formação inicial de professores por área do conhecimento, um *filosófico educacional* e outro *racional administrativo pedagógico*.

O primeiro significado está relacionado a uma orientação curricular centrada na dialética Teoria-Prática. [...] A teoria deve proporcionar aos professores a orientação da ação. O currículo é ponte entre a teoria e a ação e o professor é um ativo pesquisador [...]. Que denominamos de **filosófico-educacional**, afirma-se que o professor deve conhecer e fomentar uma produção de conhecimento integral no âmbito da escola. A justificativa para uma formação inicial por área do conhecimento é que esta permitiria ao professor maior compreensão dos contextos de produção do conhecimento científico, bem como de suas relações com outras formas de conhecer (BARBOSA, 2012, p. 265).

Pautado nas políticas públicas o significado que Barbosa (2012) produz está relacionado a tomada de decisões no âmbito político. Programas para atender as demandas do Estado.

Já o segundo da **racionalidade administrativo-pedagógica**, do atendimento à demanda do Estado, que precisa gerir um complexo sistema educacional. Nesta concepção, uma formação por área do conhecimento prepararia um professor polivalente e permitiria ao Estado, que possui grandes dimensões territoriais e baixa densidade demográfica, manter os professores nas escolas, já que o professor que vai para o interior pode trabalhar por área, atendendo a mais uma disciplina. Já que as escolas, em geral, são pequenas, possuem poucas turmas, não têm carga horária que justifique a contratação de professores especialistas para cada disciplina. (BARBOSA, 2012, p. 266)

O autor nas conclusões produz enunciações sobre o que acontece no interior da Universidade Federal do Mato Grosso, *Campus* Universitário de Sinop.

No interior da universidade, há uma disputa, entre os acadêmicos “puros” e acadêmicos do “ensino” para decidir se a formação inicial do professor deve ser realizada apoiada em referenciais acadêmicos das ciências “puras” ou da “educação em Ciências e Matemática”. A outra disputa é entre acadêmicos e elaboradores de políticas públicas, os primeiros preocupados

em promover a formação inicial calcados em referências da academia, com currículo centrado em orientação de conteúdo técnico-científico, ou filosófico educacional. Já os gestores de políticas públicas fazem agenciamentos e promovem ações na direção de promover uma formação que atenda às necessidades urgentes do sistema (BARBOSA, 2012 p 285).

Tomando como referência as conclusões de Barbosa (2012), acima citadas, decidimos tomar estas duas pontas, na direção de decisões pedagógicas e na direção das decisões administrativas. Tomadas como fios condutores da nossa escrita, pois ao contar uma história do curso de Licenciatura em Matemática, da Universidade Federal de Rondônia Campus de Ji-Paraná, se aproxima em algumas características do que ocorreu no curso de Ciências da UFMT do Campus de Sinop.

Produzimos um documentário escrito, sob os seguintes fios: as decisões pedagógicas e as decisões administrativas.

Num fio, no qual uma das partes que constituem a história são decisões pedagógicas.

A profissão do professor está ligada a escolhas, a tomadas de decisão como pessoa que age na condução de uma sólida formação profissional do outro. Isso impacta diretamente em sua concepção de vida, ou seja, são decisões que atingem a si e aos outros. Entendemos que a formação profissional específica do professor, seus conhecimentos outros e suas relações com o contexto institucional possibilitaram a minha produção de significado com estes interlocutores que se constituíram para mim em suas ações enunciativas na direção de decisões pedagógicas.

É de posse destas justificações que produzimos uma leitura plausível de algumas percepções dos professores, de como decisões pedagógicas influenciaram no processo de criação do curso de Matemática em Ji-Paraná.

Noutro fio, qual das partes que constituem a história são decisões administrativas.

As decisões administrativas são da ordem dos gestores e se constituem a partir de propostas em micro e macro escala. A decisão de um coordenador de curso, suas considerações, impacta localmente, enquanto as dos elaboradores e gestores de políticas públicas do Ministério da Educação, impactam nacionalmente. Seu poder de decisão é abrangente. Suas tomadas de decisão têm por base as demandas de todo o sistema. Utilizam-se de Leis, Resoluções e projetos de fomento em diversos setores da educação.

Assim, esses fatores são os que constituem fortemente a escrita desta tese em forma de documentário. Não nos apoiamos apenas na leitura das decisões pedagógicas ou decisões administrativas, pura e simplesmente. Mas também nas percepções deste autor sobre sua atuação docente e como participante da história.

### 3 DOS VELHOS TEMPOS A CRIAÇÃO DO ESTADO DE RONDÔNIA.

*Lá por terras da floresta amazônica, 1776.*

**Foi finalizada a construção do Real Forte Príncipe da Beira, à margem do Rio Guaporé.**

Além de importante posto avançado de guarda territorial, sua presença na região deve estimular sua ocupação por gente de toda parte da colônia. Enquanto isto os norte-americanos declaram sua independência do Reino da Grã-Bretanha

*Rio de Janeiro, Capital do Império do Brazil, 15 de janeiro de 1873.*

**O Imperador Dom Pedro II assinou hoje o Decreto-Lei número 5024, autorizando navios mercantes de todas as nações a subirem o Rio Madeira.**

O porta-voz do Palácio informou que esta medida era necessária para permitir o escoamento dos cauchos produzidos na Bolívia e na região de Guajará Mirim. A localidade escolhida para a construção do porto, onde será feito o transbordo, é Santo Antônio do Madeira; está projetada a construção, naquele local, de modernas facilidades de atracação, criando um *porto novo*.

Desde 1846 já se falava, na Bolívia, de escoar a produção daquele país em direção à Europa e aos Estados Unidos, através dos rios amazônicos, e não através do Pacífico. A ideia foi primeiro proposta pelos engenheiros José Augustin Palácios, boliviano, e Rudolf Oscar Kesselring, suíço-alemão, e mais tarde, a partir de 1851, o Tenente Lardner Gibbon estudou, a soldo do governo estadunidense, a viabilidade do empreendimento, concluindo por confirmar a opinião do engenheiro boliviano. Termina por afirmar que seria possível percorrer em 59 dias, pelos rios amazônicos, a rota que tomava 180 dias pela rota do Pacífico, que inclui passar pelo temido cabo Horn; seria necessária apenas a construção de uma ferrovia que permitisse evitar-se o trecho encachoeirado do rio Madeira.

*Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1903.*

**Por fim colocou-se um fim às rugas entre Brasil e Bolívia por conta das questões envolvendo os territórios nas fronteiras entre os dois países, por meio do estabelecimento do chamado *Tratado de Petrópolis*.**

Após a intermediação diplomática do Barão do Rio Branco, Brasil e Bolívia chegaram a um acordo. O Brasil pagou àquele país a quantia de dois milhões de libras esterlinas a título de compensação pela borracha, e indenizou o Bolivian Syndicate (um grupo de capitalistas norte-americanos e ingleses) em 110 mil libras esterlinas, por conta da rescisão de contrato de arrendamento firmado, em 1901, entre esses e o governo boliviano. Fica, assim, definido que as terras do Acre passam em definitivo ao controle do governo brasileiro, enquanto esse concorda em ceder à Bolívia certas terras do Mato Grosso e, principalmente, concorda em construir a *Estrada de Ferro Madeira-Mamoré* (EFMM), o que completará o projeto de permitir que a produção boliviana seja escoada através dos rios amazônicos.

As origens desse tratado podem ser encontradas no Tratado de Ayacucho, de 1867, que pela primeira vez fez recuar as fronteiras com a Bolívia.

Espera-se que este tratado ponha também fim às seguidas aventuras independentistas na região.

*Mato Grosso e Amazonas, 1907.*

### **Ferrovias irá conquistar as corredeiras do rio Madeira**

Quatro anos após o Tratado de Petrópolis estabelecer sua construo pelo governo brasileiro, vão ser iniciadas, finalmente, as obras da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

À frente desta considerável tarefa estará o empreendedor estadunidense Percival Farquhar, que, espera-se, terá sucesso onde já fracassou, por duas vezes, seu conterrâneo George Earl Church. Esta é, desde o início da construo do Canal do Panamá, a primeira grande obra de engenharia, fora dos Estados Unidos, por norte-americanos. Dadas as condioes insalubres da região, onde grassam as doenças tropicais, Mister Farquhar decidiu contratar o eminente científico brasileiro, Oswaldo Cruz, para sanear a região; ainda assim, espera-se grandes dificuldades na questão das enfermidades.

Também  de se notar que, no da 4 de julho deste ano, foi criada a cidade de Porto Velho, como ponto estratégico para o desenvolvimento da região, tanto como base operacional da obra, quanto como base administrativa da região.

*Mato Grosso e Amazonas, 30 de abril de 1912.*

### **Termina a construção da “Ferrovia da Morte”**

A chegada da primeira composição em Gujará-Mirim, cidade fundada naquela mesma data, marcou o final da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Sua inauguração ficou acertada para o princípio de agosto.

A sinistra alcunha de “Ferrovia da Morte” não é injustificada: durante sua construção morreram ali incontáveis trabalhadores, vítimas, principalmente, das doenças tropicais. Diz-se que a ferrovia cobrou, a cada dormente, uma vida humana.

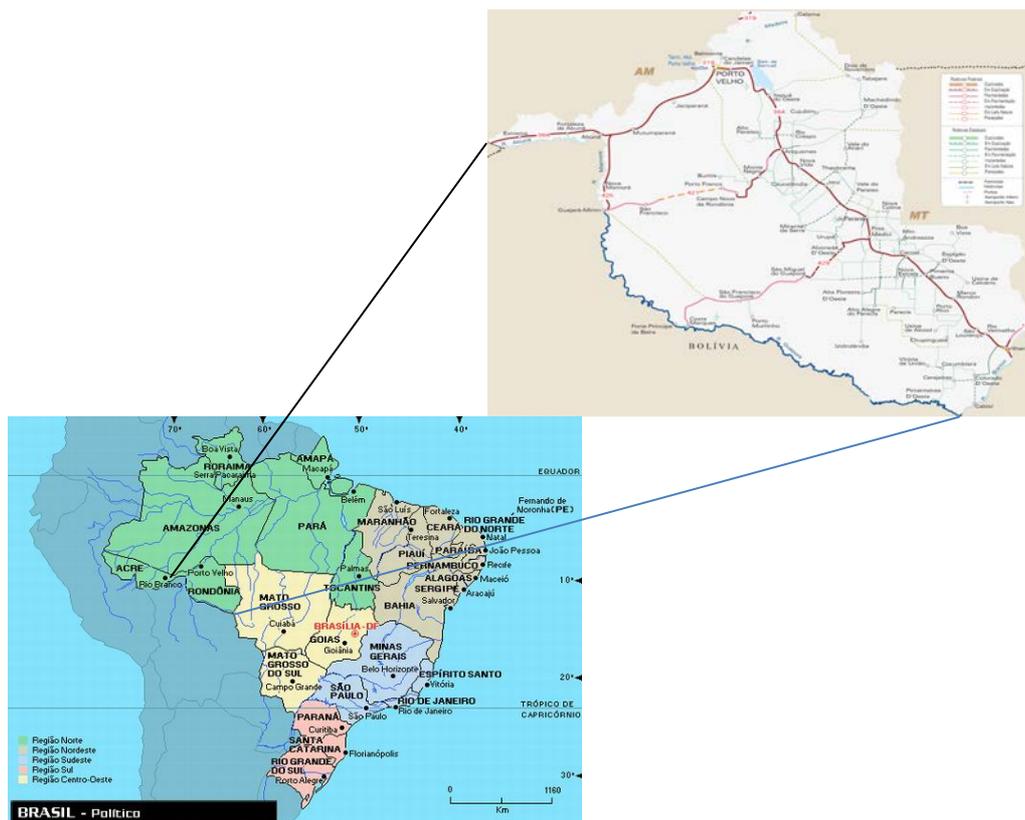
Mister Farquhar queria receber do governo brasileiro, além dos 40 mil contos de réis inicialmente orçados, e já pagos, um adicional de 62 mil contos de réis, argumentando que a construção em região pantanosa fez encarecer em muito o inicialmente previsto; o governo, por sua vez disse que pagava outros 22 mil contos de réis, e nada mais, com o que teve que se conformar, inconformado, o estadunidense. Estadunidense que, por sinal, financiou a compra do primeiro jornal por Assis Chateaubriand, o que deu início a seu império da área das comunicações.

### **Daqui já damos um pulo.**

*Distrito Federal, 1943.*

Foi criado, através do Decreto-Lei 5.812 de 13 de setembro de 1943, assinado pelo Presidente Getúlio Vargas, o território Federal do Guaporé; sua região territorial é definida do seguinte modo: situado no noroeste do estado de Mato Grosso e ao sul do estado do Amazonas, foi constituído por áreas desmembradas desses estados. O território do Guaporé conta apenas com dois municípios: Porto Velho, cuja sede é a capital, e Guajará-Mirim. Definidos pelo Decreto-Lei 5.839 de 21 de setembro de 1943. Com uma superfície de 254.163 km<sup>2</sup> é o mais extenso dos territórios, representando 7,11% da Região Norte e 2,98% da área do Brasil. (Fig 01.)

### **São 30 anos desde o final da construção da ferrovia...**



Fonte: Adaptação da Revista Brasileira de Geografia.

*E mais outro pulo adiante, até 1956...*

Em 17 de fevereiro de 1956 o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira assinou a lei 2.731, aprovando a proposta de mudança de nome do Território Federal do Guaporé para o Território Federal de Rondônia como forma de Homenagear Cândido Mariano da Silva Rondon.

*E, por fim, o Estado de Rondônia!*

Em 17 de agosto de 1981, foi encaminhado pelo presidente da República, João Batista Figueiredo, ao Congresso Nacional, o Projeto de Lei Complementar número 221, que foi aprovado em primeira discussão em 16 de dezembro do mesmo ano e já em 22 de dezembro foi aprovada a Lei Complementar número 41, que criava o Estado de Rondônia.

A instalação do Estado deu-se em 4 de janeiro de 1982, sendo nomeado, então, o coronel Jorge Teixeira como seu primeiro governador. A posse do governo deu-se no mesmo dia e dentre seus principais atos destacam-se a estruturação do Judiciário e a criação do Tribunal de Contas do Estado de Rondônia. Em 7 de junho de 1983, foi aprovada pela Comissão de Revisão Constitucional da Assembleia Estadual de Rondônia a Constituição do Estado.

Disse Teixeira que,

A pavimentação da BR 364 teve o mérito de colocar um fim ao relativo isolamento rodoviário do Estado em relação às demais regiões do país, facilitando o movimento migratório. Em Porto Velho, como consequência desse fenômeno, o crescimento populacional assumiu grandes proporções atingindo em 1991 um percentual de crescimento de 467% em relação à população existente em 1980, infinitamente superior as taxas de crescimento de metrópoles como São Paulo, Rio de Janeiro ou Belo Horizonte. (TEIXEIRA, 2002, p.173)

Com a construção da BR-364, entre Cuiabá e Porto Velho, abrem-se as portas para o início do movimento migratório causado pelas notícias de disponibilidade de terras férteis e baratas, através de propagandas feitas pelas colonizadoras: Calama S/A na região de Ji-Paraná e Itaporanga S/A, na região de Espigão do Oeste. Rondônia despertava para o Brasil com suas riquezas, um povo consciente de seu direito de possuir um pedaço de terra, brasileiros de todas as regiões do país se colocava em marcha para chegar a Rondônia e iniciar uma nova vida.

Conforme observa Teixeira (2002)

Nos territórios federais, as terras eram de propriedade da União e definidas como devolutas federais. Por volta de 1970 o INCRA iniciou os primeiros projetos de colonização: o Projeto Ouro preto, Projeto Ji-Paraná, Projeto Sidney Gião, Vilhena e Burareiro. [...] O INCRA não conseguiu efetuar o assentamento sequer de 1/3 das famílias que chegaram a região, justificando-se pela falta de verbas para esses projetos. (TEIXEIRA, 2002, p.173).

Com o crescimento meteórico da população, que se deu pelo eixo da BR 364 e pelo o vale do alto Madeira, em 1977 cria-se mais cinco municípios: Cacoal, Ariquemes, Rondônia, Pimenta Bueno e Vilhena. Na contra mão com relação ao Brasil continuava crescendo. Em 1981 foram criados novos municípios alguns fora do eixo da BR são eles: Colorado do oeste, Espigão do Oeste, Presidente Médici, Ouro Preto do Oeste e Costa Marques.

Os primeiros cursos de Ensino Superior, em Rondônia surgiram na década de 1980, ministrados, inicialmente, pela Universidade do Rio Grande do Sul e posteriormente pela Universidade Federal do Pará e não ficaram apenas na capital, mas também no interior do Estado. Em 1982 pela Lei nº 7011, de 08 de julho foi criado a Universidade Federal de

Rondônia (UNIR), após a criação do Estado de Rondônia pela Lei Complementar nº 47 de 22 de dezembro de 1981.

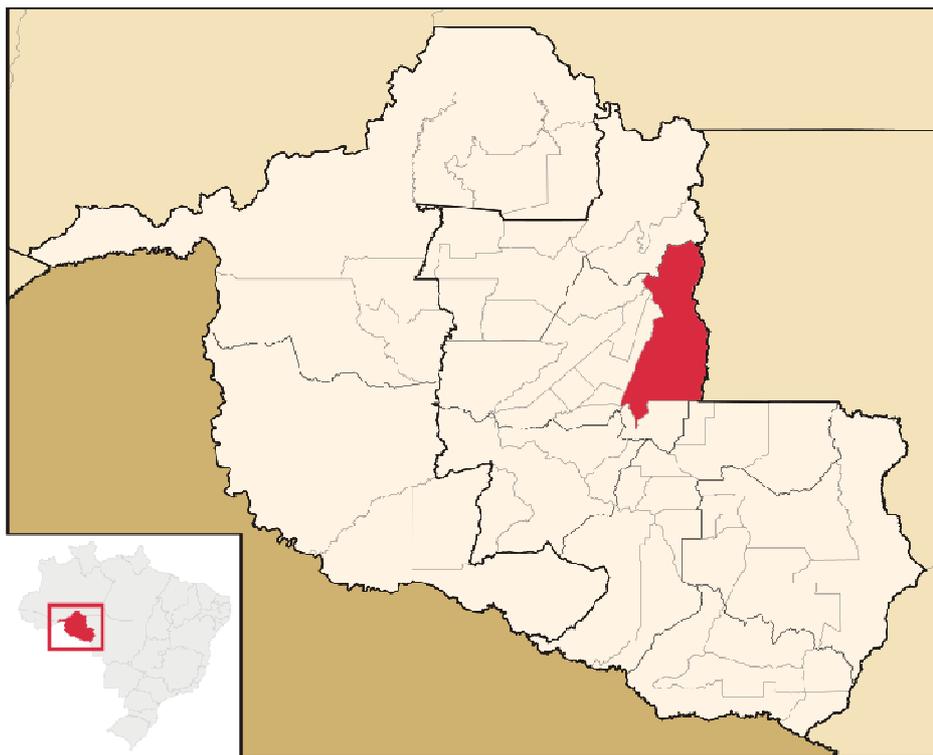
*Chegamos a Ji-Paraná*

O município de Ji-Paraná foi criado inicialmente como distrito com a denominação de Rondônia, pela Lei nº 7470 de 17 de abril de 1945, subordinado ao município de Porto Velho.

Após a fase da borracha, com seus altos e baixos, o desbravador Cândido Mariano da Silva Rondon desempenhou importante papel, construindo a primeira Estação Telegráfica, ligando Cuiabá e Porto Velho, a que denominou de Presidente Pena, em homenagem ao então Presidente da República Afonso Augusto Moreira Pena. Nesta mesma época estava sendo construída a Ferrovia Madeira-Mamoré, que com a integração telegráfica ajudou a ocupar e acabar com o isolamento na região.

Ao redor da casa do Marechal Rondon o povoado evoluiu, dando origem ao atual centro do município de Ji-Paraná. A partir de 1968, milhares de imigrantes, oriundos principalmente da região Sul do país, chegaram à região, atraídos pela crescente mecanização na lavoura. Atualmente, a cidade conta com aproximadamente 120 mil habitantes vindos de todos os estados, descendentes de antigos seringueiros, garimpeiros e índios.

A atual cidade de Ji-Paraná já foi denominada sucessivamente Vila Urupá, Presidente Penna e Vila de Rondônia. Em 11 de outubro de 1977, o presidente Ernesto Geisel concedeu emancipação política à Vila de Rondônia, que através da lei nº 6.448 deu autonomia ao município, transformando-o na atual Ji-Paraná. A instalação aconteceu no mesmo ano, no dia 22 de novembro, pertencendo, porém, à Comarca de Porto Velho, até o dia 29 de fevereiro de 1980, quando através da lei nº 6.750 de 10 de dezembro de 1979, deu-se a instalação do Município de Ji-Paraná.



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ji-paran%C3%A1#mediaviewer/File: Rondonia\\_Municip\\_JiParana.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ji-paran%C3%A1#mediaviewer/File:Rondonia_Municip_JiParana.svg), Acesso em 24/02/2015

Elevado à categoria de município com a denominação de Ji-Paraná, pela lei federal nº6.448 de 11 de outubro de 1977, desmembrado do município de Porto Velho, com sede no atual distrito de Ji-Paraná (Ex-Rondônia). Constituído de 3 distritos: Ji-Paraná. Ouro Preto e Presidente Médici, todos criados pelo mesmo decreto Federal acima citado, instalado em 21 de novembro de 1977. Em divisão territorial datada de 1º de janeiro de 1979, o município é constituído de 3 distritos: Ji-Paraná. Ouro Preto e Presidente Médici.

Na data de 16 de junho de 1981, através da Lei nº 6921, desmembram-se do município de Ji-Paraná os distritos de Ouro Preto e Presidente Médici, elevando-os à categoria de município sendo que Ouro Preto com a denominação de Ouro Preto do Oeste. Em 1º de junho de 1983, acontece a divisão territorial do município de Ji-Paraná.

### ***O ensino superior***

*Em 1973 chega uma extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

Instalam-se os primeiros cursos superiores em Porto Velho, através de um convênio com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, assinado pelo Governo do Território, visando atender as reivindicações da população, qualificando melhor a mão de obra existente no então Território (Albuquerque & Maia, 2008).

É criada a Fundação Centro de Ensino Superior de Rondônia - FUNDACENTRO

Criada em 08 de julho de 1975, pela lei municipal N<sup>o</sup> 108, a FUNDACENTRO tinha como objetivo fundamental, implantar, promover e ministrar o ensino superior no Território, atuando no ensino de pós-graduação com a pesquisa e a extensão universitárias.

Encerram-se as atividades de ensino da FUNDACENTRO com a criação da Universidade Federal de Rondônia em julho de 1982, que agrega toda a estrutura da extinta FUNDACENTRO.

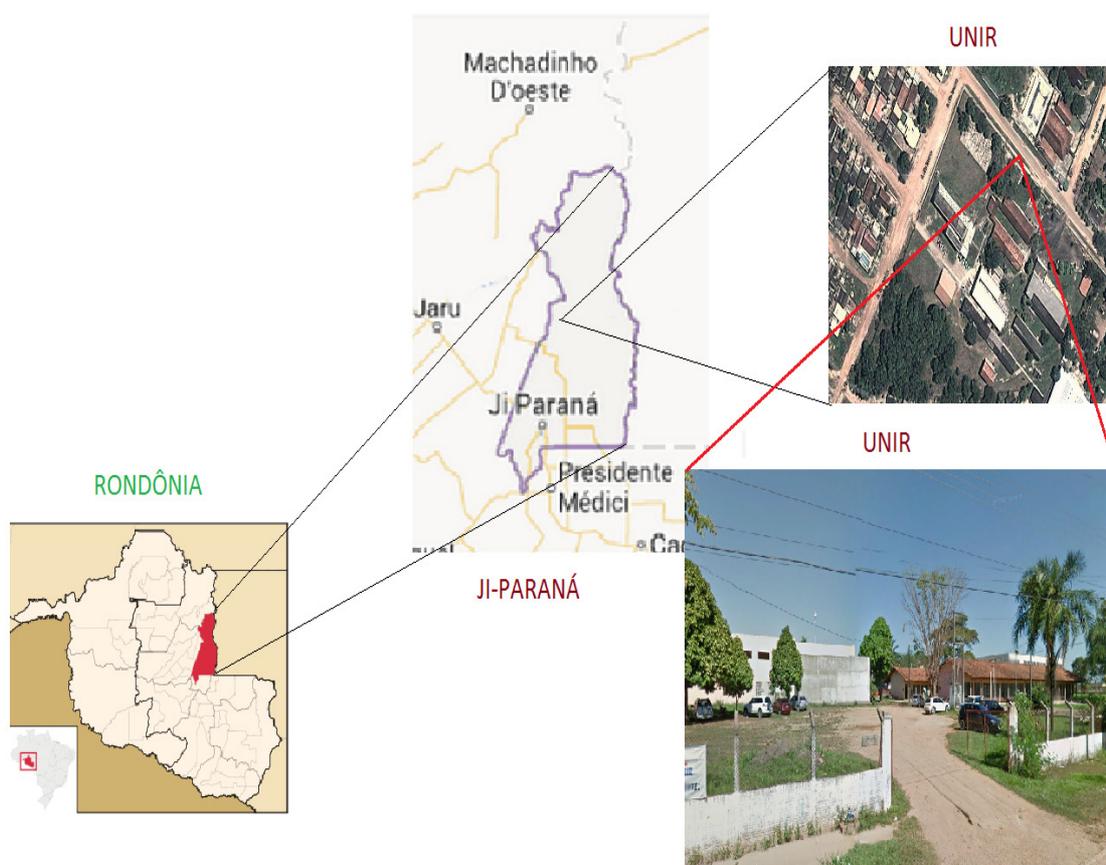
*Em 1976 o Núcleo da Universidade Federal do Pará – NUFPA.*

Através do Convênio de 18 de maio de 1976, assinado entre o Governo do Território Federal e a Universidade Federal do Pará – UFPA. O Centro de Educação começa suas atividades em Porto Velho. Fazia parte do plano Governamental, treinar, habilitar em educação professores, pois a demanda de profissionais que atendessem as áreas de atividades educacionais era grande.

De acordo com relatório datado de fevereiro de 1980 estavam funcionando três Cursos em Porto Velho e dois em Ji-Paraná, de Licenciatura Curta. Em 1985 o Núcleo da Universidade Federal do Pará – NUFPA , encerra sua atividades, com a colação de grau das últimas turmas, Pedagogia-Orientação Escolar. (Albuquerque & Maia, 2008).

A intenção aqui foi mostrar de maneira sucinta o que aconteceu na Região, da colonização até a criação do estado de Rondônia, apoiados nas decisões tomadas em todos os hábitos dos poderes e nos movimentos migratórias, que garantiram a exploração e crescimento do Estado.

A imagem abaixo ilustra o caminho percorrido pelo texto para chegarmos a Universidade Federal de Rondônia Campus de Ji-Paraná objeto de nosso estudo.



Fonte: Arquivo do autor.

A parti daqui produziremos os eventos pautados na experiência e vivência dos entrevistados sobre a criação do Campus de Ji-Paraná. Será que os acontecimentos foram vistos da mesma forma por todos? Até que ponto as tomadas de decisões se constituem coerentes com a realidade?

#### 4 UNIR CAMPUS DE JI-PARANÁ, UMA REALIDADE!

*Porto Velho, 28 de junho de 1985. Acontece na UNIR.*

##### **A Universidade Federal de Rondônia sofre intervenção**

Na sua criação, em 1982, a Universidade Federal de Rondônia começa com os seguintes cursos: Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas. Em 1983 são criados os cursos de Licenciatura em Geografia, Licenciatura em História, Licenciatura em Letras, Licenciatura em Pedagogia e Licenciatura em Ciências com Habilitação em Matemática. A partir deste ponto, a Instituição não cresce de forma organizada e promissora. Passa por problemas em todos os âmbitos, entre eles denúncias de corrupção, favorecimentos e a pressão dos docentes pedindo eleição para Reitor. O MEC (Ministério da Educação e Cultura) decide pela intervenção.

Em 28 de junho de 1985, na Capital do Estado, Porto Velho, assume interinamente a Reitoria da Universidade Federal de Rondônia o Professor Antonino Martins da Silva Júnior, como interventor. Com a missão de organizar e fazer a universidade trilhar novamente o caminho do ensino, da pesquisa e da extensão. O desafio era tirar a universidade, ora desacreditada pela comunidade, da situação em que se encontrava.

*Em entrevista, o professor Eudes Barroso Júnior relembra os fatos:*

Houve um processo de intervenção na universidade por parte do MEC, é substituído o reitor Euro Tourinho Filho, então assumiu o prof. Antonino Martins da Silva Júnior, interventor vindo da Universidade de Uberlândia. O prof. Antonino percebeu que a Instituição era muito falha em sua estrutura, ocasionando problemas, em termos organizacionais e operacionais, importantes para uma instituição de nível superior.

*Vejamos o que diz o professor Osmar Siena:*

São muitos os acontecimentos daquela época, incluindo situação conflituosa do corpo docente com a direção. Mas penso que dois fatos contribuíram muito para a transição: movimento do corpo docente, com grande pressão para realização de eleições para reitor e vice-reitor; a necessidade de a UNIR apresentar as condições para ingressar no programa de financiamento da construção do *Campus*, cujo prazo estava se esgotando sem que a

Universidade resolvesse as questões locais, entre elas o oferecimento de uma área desembaraçada.

As questões documentais foram resolvidas, a universidade recebe apoio financeiro para a construção do Campus José Ribeiro Filho, inaugurado em 1988, através do Programa de Desenvolvimento de Universidades Brasileiras MEC/BID-III, que viabilizou o projeto do Campus de Porto Velho. Como comenta o professor Osmar Siena na sua fala logo acima.

*A palavra de ordem é reestruturação da UNIR.*

**As mudanças continuam com o novo Estatuto da UNIR, aprovado pela Portaria 160/MEC, de fevereiro de 1988.**

O novo grupo da Reitoria assume, e uma das primeiras providências foi iniciar as discussões para definir e regulamentar o processo eleitoral para os cargos de Coordenador de curso, Diretor de núcleo, de Reitor e Vice-reitor da Universidade. A reestruturação da universidade passa por todos os âmbitos. Foi elaborado um estudo, um levantamento, das necessidades da comunidade e do Estado com relação ao ensino superior.

*Veja o que disse o professor Eudes Barroso Júnior com relação ao Curso Ciências com Habilitação em Matemática:*

A reformulação foi de uma forma planejada e montada uma estrutura em nível de pesquisa, sob a coordenação de um consultor custeado pelo MEC, onde foi feito um levantamento de que curso realmente era o adequado à realidade e qual era o perfil do profissional que deveríamos formar em Rondônia.

A pergunta é: Como foi desenvolvida essa pesquisa? O professor Eudes Barroso Junior afirma que o levantamento das demandas locais foi realizado, e posteriormente avaliado, no entanto a professora Maria das Graças Viana de Souza Diogo afirma que as decisões foram tomadas unilateralmente. E que não ouviu falar dessas pesquisas na Instituição.

*A professora Maria das Graças afirma que:*

A universidade era muito pequena, sabíamos de tudo, mas o poder de decisão estava na mão de uma minoria, uma minoria pequena, bem pequena.

*Primeiros passos para interiorização, no final da década de 80.*

### **A extensão da Universidade Federal de Rondônia começa**

As primeiras articulações político-administrativas sobre a interiorização da UNIR ocorreu na gestão do professor Antonino, entre os anos de 1986 e 1987, como afirmaram os professores Osmar Siena e Eudes Barroso.

Foi na sua administração que as decisões e estratégias foram pensadas em prol da interiorização. Com o Estado em pleno crescimento, apresentando intenso ciclo migratório, explode o desenvolvimento desordenado ao longo da BR-364, apoiado pelos projetos federais de colonização.

Era papel da UNIR formar mão de obra para atender à demanda presente. A carência de profissionais em todas as áreas era latente, a educação possuía os piores números em todos os setores. A falta de professores se tornou a primeira preocupação; com um número reduzido, não atendia a população. Em especial os professores da área das exatas, professores de Matemática, Física, Química e Biologia.

Diante destas conjunturas para a educação no Estado, a universidade define o caminho da expansão a partir de cursos de licenciatura tais como: letras, pedagogia, história, geografia, em especial o curso de Licenciatura em Ciências do 1º Grau.

*O professor Osmar Siena afirma que a interiorização era meta desde o início da Universidade:*

Ainda na gestão do Euro Tourinho (primeiro Reitor), foi elaborado o primeiro plano de desenvolvimento da UNIR. Conheço o documento e provavelmente tenho ele em algum lugar, mas não está em mãos no momento. Nesse plano foi prevista a interiorização da UNIR para cinco cidades consideradas polo naquele momento: Porto Velho, Ariquemes, Ji-Paraná, Vilhena e Guajará-Mirim. A prioridade inicial seria a formação de profissionais, especialmente para a Educação. Por isso, o início com curso de Ciências (grande carência).

Será que o curso de ciências foi uma boa escolha? Ou foi uma decisão observando o cenário nacional? Apresentaremos a seguir alguns fatos que nos ajudarão a entender os acontecimentos.

O Governo Federal fazia na época ajustes na política nacional para as licenciaturas, através da Resolução 030 do Conselho Federal de Educação, que trazia o seguinte:

Resolução nº 30/74 do Conselho Federal de Educação, cria uma única Licenciatura de Ciências com habilitação específica para o 1º grau ou para o 1º e 2º graus. Tornou obrigatória a unificação das Licenciaturas na área de Ciências Físicas e Biológicas e de Matemática, transformando-as em uma única licenciatura.

Em 1975, através da Resolução 37/75 do CFE, determinou-se que o prazo final para esta conversão seria o início do ano letivo de 1978, quando a Estrutura Unificada das Licenciaturas deveria substituir as Licenciaturas Plenas de Matemática, Física, Química e Ciências Biológicas.

*O professor Eudes Barroso cita a Resolução 030/74 como referência:*

Sou o primeiro coordenador eleito para o curso de Matemática, e logo de início fizemos uma grande reformulação na grade curricular, uma reformulação onde foi de uma forma planejada e montada uma estrutura a nível de pesquisa sob a coordenação de um consultor custeado pelo MEC, onde foi feito um levantamento de que curso realmente era o adequado à realidade, qual era o perfil do profissional que deveríamos formar em Rondônia. Essa reformulação, ela foi verificada por diversos âmbitos, não só no âmbito em relação ao corpo docente, como discente, como a própria comunidade foi consultada, e chegou-se à conclusão que naquele momento o curso de licenciatura em ciências com habilitação em matemática – curso que é regulamentado pela Resolução 30 do CFE - Conselho Federal de Educação, onde ele visa formar profissionais de uma forma mais rápida, profissionais para atuar na área de Física, Química, Biologia e Matemática, as ciências básicas.

*A realidade de Porto Velho com relação ao curso de Matemática.*

A dificuldade de mão de obra para atender a educação no Estado era grande, faltavam professores para atender a todos os níveis de ensino, principalmente professores de Matemática, Física, Química e Biologia. A universidade precisava formar os professores nestas áreas.

*Professor Eudes fala das dificuldades:*

Para você ver que a dificuldade de licenciados, mesmo para trabalhar no curso, era grande, nós tínhamos inclusive no nosso departamento engenheiros, muitos engenheiros ocupavam o espaço de um profissional habilitado em matemática por causa da falta de licenciados.

**Primeiro passo oficial rumo a Ji-Paraná**

*A Portaria 183/GR de 01 de junho de 1988 (documento abaixo).*

Esta portaria mostra uma ação da administração com relação à interiorização, mais especificamente a criação do Campus de Ji-Paraná. Tal documento não se refere ao Campus. De fato, ele apenas designa o prof. Eudes Barroso Junior para dar assessoria ao curso de Matemática nos Municípios de Ji-Paraná e Vilhena. Também da sustentação as afirmações do professor Eudes em sua entrevista.

Neste mesmo período ocorria uma discussão no Departamento de Ciências Exatas no Campus de Porto Velho. O tema abordado era a substituição do Curso de Matemática pelo curso de Ciências. Segundo o prof. Eudes Barroso Junior, o teor das discussões tendia para atender ao que preconizava a Resolução 030/75 do CFE.

O curso escolhido para que a Universidade Federal de Rondônia se tornasse uma instituição multicampi foi o Curso de Ciências do 1º Grau.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE RONDONIA



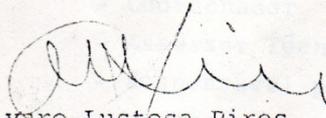
PORTARIA Nº 183/GR, 01 de junho de 1988.

O Reitor da Fundação Universidade Federal de Rondônia, Prof. Álvaro Lustosa Pires, no uso de suas atribuições legais,

R E S O L V E:

Art. 1º - Designar o Prof. Eudes Barroso Junior para prestar assessoramento nos municípios de Ji-Paraná e Vilhena, junto à Coordenação dos Cursos de Matemática implantados naqueles municípios, no período de 06 a 11 de junho de 1988.

Art. 2º - Esta Portaria entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário. e

  
Álvaro Lustosa Pires  
Reitor

*Os acontecimentos vistos mais de perto.*

As decisões foram tomadas. O professor Eudes é chamado e recebe a missão de criar o curso de Ciências do 1º grau. As cidades escolhidas são Ji-Paraná e Vilhena. Mesmo argumentando com fatos que impossibilitavam a realização da tarefa, o professor aceita o desafio.

*Professor Eudes diz: “Vou a Ji-Paraná criar o Campus da Unir.”*

O professor Antonino Martins da Silva, então, em reunião comigo, disse: “olha, professor, nós vamos instalar o curso em Vilhena e Ji-Paraná, nós vamos implantar os campi.” Eu, naquele momento, disse ao professor, já sabendo das dificuldades em Porto Velho: “em que situação a pessoa quer implantar, já que tem uma falta de estrutura muito grande em tudo aqui em Rondônia?” Ele disse assim: “olha, nós vamos ter que fazer isso, e o que você precisar, me telefona que a gente corre para resolver isso aí, os problemas que aí vierem. Tá bom?” Então eu fui para Ji-Paraná.

A universidade chega a Ji-Paraná, apenas com as juras dos poderes políticos estaduais e municipais. Começa a funcionar em prédios emprestados e divididos com outras modalidades de ensino. O Campus de Ji-Paraná existia apenas no projeto de expansão da UNIR, sem professor, sem prédio e sem recurso financeiro, apenas promessas.

*Veja o que o professor Osmar Siena afirma após a seguinte pergunta: A classe política participou do processo?*

Sem dúvidas que houve participação da “classe política”, até porque a UNIR começa as atividades no interior, em Ji-Paraná e Vilhena, em locais inicialmente cedidos e depois doados pelo Município em Vilhena e pelo Estado em Ji-Paraná. Além disso, para o início das atividades foram firmados convênios com a municipalidade.

Os relatos do professor Eudes Barroso sugerem a influência dos poderes públicos estadual e municipal. Os gestores da época participaram da adaptação das estruturas físicas para que as aulas acontecessem, que o professor chama de estrutura mínima. Estrutura essa composta por sala de aula, uma biblioteca e salas para Secretaria e para os professores.

Tivemos as primeiras reuniões com o prefeito Jotão e o procurador da universidade, na época o Dr. Pedro Origa Neto, onde a prefeitura de Ji-Paraná, com seu interesse de ser implantado o campus da universidade federal, juntamente com a câmara de vereadores, inclusive sedia até o espaço para construção. Então nós estivemos negociando. Foi feita minuta de cessão de terreno e eles, inclusive, naquele momento, me perguntaram o que é que eu estava precisando. Eu disse: “olha, eu quero o espaço para começar. Eu sei que construir de uma hora para outra não vai ser fácil, mas vamos encontrar algum local.” Então foram colocadas as instalações no antigo supletivo da SEDUC, uma estrutura com duas ou três salas e uma secretaria, tudo construído de madeira, à nossa disposição.

### **Os documentos que aproximaram os poderes e garantiram a criação da UNIR-JP**

*Convênio 001 de 24 de junho de 1988.*

Foi com a Prefeitura Municipal de Ji-Paraná que a UNIR assinou seu primeiro Convênio que garante a extensão universitária: foi o Convênio Número 001 entre a Fundação Universidade Federal de Rondônia e a Prefeitura Municipal de Ji-Paraná, que celebra a cooperação financeira e administrativa entre elas. A proposta garantiu a permanência do curso de Ciências e viabilizou a criação de outros cursos do terceiro grau. Tal convênio obrigou o município a garantir estrutura física para atender às demandas do curso de Ciências, e depois às atividades desenvolvidas pela UNIR no Município.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE RONDÔNIA

UNIR Ji-Paraná

~~PRAC. ARQ~~

CONVENIO Nº 001, que celebram a Unir e o Município de Ji-Paraná, objetivando a cooperação financeira e administrativa do Campus Urupá da Fundação Universidade de Rondônia.

Aos vinte e quatro dias, do mês de junho de hum mil novecentos e oitenta e oito, FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE RONDÔNIA - Unir, fundação de direito privado, devidamente representada por ser Reitor ÁLVARO LUSTOSA PIRES, doravante denominada simplesmente UNIVERSIDADE e o Município de Ji-Paraná, pessoa jurídica de direito público interno, representada por seu Prefeito ROBERTO JO-TÃO GERALDO, doravante denominado simplesmente MUNICÍPIO, resolvem celebrar o presente Convênio, mediante as cláusulas e condições, a seguir discriminadas, e que, voluntariamente, aceitam e outorgam:

CLÁUSULA PRIMEIRA - Objeto

O presente Convênio tem como objeto a cooperação financeira e administrativa para realização de atividades de ensino, pesquisa, extensão e administração do Curso de Graduação em Ciências da Unir e elaboração de novos projetos com a finalidade de se criar novos cursos de extensão de 3º Grau, a serem implantados no Município e ministrados pela Universidade.

CLÁUSULA SEGUNDA - Obrigações

- 1 - Constituem obrigações do MUNICÍPIO:
- a - tomar todas as providências no sentido de consumir a doação dos terrenos cuja posse precária foi transmitida pelo Decreto Municipal nº 941, de 23 de junho de 1988;
  - b - dotar a biblioteca da UNIR dos livros identificados no projeto de implantação já aprovado pelo MEC;
  - c - fornecer todo material permanente necessário ao desenvolvimento normal das atividades do curso já em funcionamento e relativo à parte administrativa, atividades docentes e discentes ligadas à biblioteca e outras atividades extra classe;

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE RONDÔNIA



Fl. 02

d - colocar à disposição da UNIR, sem ônus para a mesma, todo o pessoal docente e administrativo, necessário ao regular prosseguimento das atividades e implantação de futuros cursos, excetuando-se os coordenadores;

e - fornecer todo o material de consumo e mão de obra necessários à realização de pesquisa conjunta com a UNIR, visando elaboração de projetos com a finalidade de implantar novos cursos de extensão;

f - fornecer todo serviço de manutenção e limpeza das instalações ocupadas pela UNIR, e encargos decorrentes dos serviços de água, luz e telefone.

2 - Constituem obrigações da UNIR:

a - manter a regularidade do funcionamento do Curso de Extensão de Ciências já em desenvolvimento;

b - participar da pesquisa e elaborar para implantação de novos cursos de extensão, obedecendo-se à legislação em vigor;

c - fornecer todo material de consumo necessário às atividades administrativas e laboratoriais;

d - proporcionar a realização de cursos de teinamento; encontros, seminários, conferências, ciclos de palestras, cursos de autorização, assessorias, consultorias e prestações de serviços ao Município ou a quem o mesmo indicar, estabelecendo-se, em cada caso, as bases da realização.

CLÁUSULA TERCEIRA - Prazo e vigência

O prazo de duração do presente convênio é de quatro anos, automaticamente prorrogável pelo prazo necessário à aprovação dos projetos e implantação de novos cursos de extensão.

CLÁUSULA QUARTA - Forma de comunicação

Os convenientes utilizarão a correspondência epistolar como forma de estabelecer o correto relacionamento entre as partes.

CLÁUSULA QUINTA - Representante das partes

A UNIR será representada por um assessor técnico a ser designado pelo Reitor.

*[Handwritten signature]*

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE RONDÔNIA



Fl. 03

O MUNICÍPIO será representado pelo Secretário Municipal de Educação e Cultura.

As decisões de ambos os representantes deverão estar devidamente autorizados pelos seus superiores hierárquicos.

CLÁUSULA SEXTA - Rescisão

O presente convênio será rescindido em caso de não cumprimento por qualquer das partes de qualquer cláusula pactuada.

CLÁUSULA SÉTIMA - Aditamento

O presente convênio poderá ser objeto de aditamento havendo conveniência das partes.

CLÁUSULA OITAVA - Foro

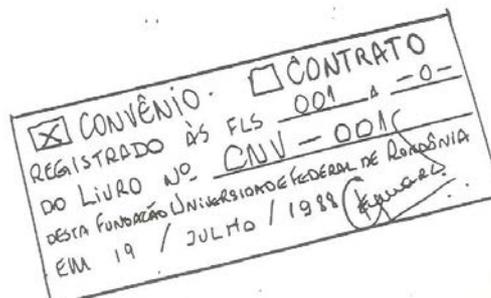
Elege-se o Foro da Comarca de Porto Velho, a fim de dirimir quaisquer questões oriundas do presente convênio.

E, por estarem justos e consensualmente pactuados lavram o presente instrumento de Convênio em quatro vias de igual teor que, lido e achado conforme, vai assinado pelas partes conveniadas para que produza seus efeitos legais.

Porto Velho, 24 de junho de 1988.

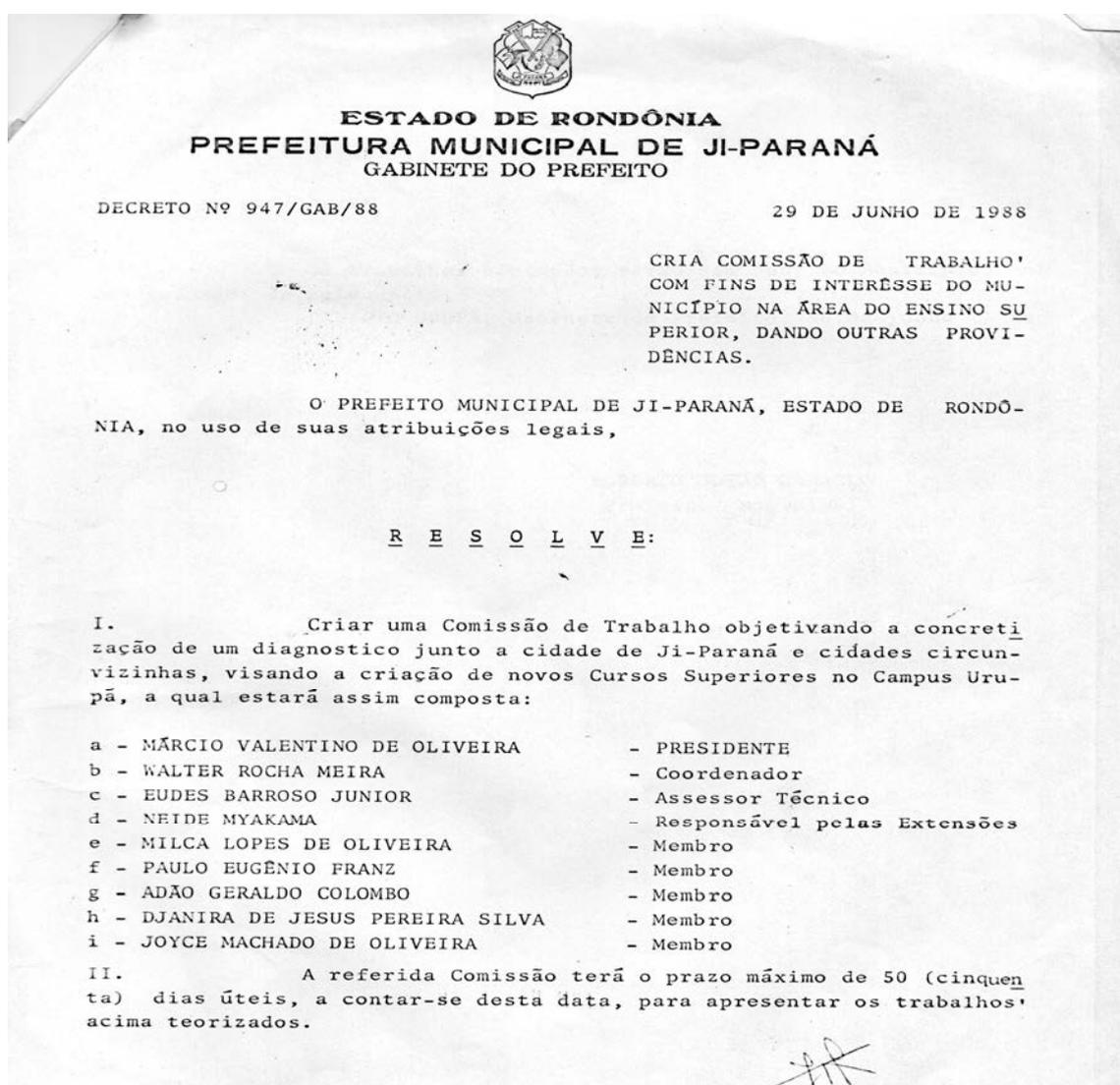
  
ÁLVARO LUSTOSA PIRES  
Magnífico Reitor

  
ROBERTO JOVIAS GERALDO  
Prefeito Municipal



Decreto 947/GAB/88.

De fato algumas decisões foram registradas. Um dos documentos é o Decreto Nº 947/GAB/88 da Prefeitura de Ji-Paraná, constituindo uma comissão para estudar a viabilidade da criação de novos cursos superiores no Campus Urupá (nome dado à UNIR campus de Ji-Paraná, no início da sua criação; porém, tal nome não aparece nos documentos da Instituição). Um ponto a se considerar neste documento é sua intenção, que é a criação de novos cursos superiores no Campus Urupá. Uma extensão da universidade com apenas um curso – Ciências do 1º grau – já serve de inspiração para a criação de novos cursos.



Entre os membros da equipe estava o professor Eudes Barroso Júnior, como assessor técnico. O professor comenta sobre a estrutura que se desenhava na época:

O Conselho Departamental era formado por todos os chefes de departamento de todos os cursos e os representantes de alunos. Muito interessante a estrutura: tinha o curso, o coordenador, o chefe de departamento e o colegiado do curso, que era formado por três professores eleitos e o aluno representante, também eleito, e esse colegiado decidia as coisas do curso na primeira instância, que voltava para o departamento e era votado no Conselho Departamental. O curso era vinculado ao departamento, que tinha o coordenador e o chefe de departamento, tinha o colegiado do curso. Muitas coisas de Ji-Paraná foram trazidas para o colegiado daqui do curso de matemática de Porto Velho. Eu mesmo fui coordenador, e depois, no período do prof. Lustosa, fui colocado como assessor técnico do curso de matemática de Ji-Paraná, para qualquer coisa discutir as coisas aqui em Porto Velho.

### **O curso de Ciências do 1º Grau começa de fato em Ji-Paraná.**

*A primeira aula acontece.*

A primeira turma do curso de Licenciatura Curta em Ciências – Ciências do 1º Grau principia com 30 alunos, que foram aprovados no processo seletivo de vestibular no ano de 1988. O projeto do curso foi aprovado através da Resolução 051/CONSEPE/UNIR apenas em 22 de novembro de 1990, data em que a primeira turma, com 15 alunos, conclui o curso.

*Os detalhes do primeiro dia de atividades são narrados pelo prof. Eudes:*

Lá na Vila Jotão, o galpão todo de madeira, e eu fui pra lá, e olhei toda a estrutura, eu disse: “olha, para começar o noturno tudo bem, mas vai se expandir, nós temos que arrumar outro espaço, e a prefeitura tem que colaborar.” Os professores ficaram de ser cedidos pelo governo do estado, onde foram selecionados por mim através de currículos e entrevista. Então todos eles selecionados nas áreas específicas, eu mesmo entrevistei todos e solicitei a lista para a SEDUC e encaminhei ao reitor, e o reitor pediu ao governador e o governador cedeu estes professores, certo? Então foi realizado um vestibular, aprovados os alunos e foi marcada a data do início das aulas, e eu fui para Ji-Paraná, até porque eu tinha também que ter uma reunião com os professores para dizer como e qual era o perfil do curso, como é que eu imaginava o curso, que as coisas não poderiam ser soltas,

que a gente ia formar gente para trabalhar em sala de aula, licenciados. Porque o meu receio era fugir dos objetivos em relação à própria estrutura do currículo, então a mesma coisa que eu fazia aqui em Porto Velho, me reunia com os professores, disse: “olha, você trabalha isso aqui desta maneira, essa aqui de outra.”

### **Abrimos aqui uma lacuna para falar dos cursos de Matemática e Ciências do Campus de Porto Velho.**

#### *O curso de Matemática em Porto Velho.*

O livro intitulado “A trajetória do ensino superior público em Rondônia”, escrito por Eva da Silva Albuquerque e Moacyr Boris Rodrigues Maia, trata da história do ensino superior público no Estado de Rondônia. Apresenta, nas páginas 78 e 79, os primeiros vestígios da criação do curso de matemática na Universidade Federal de Rondônia.

Os autores contam que:

A Pró-Reitoria Acadêmica elaborou estudos sobre a situação do ensino superior em Rondônia e apresentou à Reitoria, que por sua vez encaminhou ao MEC o Ofício 04/GR, de 17 de janeiro de 1983.

Que apresentava uma proposta de atividades para os dois semestres de 1983. Em março do mesmo ano, a assessora técnica do MEC, Núbia Macedo, apresentou a Reitoria da UNIR a INFORMAÇÃO número 04/83 recomendando a absorção dos cursos oferecidos pela Universidade Federal do Pará, através de um projeto de extensão. Informando a disponibilidade de recursos com vistas a cobrir despesas referentes aos cursos de História, Letras, Geografia, Educação Física, Pedagogia e MATEMÁTICA. (ALBUQUERQUE e MAIA, 2008)

A Professora Maria das Graças era professora deste curso de Licenciatura em Matemática. Ela conta que o curso era uma extensão da Universidade Federal do Pará. Foi participante da comissão de elaboração e implantação da Universidade Federal de Rondônia, que absorveu o curso de Matemática da UFPA.

A contratação dos professores pela Universidade Federal de Rondônia, na sua fase de implantação, foi através do enquadramento direto de professores que lecionavam nos cursos superiores de outras Instituições em Porto Velho.

Entre os enquadrados estavam o professor Eudes Barroso Júnior e a professora Maria das Graças de Souza Viana Diogo. O referido professor aponta fatos historicamente

importantes para entendermos as mudanças ocorridas no curso de matemática em Porto Velho.

*O curso de Ciências em Porto Velho.*

Em 1985, o curso de Licenciatura em Matemática é substituído pelo curso de Ciências com Habilitação em Matemática. O objetivo era formar a comunidade não apenas em matemática, mas sim nas outras áreas das ciências básicas, que também sofriam com a carência de mão de obra.

A proposta era contemplar as áreas de biologia, física e química. Essa contemplação não foi tarefa fácil, pois, apesar de o curso de matemática possuir professores das áreas citadas, a negociação de um consenso gerou uma grande discussão no departamento. Vejamos o que conta o professor Eudes:

Fui o primeiro coordenador eleito para o curso de Matemática, e, logo de início, fizemos uma grande reformulação na grade curricular. Uma reformulação onde foi de uma forma planejada e montada uma estrutura no nível de pesquisa, sob a coordenação de um consultor custeado pelo MEC, onde foi feito um levantamento de que curso realmente era o adequado à realidade e qual era perfil do profissional que deveríamos formar em Rondônia. E essa reformulação, ela foi verificada por diversos âmbitos, não só no âmbito em relação ao corpo docente, como discente, como a própria comunidade foi consultada, e chegou-se à conclusão que naquele momento o curso de licenciatura em ciências com habilitação em matemática – curso que é regulamentado pela Resolução 30 do Conselho Federal de Educação, onde ele visa formar profissionais de uma forma mais rápida, profissionais para atuar na área de Física, Química, Biologia e Matemática (as ciências básicas); justamente a área mais carente no Brasil, na época, e Rondônia, principalmente. Porque o curso de licenciatura em Ciências com habilitação em Matemática não era dispendioso, pois utilizaríamos profissionais de outras áreas, uma boa sala, materiais simples e formaríamos profissionais para atuar nas ciências básicas.

A professora Maria das Graças foi uma das pessoas que discorreu da proposta e apontou a influência do MEC nas tomadas de decisão dentro da Universidade:

A universidade era pequena, muito pequena, sabíamos de tudo, mas a decisão é tomada por poucos, que recebiam muita pressão das instâncias superiores. Não houve negociação, pois isso aí foi uma decisão do MEC, que os cursos iam mudar as propostas, as disciplinas, tudo isso aí. Matemático não vai querer desmanchar curso dele. Matemático quer matemática. Quando coloca Ciências com Habilitação em Matemática, perde o foco do curso dele. Se não fosse uma proposta do MEC, ninguém ia fazer isso, entendeu? As pessoas podem participar e dizer que aconteceu tudo isso, e não estão errados. É uma visão de outro ângulo; as coisas podem ser vistas de vários ângulos. Te digo: essa foi uma política do MEC, entre aspas, negociada, lógico, né? O MEC não ia chegar lá e dizer: “façam assim”. Ele aponta através de seus documentos. A decisão foi tomada seguindo as resoluções do MEC. Mesmo que a decisão fosse nossa, mesmo que tivéssemos pensado tudo isso, não conseguiríamos mudar o curso. As mudanças não eram possíveis se não existisse a participação das instâncias superiores.

Narramos aqui a primeira parte das mudanças que influenciaram diretamente a criação do Campus de Ji-Paraná e, posteriormente, o curso de Matemática. Em seguida, nossa tentativa é mostrar como o curso de ciências do primeiro grau foi estruturado em Ji-Paraná.

### **Estrutura do Curso de Ciências do primeiro grau em Ji-Paraná.**

*O corpo docente.*

Os professores que começaram o curso eram profissionais da Rede Pública Estadual de Ensino, Servidores do Ex-Território de Rondônia, cedidos a Secretaria Estadual de Educação do Estado de Rondônia – SEDUC-RO, que se destacavam em suas atividades nas escolas da cidade e submeteram seus currículos a uma seleção prévia organizada pelo professor Eudes Barroso Júnior, que selecionou professores das áreas de Matemática, Biologia, Física e Química.

*Os acontecimentos são narrados pelo referido professor:*

Os que foram selecionados eram de licenciaturas específicas das disciplinas. O curso de licenciatura em ciências, ele começa com matemática, mas tem a física, a química e biologia; tem as disciplinas que demandam vários profissionais específicos de uma área. Essa é a facilidade ainda de um curso de licenciatura em ciências. Você pega um químico, um físico, e um biólogo,

já estrutura um semestre. Se fossem todos de matemática, um curso de matemática, possivelmente não desse, entendeu? Então, todos eles selecionados nas áreas específicas, eu mesmo entrevistei todos e solicitei a lista para a SEDUC e encaminhei ao reitor, e o reitor pediu ao governador e o governador cedeu estes professores.

O curso começa com professores cedidos pelo governo do estado, num total de doze profissionais que prestaram seus serviços à universidade por um período de tempo. O professor Eudes aparece como coordenador do curso, responsável pela organização e tomadas de decisões.

O professor Marlos, que chegou ao Campus de Ji-Paraná em 1992, foi o primeiro professor contratado na área de Matemática. Ele relata o que percebeu quando chegou ao curso recém-contratado:

Fiz o concurso, fui aprovado e em 92 vim para Ji-Paraná, o concurso realizado aqui foi um dos primeiros concursos realizados no interior, já que os outros concursos eram todos realizados na capital. Éramos em 5 candidatos na época, e fui aprovado, fui o primeiro professor efetivo da área de matemática. Porque, quando eu aqui cheguei, tinha outros professores que eram colaboradores, que eram funcionários do ex-território federal. Existia essa cultura de ceder professores, pra cá, pra UNIR, então, o meu concurso foi o primeiro da área de matemática, daqui do departamento; foi em agosto, e eu tomei posse em 27 de outubro de 1992.

#### *Estrutura pedagógica do curso.*

O curso de Ciências do 1º Grau foi autorizado pelo Conselho Federal de Educação, com uma carga horária de 2.175 horas, integralizada em três anos no mínimo e no máximo em cinco anos.

Com a proposta de formar um educador com conhecimentos, habilidades e atitudes para desenvolver o ensino de Ciências e Matemática de 5ª a 8ª séries do 1º grau. A grade curricular do curso possuía 36 disciplinas distribuídas entre as áreas de matemática, biologia, química, física e de formação pedagógica.

Na tabela abaixo, apresentaremos dados construídos a partir de informações cedidas pela Secretaria Acadêmica do Campus de Ji-Paraná (SERCA), referente à turma de 1988 do curso de Ciências do 1º Grau:

Período	Disciplina	Professor(a)
Primeiro Período	Matemática I	José Elói Lino
	Química I	Ari Guastala
	Biologia I	Milca Lopes de Oliveira
	Instrumentação de Ensino	Milca Lopes de Oliveira
	Estrutura e fundamento do Ensino do 1º e 2º Graus	Maria Inês Moreno
Segundo Período	Elementos de Matemática	José Elói Lino
	Geometria Plana Espacial	Antônio Silva de Sousa
	Química II	Ari Guastala
	Biologia II	Milca Lopes de Oliveira
	Psicologia da Educação	Vera Lúcia Tillmann
Terceiro Período	Física I	Antônio Silva de Sousa
	Química III	Sandra Aparecida Garcia
	Biologia III	Milca Lopes de Oliveira
	Cálculo I	José Elói Lino
	Didática I	Maria Leopoldina Yague
Quarto Período	Biologia IV	Milca Lopes de Oliveira
	Física II	Antônio Silva de Sousa
	Prática de Ensino I	Maria Leopoldina Yague
	Álgebra I	José Elói Lino
	Desenho Geométrico	José Elói Lino
	Estudo dos Problemas Brasileiros	Paulo Roberto Vargas
Quinto Período	Comunicação e Expressão	José Elói Lino
	Física III	Artur de Souza Moret/UNIR
	Educação Física I	Regina P. do Nascimento
	Biologia V	Milca Lopes de Oliveira
	Geologia	Beatriz Machado Gomes/UNIR

	Didática II	Maria Leopoldina Yague
	Estudos de Problemas Brasileiros II	Paulo Roberto Vargas
Sexto Período	Cálculo II	Beatriz Machado Gomes
	Teoria dos Números	Juarez Cardoso Garcia
	Estatística	Walter Rocha Meira
	Álgebra II	Juarez Cardoso Garcia
	Mét. do Trabalho Científico	Salma Ferraz de A. Oliveira
	Processamento de Dados	Artur S. Moret
	Educação Física II	Alunos dispensados
	Prática de Ensino II	Milca Lopes de Oliveira

Tabela adaptada da Secretaria Acadêmica da UNIR/Ji-Paraná.

Encerramos aqui mais uma parte da história da Universidade Federal de Rondônia, sua chegada a Ji-Paraná. As evidências mostram como a universidade caminhou todos esses anos. Será que é possível saber quem realmente decide na universidade? Para elucidar mais alguns pontos nesta perspectiva, no próximo bloco mostraremos os caminhos que levaram à criação do curso de Licenciatura em Matemática em Ji-Paraná, e a transformação do curso de Ciências, que em 1992 é substituído pelo curso de Licenciatura plena em Matemática.

## 5 O CURSO DE CIÊNCIAS CONTINUA. MAS EM QUE CONDIÇÕES?

Depois da primeira turma do ano de 1988, vieram mais duas turmas: a de 1990 e a de 1991. Mas como continuava o curso? No mesmo local? Com as mesmas dificuldades? Com os mesmos professores?

*As mudanças nas estruturas físicas.*

A questão estrutural era a mais preocupante, nas dependências do prédio do supletivo. Conforme narrou o professor Eudes, não foi possível fazer um trabalho mínimo, o curso então mudou para uma estrutura no centro de Ji-Paraná, onde funcionava uma Escola de Ensino Médio (na época chamada Escola de Segundo Grau) da rede particular de ensino.

Aconteceram várias mudanças em um curto espaço de tempo. Em meio a várias reclamações, confusões e solicitações, o Governo do Estado disponibilizou de maneira definitiva uma área para atender à UNIR.

Estrutura onde funcionava uma Escola Agrícola, que estava abandonada e em péssimas condições. Mas era o que a universidade tinha conseguido de contrapartida do poder público. Para o professor Eudes, um passo importante para se montar uma estrutura necessária.

Quando ele [o Curso] foi pra escola agrícola, eu estive com o Dr. Pedro Origa, fui lá, o prédio foi praticamente repassado. Dr. Pedro disse: “Eudes, veja o que é necessário para que a gente possa pedir isso aqui”, e então fiz logo um levantamento e disse: “a estrutura vai ter que ser alterada.” Ele disse: “tudo bem, é tudo de madeira, mas aos pouco a comunidade vai ajudando, vai ter que pegar aqui, pelo menos um local, [...], um espaço que já tem estrutura de edificação, então basta depois ir mudando”, os alunos falavam que a estrutura tal já estava apodrecendo, mas justamente a comunidade brigou, tomou conta, e foi substituindo por alvenaria, mas ainda temos algumas coisas de madeira lá. Logo depois cheguei à conclusão do seguinte: “vocês vão ter que tomar conta do curso, eu já dei as diretrizes.”

A foto abaixo mostra a estrutura remanescente, último bloco de madeira existente no Campus de Ji-Paraná. Em 1988, toda estrutura possuía essa arquitetura.



Fonte: Foto do acervo pessoal, 2012.

Os problemas não param por aí, a grande reclamação de professores e alunos era e continua sendo os laboratórios. As dificuldades do Curso de Ciências com relação aos laboratórios necessários para as aulas práticas, principalmente das disciplinas de Química, Física e Biologia, eram gritantes. Para algumas aulas contava-se com o apoio das escolas públicas que disponibilizavam, dentro do possível, suas instalações para atender à UNIR.

*Os professores cedidos tomam pra si a responsabilidade.*

A grande figura da UNIR se afasta, com a volta do professor Eudes para Porto Velho. Os professores que mantinham o curso em funcionamento abraçam a causa e desenvolvem seus trabalhos, apesar da pouca experiência no ensino superior e das limitações citadas acima.

Mesmo assim, administrativamente dependem do Campus de Porto Velho, todas as demandas são apresentadas ao Conselho Departamental constituído na capital. Mesmo com a presença do Coordenador do Curso, os professores não tinham poder de decisão.

Eu deixei num primeiro momento que eles tomassem conta, dessem as aulas, eu iria ficar indo e de 15 em 15 dias estava em Ji-Paraná. Fazia Ji-Paraná a Vilhena de 15 em 15 dias. Até tivemos alguns problemas, que não foram poucos, tanto se tinha problemas referentes ao grupo de professores, e no

processo de acomodação de outra estrutura, uma estrutura acadêmica, existiam muitos problemas, de vez em quando eu tinha que sair daqui para resolver problemas lá, conversar, várias vezes tive que fazer isso. Também foi o mesmo período que a universidade conseguiu vagas para a formação de sua estrutura. Foram feitos os concursos, e os que foram passando nos concursos iam assumindo as coordenações.

Neste momento entra no processo a figura dos professores: Beatriz Machado Gomes, contratada para atuar na área de química, e Artur de Sousa Moret, contratado para atuar na área de física. Ambos aparecem atuando nas turmas a partir do primeiro período no ano de 1990, e atuam em várias disciplinas do curso, inclusive algumas delas que não são das respectivas áreas de atuação dos professores.

*Mudanças na estrutura do curso de Ciências do 1º Grau em 1990.*

Acontece o vestibular de 1990, chega uma nova turma e uma mudança importante é apresentada a essa turma, a inclusão do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), com uma carga horária de 120 horas/aula.

A grade curricular do curso de Ciências do 1º Grau que começou em 1988 é aprovada apenas em 1990, a Resolução de aprovação é a 051/CONSEPE/UNIR, de 22 de novembro de 1990. Com a Resolução nº 105/CONDEPE, de 16 de dezembro de 1993, foi aprovada a mudança na grade do curso, conforme consta abaixo:

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE RONDÔNIA



Resolução nº 105/CONSEPE, de 16 de dezembro de 1993.

Altera a Grade Curricular do Curso de Ciências - Licenciatura de 1º Grau do Campus de Ji-Paraná.

O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE), no uso de suas atribuições legais e,

- considerando o processo nº 23118.002063/93-51;
- considerando que as disciplinas "Teoria dos Números e Processamento de Dados" não constam no Currículo mínimo de acordo com a Resolução 30/74 - CFE.

R E S O L V E

**Art. 1º** - Excluir da Grade Curricular do curso de Ciências - Licenciatura de 1º Grau no Campus de Ji-Paraná, às Disciplinas Teoria dos Números e Processamento de dados.

**Art. 2º** - Incluir a Disciplina "Trabalho de Conclusão de Curso" como obrigatória para a integralização da Licenciatura de 1º Grau em Ciências.

**Art. 3º** - As alterações citadas somente serão válidas para os ingressantes de 1990.

**Art. 4º** - Esta Resolução entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.

*Sinedei de Moura Pereira*  
Sinedei de Moura Pereira

Presidente

A última turma de Ciências do 1º Grau em Ji-Paraná é a do processo seletivo via vestibular em 1991. A grade curricular para esta turma segue a grade da turma do ano anterior, ou seja, a segunda turma com o TCC e a exclusão das disciplinas de Teoria dos Números e Processamento de Dados. A Portaria de Reconhecimento do curso é de 21 de julho de 1995, Número 873/95.

*Enquanto isso, as coisas acontecem em Porto Velho.*

Não podemos continuar a contar a história do curso de Ciências de Ji-Paraná sem retornarmos aos acontecimentos em Porto Velho, uma vez que o curso era uma extensão da capital.

*Mudanças à vista.*

Com a consolidação do curso de Ciências do 1º Grau em Porto Velho, o curso conta com professores de Química, Física, Biologia e Matemática, atendendo à demanda de toda a universidade. O professor Eudes aponta os motivos que levaram à mudança do curso de Ciências para Licenciatura em Matemática, vejamos:

Na época eu era chefe de departamento. Nós tínhamos mandado professores para fazer doutorado na área de química, nós tínhamos também o pessoal da física, tínhamos a necessidade de uma licenciatura em matemática, então foi também criado o curso de química pela Instituição. Por termos um quadro com professores de matemática, preparados especificamente para matemática, química e física, porque depois a universidade criou biologia, e até hoje em nossa grade curricular temos as disciplinas de física. O nosso departamento já tinha uma estrutura com um quadro de professores melhor qualificado e delineados em relação às disciplinas, então poderíamos abrir um curso de matemática e física. Não haveria mais necessidade de um curso de ciências. Justamente nós vimos que as ciências básicas, a nível das licenciaturas específicas, já era uma discussão a nível de Brasil, inclusive, com a questão da Resolução 030/CFE, ela foi extinta, então foram criadas em todo o Brasil as licenciaturas específicas, que justamente preparam os alunos para área específica e uma base específica, mais estruturada. Foi também nesse momento que pensamos em aproveitar os próprios alunos do curso de ciências.

A Resolução 030/CFE, que tratava do curso de Ciências do 1º Grau, foi a orientação principal que conduziu os cursos nas Universidades Brasileiras, citada na grande maioria dos relatos e fundamentações de criação e reformulação dos cursos.

Destacamos também, na década de 1980, a Portaria Ministerial nº 488, de 18/9/1980 (DOU de 22/9/1980), que autorizou a conversão do curso de Ciências, licenciatura 1º grau, em licenciatura de 1º grau e plena, com habilitação em Química e Física, Matemática e

Biologia. Como também a Portaria 399/89 do MEC, que definia os registros profissionais a que teriam direito portadores de diploma de licenciatura curta e plena nas diversas áreas do conhecimento. A substituição para os cursos de licenciatura em área específica foi uma questão de tempo.

*A estrutura do curso de Licenciatura plena em Matemática.*

A proposta para o curso de matemática foi constituída dentro do grupo que trabalhava no curso de ciências, baseada nos cursos de licenciatura em matemática já existentes no Brasil.

A professora Maria das Graças comenta o que ocorreu na época.

A gente pegou a grade das outras universidades, montamos uma proposta e levamos para discussão, e foi feita uma ampla discussão, e chegamos a essa situação. Foi difícil porque a física queria que tivesse mais disciplinas de física, os químicos reivindicavam as suas disciplinas no curso.

A professora continua e afirma:

Fizemos tudo isso, mas na verdade as mudanças vieram do MEC, vieram de cima com resoluções vindas do MEC. Como acontece até hoje. Qual a opção que a gente tem? É se virar dentro daquela jaula, pra ver se você obedece ao MEC, porque, se você não obedece, não é reconhecido. E ao mesmo tempo você procura não perder sua identidade, é isso que acontece.

*Como o curso de matemática se constituiu na Instituição.*

Aprovado pela Resolução 067/CONDEPE, de 18 de abril de 1991, o projeto foi avaliado e recebeu parecer favorável na plenária da reunião ordinária no dia 17 de abril de 1991.

Resolução nº 067/CONSEPE, de 18 de abril de 1991.

- Aprova o Regimento Interno, a Criação do Curso de Licenciatura Plena, Grade Curricular e Ementas do Curso de Matemática

O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), no uso de suas atribuições e,

- considerando os conteúdos dos processos nº 23118.002587/90 e 23118.002631/90;

- considerando a deliberação favorável da Plenária em reunião ordinária do dia 17.04.91.

R E S O L V E :

Art. 1º - Aprovar o Regimento Interno, a Criação do Curso de Licenciatura Plena, a Grade Curricular e Ementas do Curso de Matemática.

Art. 2º - Esta Resolução entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.

  
 José Dettoni  
 Presidente

Fonte: [www.secons.unir.br/index.php?pag=decisao&cons=2&tipo\\_decis=1&pag2=1991](http://www.secons.unir.br/index.php?pag=decisao&cons=2&tipo_decis=1&pag2=1991).

Visando preparar o professor de matemática para atender ao Ensino Médio ou ao Ensino Superior, determina como objetivo:

O curso de matemática da Fundação Universidade Federal de Rondônia, através da modalidade Licenciatura plena como unidade destinada, ao mesmo tempo, ao ensino, à pesquisa e a extensão, deve o curso de matemática realizar atividades relacionadas com a matemática em geral.

A finalidade básica do curso de Licenciatura Plena em Matemática é formar professor de matemática, ou seja, profissionais do ensino dessa área. O licenciado em matemática se destina prioritariamente ao ensino secundário ou superior, preenchendo assim os quadros escolares numa ampla gama de solicitações. Seu currículo abrange uma visão bastante intensa de álgebra, geometria e análise e de

formação pedagógica. (Projeto do curso de Licenciatura em Matemática, Porto Velho, p. 07)

*A grade curricular do curso.*

A grade do curso de Matemática se aproxima em boa parte da já existente do curso de Ciências, no que se refere às disciplinas relacionadas à formação para o ensino básico. Na parte diversificada temos uma carga horária maior para os cálculos e para as disciplinas didático-pedagógicas.

O professor Eudes me apresenta a grade de matemática do Campus de Porto Velho, vejamos o que ele afirma:

Aqui, matemática I, química I, biologia I, Instrumentação. No segundo semestre: matemática II, geometria analítica, química II. Eu pequei nesse momento mais ou menos a base da minha estrutura de formação, meu perfil fluiu. Veja, tem biologia I, biologia II e biologia III, justamente para suprir a necessidade local. Aqui, já na matemática, vêm aqui física I, II, III e IV, mecânica, cinemática, termodinâmica e eletricidade, a base do ensino médio. Tem biologia, até biologia V, eles tinham também as disciplinas pedagógicas: didática, as práticas, metodologia, e ainda tinha prática de ensino III.

### **O novo projeto para o curso de matemática de Porto Velho se estende a Ji-Paraná**

*Voltando a Ji-Paraná, mas não fugindo do assunto.*

Em 1992, o curso Licenciatura em Matemática começa em Porto Velho e em Ji-Paraná. Mesmo assim, o curso de Ciências do 1º Grau continuou em atividade na cidade de Ji-Paraná.

As contratações de forma tímida continuam em Ji-Paraná, desta vez com o professor Marlos Gomes de Albuquerque, como o primeiro professor de matemática contratado efetivamente pela Instituição para atender ao curso de matemática. Ele conta o que aconteceu no início do curso:

Em 1992, quando eu fiz o concurso e cheguei, foi realizado o primeiro vestibular para licenciatura plena Matemática, que, até então, o curso que tinha sido criado, em 88, era Ciências, licenciatura curta, este habilitava o

professor para trabalhar com o primeiro grau, atualmente a gente chama de Ensino Fundamental. Houve, em 92, o primeiro vestibular para Matemática, licenciatura plena. Essa turma, que fez vestibular, foi a primeira turma de Matemática, em 93 e 94, voltou a ser vestibular de Ciências, o porquê disso eu não sei. Em 94, 95, voltou a ser Matemática e permanece até hoje. Mas essas duas turmas, de 93 e 94, elas entraram junto ao Colegiado, com o documento, pedindo para que passassem a ser também licenciatura plena em Matemática. Eles levantaram vários argumentos, que a licenciatura curta ficava dentro da plena Matemática, eles atenderiam o Ensino Médio, e o Ensino Fundamental, e os colegiados, do departamento, e o Conselho de Campus aprovaram esse pedido, porque tinha que ter essa aprovação, uma vez que eles fizeram o vestibular e a exigência também era que 100% dos alunos assinassem esse documento, então eles, óbvio, concordaram, porque só tinham vantagens, não tinha mais justificativa para a permanência do curso de licenciatura em ciências de primeiro grau.

Com a criação do curso de matemática em Ji-Paraná, um grande problema que inquietava a todos foi minimizado, os laboratórios de biologia e química já não eram uma preocupação de primeira grandeza, uma vez que na matemática não se faziam necessários tais laboratórios.

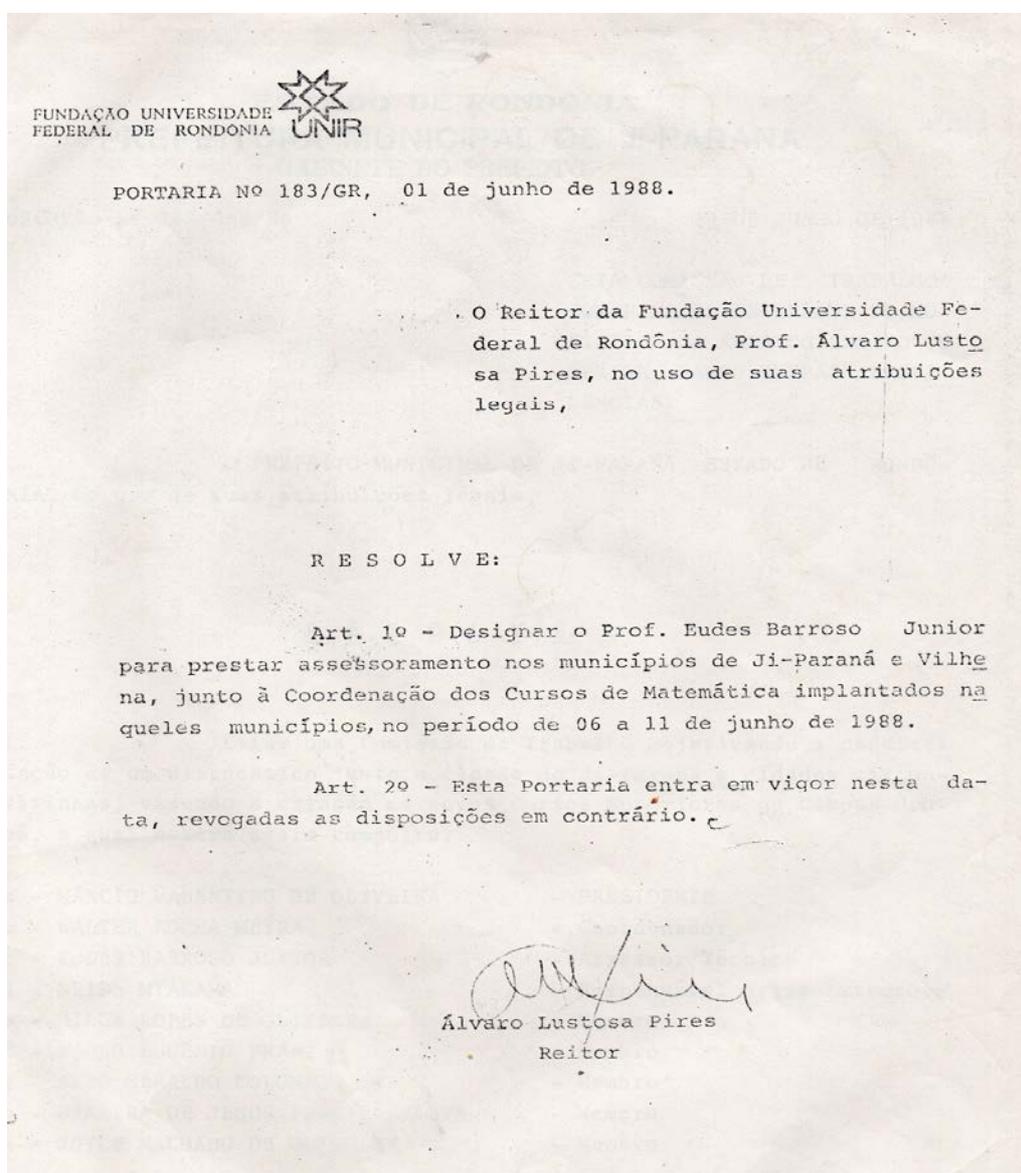
*O curso continua mesmo como uma extensão do Campus de Porto Velho.*

Os professores prosseguem na manutenção do curso de matemática, dependendo em grande parte das decisões administrativas de Porto Velho. Novos professores são contratados, mas em pequeno número, o que não resolve o problema. O corpo docente continua sendo, em sua maioria, de professores cedidos.

As decisões são tomadas em Porto Velho, através do Conselho Departamental, os assuntos de ordem pedagógica e administrativos são avaliados e decididos no Conselho. Quem explica melhor como as coisas aconteciam na época é o professor Eudes:

O *Conselho Departamental* era formado por todos os chefes de departamento de todos os cursos e os representantes de alunos. Muito interessante a estrutura: tinha o curso, o coordenador, o chefe de departamento e o *Colegiado do Curso*, que era formado por três professores eleitos e o aluno representante, também eleito, e esse colegiado decidia as coisas do curso na primeira instância, que voltava para o departamento e era

votado no Conselho Departamental. O curso era vinculado ao departamento, que tinha o coordenador e o chefe de departamento, tinha o Colegiado do Curso. Muitas coisas de Ji-Paraná foram trazidas para o Colegiado daqui. Eu mesmo fui coordenador, e depois, no período do prof. Lustosa, fui colocado como assessor técnico do curso, para qualquer coisa, onde procurava resolver por aqui. Com relação à contratação de professores era geral, quem pedia vagas para contratação de professores para Ji-Paraná fui eu, eu assinei muito tempo como coordenador. Assinei muitos diários. Na época do prof. Lustosa, a Pró-Reitora me disse: “mesmo tendo coordenador lá, você vai ficar assessorando.” Porque lá tinham conflitos. “Tenho até um documento me nomeando”. Veja aqui.



**Vejamos agora do ponto de vista de quem estava em Ji-Paraná, atuando e vivendo o dia a dia do curso.**

O professor Marlos resume bem o sentimento do grupo:

Depois foi que vieram outros concursos, então na época foi aberto o curso de Física, então houve alguns concursos para Física, esses professores também trabalhavam com disciplina de Matemática: professor Airton, professor Aurélio davam esse suporte para o curso de Matemática. Posteriormente vieram outros professores, no decorrer do tempo, à medida que o governo do Estado chamava os professores conveniados de volta, a Universidade realizava concursos para professor substituto. Era muito difícil, aqui no interior, a gente conseguir uma vaga para professor efetivo, a gente passava aí, 3, 4, 5 anos para conseguir uma única vaga. Então é um curso que sofreu muito nessa questão de qualificação, e de ter pessoal disponível, enquanto se vê como ideal uma carga horária de 8 horas semanais, a maioria de nós tínhamos 16 horas semanais, 20 horas semanais.

Apesar das dificuldades, os professores se dedicavam ao ensino por inteiro, a preocupação principal era o(a) acadêmico(a), eles precisavam aprender e concluir seus créditos em tempo. Vejamos o que diz o completa o professor:

Existia a preocupação nossa de não deixar os alunos sem disciplinas, em contrapartida, pesquisa e extensão a gente não tinha tempo, porque a gente se dedicava totalmente ao ensino. Tinha algumas extensões, poucas, mas tínhamos. A gente se adaptava a essa situação, de forma que o aluno não ficasse sem ter essas disciplinas. Nós tivemos a mudança de matriz curricular ao longo desse tempo. A estrutura organizacional era diferente, a gente tinha aqui no campus uma única coordenação de curso, e todos os cursos do campus eram lotados em um único departamento.

*Preocupação com o ensino que aponta para mudanças.*

Esta vivência levou o grupo de professores a pensar no curso como um todo, observando o que acontecia com os alunos. Quais suas dificuldades? O que de fato eles estão aprendendo? Profissionalmente eles estão bem formados? Nestas perspectivas, a professora Aparecida Augusta da Silva comenta:

A discussão naquele momento era que nós tínhamos um curso que já começava com cálculo, era um curso clássico de matemática, e naquele momento a gente viu que tinha problemas com o aluno que estava no curso, o índice de reprovação era alto, você tem que adaptar. Então naquele momento o grupo sentiu necessidade de introdução à matemática básica. Foi exatamente nesse momento que surgiu essa discussão, que envolvia o ensino médio.

*O professor Marlos também tinha suas convicções:*

Existia a preocupação nossa de não deixar os alunos sem disciplinas, em contrapartida, pesquisa e extensão a gente não tinha tempo, porque a gente se dedicava totalmente ao ensino. Tinha algumas extensões, poucas, mas tínhamos. A gente se adaptava a essa situação, de forma que o aluno não ficasse sem ter essas disciplinas. Nós tivemos a mudança de matriz curricular ao longo desse tempo.

Percebe-se que mudanças são necessárias para melhor conduzir a matemática de Ji-Paraná. Começa aí a construção da grade do curso, que é aprovada em 1999 e entra em vigor no ano 2000.

### **Grade do curso de 2000. Marca uma mudança relevante?**

*Vamos ver o que o projeto propõe.*

O projeto de alteração da Grade Curricular do Curso de Licenciatura Plena em Matemática foi apresentado sob a justificativa de atender às indicações do MEC sobre as licenciaturas, através da Lei 9.394. Como também adequar a grade à realidade da Região.

*Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.*

A Lei 9.394, de 1996, de grande abrangência, estabelece sobre a Educação em nosso País. Foram os Artigos 62 e 65 que auxiliaram na alteração da grade do curso. Vejamos os artigos, conforme a lei:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro

primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Art. 65. A formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas.

#### *Os Autores*

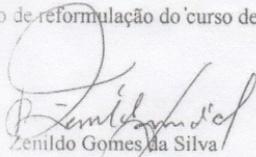
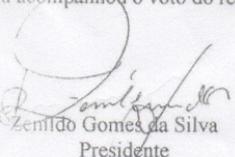
Os elaboradores do projeto de alteração da grade foram os professores: Aparecida Augusta da Silva; Beatriz Machado Gomes; Antônio Vicente Pereira Neto e Marlos Gomes de Albuquerque. Na apresentação do projeto, fazem a justificativa para as mudanças, como se segue:

Este Projeto apresenta uma proposta para alteração da Grade Curricular do Curso de Graduação de Licenciatura Plena em Matemática, oferecido pela Universidade Federal de Rondônia – Campus de Ji-Paraná. Esta alteração visa adequar o curso ao exigido pela nova Legislação do MEC, através da Lei 9.394 de dezembro de 1996, que estabelece que as universidades deverão fixar o currículo de seus cursos, observadas as diretrizes gerais pertinentes.

Ao ser elaborada esta proposta, levou-se em conta as diretrizes curriculares apresentadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP – e a realidade do Estado de Rondônia, que necessita formar profissionais mais voltados para a educação Básica, que prepare o professor para elevar a qualidade do ensino do segundo grau.

Segundo a equipe, a proposta era aproximar a grade à Lei, a fim de preparar de forma mais próxima a realidade educacional do Estado, que necessitava de profissionais capazes de abordar de forma mais consistente, criativa e dinâmica as disciplinas de Matemática. A referida mudança dá a oportunidade de se preparar melhor o profissional, procurando evitar o distanciamento entre o que se estuda na graduação e o que se ensina nas escolas (Alteração da Grade Curricular do Curso de Licenciatura Plena em Matemática, Ji-Paraná, 1999, p. 05).

Para ilustrar os acontecimentos, escolhi mostrar o parecer do relator da Câmara de Ensino do CONDEPE, Parecer 406/CEN.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA		UNIR
Conselho: CONSEPE	Processo N.º 267/99	
Assunto: Alteração de Grade Curricular do Curso de Licenciatura Plena em Matemática para o próximo vestibular 2000 - Campus de Ji-Paraná		
Interessado: Aparecida Augusta da Silva e Outros		
Relator(a): Zenildo Gomes da Silva		
Câmara: Ensino	Parecer: 406/CEN	
<p><b>- Relatório:</b></p> <p>O Projeto de alteração do curso de Matemática visa adaptar o Curso às exigências da Lei 9394/96 e outros dispositivos legais, aprimorando no tocante à formação de profissionais que irão atuar nas escolas do Ensino Fundamental e Médio.</p>		
<p><b>I - Análise:</b></p> <p>O projeto deliberou o perfil do profissional, bem como as habilidades esperadas. Consta também do quadro de docentes do curso, sendo 11 ao todo, somente 1 é cedido. Todos com 40 horas. 45% são mestres e doutores.</p> <p>A matriz curricular está estruturada de modo a atender o perfil traçado no projeto.</p> <p>O total de horas é de 3.160, sendo o prazo mínimo para integralização 8 semestres e o prazo máximo, 16 semestres.</p> <p>Encontram-se as ementas de todas as disciplinas.</p>		
<p><b>I - Parecer:</b></p> <p>Sou favorável a aprovação do projeto de reformulação do curso de Matemática do Campus de Ji-Paraná.</p> <p style="text-align: center;"> Zenildo Gomes da Silva Relator</p>		
<p><b>V - Parecer da Câmara:</b></p> <p>Na reunião do dia 22.12.99, a Câmara acompanhou o voto do relator.</p> <p style="text-align: center;"> Zenildo Gomes da Silva Presidente</p>		
<p><b>V - Parecer do Plenário:</b></p> <p>Na 78ª sessão extraordinária de 14.01.2000, aprovou-se a conclusão da Câmara, com a ressalva de que a definição do prazo máximo para integralização do curso, ou seja jubileamento, seja definido quando da apresentação e aprovação de proposta a ser encaminhada ao CONSUN, a qual estabelecerá novos critérios para o assunto em questão.</p> <p style="text-align: center;"> Zenildo Gomes da Silva Presidente</p>		

O projeto anterior apresentava no início do curso algumas disciplinas que dificultavam a adaptação do acadêmico(a) ao curso. Segundo os organizadores, a mudança da ordem das disciplinas, colocando as matemáticas (matemática I, matemática II e matemática III) no início do curso, facilitaria o aprendizado e diminuiria a evasão.

Os professores que participaram narram de diferentes formas, mas no mesmo caminho, os acontecimentos da época.

Professor Fernando Luiz Cardoso afirma:

A matriz curricular de 92, ela era praticamente um Bacharelado, a de 99 já quebrou um pouco esse paradigma.

A professora Aparecida Augusta da Silva comenta:

Quando houve essa mudança de trabalhar com as matemáticas do final do curso e passar a trabalhar também com as primeiras disciplinas do curso, justamente por ter participado dessa discussão. A discussão naquele momento era que nós tínhamos um curso que já começava com cálculo, era um curso clássico de matemática e naquele momento a gente viu que tinha problemas com o aluno que estava no curso, o índice de reprovação era alto, você tem que adaptar. Então, naquele momento, o grupo sentiu necessidade de introdução às matemáticas básicas. Foi exatamente nesse momento que surgiu essa discussão, que envolvia o ensino médio. Então eu participei, foi o momento também que a gente introduziu a história da matemática, que não constava na grade, então era uma grade muito mais voltada para o bacharelado naquele momento.

O professor Marlos narra como foram realizados os trabalhos e distribuídas as atividades:

A gente juntou todos os professores, a gente fez uma busca de vários cursos de Matemática pelo país, e a gente fez o estudo dentro do que estava sendo mais comum entre esses cursos, a partir daí a gente fez uma análise, para ver se isso era ideal para a nossa realidade. Foi a partir desse estudo que a gente montou essa matriz de 99, vendo o que era mais comum nas demais grades. O que a gente trouxe de primeiro plano para a reflexão foi a nossa formação. E a gente fez esse estudo. A partir dessa matriz foi que a gente montou o projeto pedagógico. A gente pensou em perfil, o perfil ideal para que se adaptasse para a nossa situação, as nossas peculiaridades locais. Então, quando a gente fez essa reformulação, os professores da pedagogia trabalharam com a área pedagógica, nós que éramos da Matemática fazíamos a parte da matemática, e da Física fazia a parte da física, montávamos a reformulação da área específica. Existiam comissões, mas na verdade essas

comissões faziam a primeira parte entre si, em seguida, levavam pra discussão, junto aos colegas do departamento como um todo.

Sobre as fundamentações para realização da alteração do projeto, a professora Aparecida responde:

Consultamos Parâmetros Nacionais para as licenciaturas, pois lá tinha indicações de algumas disciplinas que a gente não contemplava na grade, por exemplo, a história da matemática, que na época não era obrigatória. Além disso, foram utilizados outros parâmetros locais, devido à necessidade de contemplar as matemáticas básicas. As discussões também estiveram embasadas na experiência de trabalhar de alguns anos no curso, de todo o grupo, não é de um só, de todo um grupo, e apontou que tinha alguma coisa errada, porque esse aluno chegava ao final do curso com deficiências básicas. Então isso é um parâmetro local, é um parâmetro determinado pelo próprio curso como tem que ser. Têm-se parâmetros nacionais em que não se pode fugir porque está posto as necessidades nacionais que são construídas a partir de várias discussões em vários encontros. Então a gente não pode fechar os olhos para isso, mas ao mesmo tempo existem as necessidades locais. Apesar de se ter uma dificuldade com aprendizagem na área de exatas com abrangência nacional, é legítima essa preocupação de colocar disciplinas em que amenizam isso localmente. Você não é obrigado pelo Parâmetro Nacional, mas, se você não fizer, pode correr o risco de ter o aluno no final do curso ainda com deficiência.

A reformulação é aprovada e o Campus de Ji-Paraná é responsável pelo seu curso de Matemática. Com isso, é possível caminhar por caminhos diferentes. O que agradou todo o grupo, como comenta o prof. Marlos, quando fala da necessidade de não depender de Porto Velho para a tomada de decisões.

Entendo que conseguimos nossa independência de Porto Velho em 1999, com a aprovação da primeira reformulação curricular feita por nós, de Ji-Paraná. Foi o primeiro PPP construído genuinamente pelo corpo docente de Ji-Paraná, e foi aprovado por meio da Resolução nº 334/CONSEPE, de 14 de janeiro de 2000, esse foi o ponto de inflexão que marcou nossa emancipação.

O Curso de Matemática do Campus de Ji-Paraná caminha com as próprias pernas. Tem seu lugar no orçamento universitário e reivindica estrutura e professores para atender melhor a comunidade interna.

Contamos até aqui uma parte da história do Campus de Ji-Paraná, sob nosso olhar, apoiados no MCS, que começou com o curso de Ciências, passando para curso de Licenciatura Plena em Matemática. Apoiados nos acontecimentos e tomadas de decisão do Campus de Porto Velho, Posteriormente faz uma reforma em seu projeto, com isso, ganha autonomia a parti do ano 2000.

A seguir apontaremos como os professores escolheram os caminhos para que as melhorias acontecessem. Mais uma reformulação no projeto do curso se fez necessária: por que esta decisão? O que foi determinante para que a grade de 2006 fosse constituída?

## 6 NOVAS DEMANDAS APARECEM. CAMINHAR É PRECISO

*O crescimento com qualidade passa a ser principal meta.*

A partir da grade de 2000, o curso de Matemática precisa mudar seu rumo. Com poucos professores da Instituição, e sofrendo pressão do governo do estado para que os professores cedidos fossem devolvidos, o Campus de Ji-Paraná passa por muitas dificuldades. Os pedidos por professores e estrutura são enviados constantemente à Reitoria, localizada em Porto Velho, porém o Campus e o curso de matemática não são atendidos a contento.

*Qual era a estrutura do Campus de Ji-Paraná entre 2000 e 2005?*

Em 2001, o Campus de Ji-Paraná contava com três cursos e dois departamentos: o DCEN – Departamento de Ciências Exatas e da Natureza e o DCHS – Departamento de Ciências Humanas e Sociais. O DCEN era formado por doze professores da instituição, e possuía dois cursos: Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Física. O DCHS, formado por sete professores da instituição, atendia ao curso de Licenciatura em Pedagogia. Os departamentos contavam com o apoio dos professores cedidos pelo governo do estado.

A necessidade de laboratórios, livros e principalmente professores era comum, como já mencionado, a estrutura predial era de péssima qualidade e precisava ser substituída.

A respeito dos professores da época, o professor Marlos afirma:

Mas assim, do quadro, eu sou o primeiro, eles eram cedidos, eram funcionários federais cedidos para a universidade. Com o passar do tempo, o governo do estado chamou esses professores de volta, porque na verdade eles serviam ao Estado, na época que saiu da condição de Território para Estado, eles permaneceram no Estado de Rondônia, eram servidores federais, mas lotados no Estado, alguns foram cedidos temporariamente para UNIR, o governo foi chamando eles de volta. Esses convênios foram encerrados por volta de 95, eu não lembro quem era o Governador, de tal forma que a universidade ficou sem esses professores. Isso foi bom, porque forçou a universidade a dar o jeito dela e fazer novos concursos.

O professor Arivelto foi professor colaborador na época e afirma:

Então, eu fui convidado a trabalhar como professor colaborador, porque na época a UNIR não tinha professor em número suficiente. A universidade

funcionava com pouquíssimos professores. O quadro era complementado por professores do Estado, que eram cedidos. Entre eles estava eu. Fiquei trabalhando de 1995 até 2001 como professor colaborador.

O mesmo aconteceu com o professor Lenilson Sergio Candido, um dos que vivenciam os acontecimentos referentes ao curso de matemática.

Bem, eu era professor concursado do Estado de Rondônia, quando, no final de 1994, conheci o então diretor da UNIR Campus de Ji-Paraná, o professor José Carlos Cintra, em uma atividade festiva na escola em que eu lecionava. No evento, o mesmo me fez o convite de trabalho. E prontamente aceitei. Em março de 1995, comecei a trabalhar na UNIR/Campus de Ji-Paraná, como professor colaborador, e substituto em alguns momentos, período que se estendeu até o início de 2005.

*Voltando à matemática e ao que acontecia no DCEN.*

O curso de matemática precisava atender melhor a comunidade, passava por problemas em todos os setores. Os professores começam a estudar formas para fortalecer o curso em Ji-Paraná.

No ano de 2001, o departamento aprova a criação da Semana de Matemática: uma semana no ano para os professores e alunos apresentarem às comunidades interna e externa suas produções. O objetivo é contribuir para a formação continuada dos professores e para a formação inicial dos acadêmicos, buscando o desenvolvimento das áreas de exatas e do ensino.

Vejamos a apresentação da Semana dez anos depois:



Quinta-Feira, 22 de Janeiro de 2015

- Menu
- ▶ Apresentação
  - ▶ Anais
  - ▶ Comissões
  - ▶ Contatos
  - ▶ Datas Importantes
  - ▶ Fotos do Evento
  - ▶ Histórico
  - ▶ Inscrições
  - ▶ Orientações
  - ▶ Programação
  - ▶ Submissão de Trabalhos

Links



## Apresentação

O Departamento de Matemática e Estatística da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Campus de Ji-Paraná, realiza desde o ano de 2001 uma semana de discussões com intuito de divulgar a comunidade os trabalhos científicos desenvolvidos por pesquisadores da UNIR e de outras instituições na área de exatas e de seu ensino, tendo como objetivo principal contribuir com a formação de seus acadêmicos, a formação continuada da comunidade e o desenvolvimento dessa área de conhecimento.

O evento, que mantém uma média de 300 participantes, iniciou com a necessidade de divulgação dos trabalhos de uma especialização na área de matemática e tornou-se ao longo dos anos um evento tradicional do Campus abrigando trabalhos dos cursos de Matemática e Estatística.

Durante a semana de discussões são apresentadas palestras por professores do Campus e convidados, comunicações orais de trabalhos científicos, painéis de pesquisas em andamento, além de oficinas e mini-cursos.

Pode participar do evento toda a comunidade rondoniense, no entanto algumas oficinas e mini-cursos são elaborados para atingir públicos específicos como professores da área, alunos de graduação, alunos do ensino fundamental e médio.

Desta forma pretende-se com a **SEMANA DE MATEMÁTICA** socializar experiências educacionais e de pesquisa em geral entre discentes, docentes e a comunidade em geral. Além disso, os palestrantes convidados terão oportunidade de conhecer a região e os trabalhos científicos realizados pela instituição.

A UNIR Campus de Ji-Paraná te espera para a **XII Semana de Exatas**.



No ano seguinte, os professores percebem que é chegada a hora de criar a Sociedade Brasileira de Educação Matemática Regional Rondônia – SBEM/RO. Apoiados em contatos realizados pelo professor Marlos, a criação é submetida à aprovação do Conselho do DCEN, através do Processo Setorial 0097/2003, e aprovada em plenária na data de 21 de maio do ano de 2003. Na Semana da Matemática de 2003, a regional é criada de fato. Na fala do professor Marlos:

Eu assinava a revista da SBEM e por meio dela conheci o trabalho da Educação Matemática que estava sendo desenvolvido, inclusive lembro que comentava com Vicente sobre a criação da diretoria local. De posse da revista, vi que poucos estados no Norte tinham sua diretoria, inclusive Rondônia, então entrei em contato com eles, na época a Diretoria Nacional era na PUC, em São Paulo, e me passaram as instruções. Tomamos as providências e a então Presidente, Célia Carolino Pires, veio para cá e, junto com a III Semana de Matemática, realizamos uma assembleia onde foi institucionalizada a Diretoria de Rondônia da SBEM, a partir de então estava criada a SBEM-RO.

O próximo passo foi a criação e institucionalização do Laboratório de Matemática – LABMAT. A briga era agora por um espaço e por equipamentos necessários para montar o laboratório, uma vez que os recursos eram escassos para atender à demanda de três cursos. O processo N° 000326/2004, que trata da Criação e consolidação do Laboratório de Matemática, foi aprovado em reunião do conselho do DCEN em 7 de julho de 2004.

A formação continuada é uma boa forma de aparecer para a comunidade externa e fortalecer mais o departamento e o curso de matemática. Surge então a proposta de uma Especialização em Educação Matemática, o próximo movimento do curso de matemática em direção a sua consolidação.

O DCEN apresenta a proposta de um curso de Especialização em Educação Matemática, como se segue:

## 2. JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA:

Partindo do princípio da formação continuada, proposta pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e que a Universidade Federal de Rondônia não deve ficar alheia a este avanço na legislação, cumprindo suas metas de Ensino e Extensão para um constante aprimoramento dos professores dos Ensinos Fundamental e Médio, que vivem em constante busca de novas técnicas e métodos de ensino, o DCEN – Departamento de Ciências Exatas e da Natureza, Campus de Ji-Paraná apresenta a presente proposta de implantação do Curso de Especialização em Educação Matemática na modalidade gratuita funcionando em Ji-Paraná, tendo como meta atender a procura por parte dos professores de Matemática e Educadores de áreas afins da rede pública e privada.

Fonte: Curso de especialização: **Educação Matemática**, Ji-Paraná, 2003.

O objetivo era atender aos professores que constantemente procuram por cursos de pós-graduação na área de Ciências Exatas, gerando nestes polos discussões sobre a prática do Ensino da Matemática nos níveis Fundamental e Médio e contribuir na criação de condições para superação de dificuldades encontradas em sala de aula.

A especialização fez a diferença com relação à formação continuada do grupo, pois os professores se motivaram e procuravam formas de continuar a qualificação, para garantir o caminhar na instituição.

*Chegada a hora de mudar o formato do curso.*

O curso precisava mudar seu projeto, para atender às perspectivas com relação à licenciatura em matemática: as indicações das políticas públicas, as demandas locais e o que se apresentava em termos de pesquisa sobre os cursos de licenciatura em matemática no Brasil.

Os professores apontam essas necessidades como prioridade para que o curso avance e continue atendendo com qualidade sua clientela, com o objetivo de consolidação.

*Como os professores veem todo esse movimento?*

O professor Fernando Luiz Cardoso, docente do Departamento desde 1996, acredita que as mudanças foram mais importantes quando se acrescentaram algumas disciplinas voltadas ao ensino de matemática. Ele observa:

Eu participei mais da grade de 2006, quando eu entrei aqui, a grade daqui era muito parecida com a minha, dando mais ênfase em uma matemática mais abstrata, aquela mais pura. Aí houve a mudança de grade, eu não me lembro em detalhes, o que foi mudado, como foi mudado, mas eu entendo que foram colocadas algumas disciplinas mais para ensino da matemática. E da grade de 2006 eu participei mais ativamente, porque foram incluídas algumas disciplinas que foram exigidas pela legislação, e também colocadas outras que focavam o ensino da matemática.

A professora Aparecida Augusta da Silva estava cursando doutorado no período em que ocorreu a mudança, mas faz sua análise da grade, como professora do curso e conhecedora do grupo:

Na de 2005 eu não estava, porque eu estava no doutorado, mas é a grade que hoje eu trabalho, que já trabalho desde 2008, quando eu retornei. E o que se percebe foi um movimento voltado para a educação. Ela inseriu vários aspectos hoje discutidos na educação matemática, então são várias as disciplinas que contemplam esses aspectos.

O professor Marlos Gomes de Albuquerque, um dos elaboradores das alterações do projeto de 2000 e 2006, fala dos principais motivos e pontos alterados para 2006:

Esse estudo para 2005-2006 levou em consideração: a exigência do MEC, o estudo feito pela SBEM, a nossa formação, e mais esse estudo em algumas matrizes no Brasil, que a gente já tinha referência de alguns cursos que formavam professores e que eram referência na licenciatura.

O professor Arivelto Cosme da Silva, que acompanhou a universidade como aluno, como técnico e agora como professor, fala como percebeu a mudança, mesmo participando parcialmente das discussões:

Foram feitas comparações com ementas de outras universidades, às vezes, assim, o próprio curso viu que precisava fazer uma reflexão a respeito dessas ementas, e fazer as alterações necessárias, alguns conteúdos ao longo do tempo foram julgados não relevantes, outros que não estavam inseridos

nessas ementas foram considerados relevantes, foram colocados, então é um processo dinâmico na verdade. Em alguns momentos foram solicitadas reformas, mas a maioria das vezes, que eu me lembre pelo menos, foi em função das necessidades detectadas pelo grupo.

### **As políticas nacionais para as licenciaturas**

*Em que direção as políticas públicas apontam os caminhos para a Licenciatura em Matemática?*

Com base nas discussões e sistematização das sugestões, o Governo Federal, através do Ministério da Educação e do Conselho Nacional de Educação, estabelece em 2002 as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Matemática.

Nesta perspectiva, as Diretrizes definem os pontos a serem seguidos, entre eles: o perfil dos formandos; as competências e habilidades; os conteúdos curriculares de formação geral e os conteúdos de formação específica; os estágios e as atividades complementares, entre outros, como pontos importantes, que devem aparecer no projeto dos cursos de licenciatura em matemática. Com relação à carga horária das referidas licenciaturas, tudo é estabelecido pela Resolução CNE/CP 2/2002, resultante do Parecer CNE/CP 28/2001.

*Vejamos o documento.*

**RESOLUÇÃO CNE/CP 2, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2002.<sup>(\*)</sup>**

Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.

O Presidente do Conselho Nacional de Educação, de conformidade com o disposto no Art. 7º § 1º, alínea “f”, da Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, com fundamento no Art. 12 da Resolução CNE/CP 1/2002, e no Parecer CNE/CP 28/2001, homologado pelo Senhor Ministro de Estado da Educação em 17 de janeiro de 2002, resolve:

Art. 1º A carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, será efetivada mediante a integralização de, no mínimo, 2800 (duas mil e oitocentas) horas, nas quais a articulação teoria-prática garantida, nos termos dos seus projetos pedagógicos, as seguintes dimensões dos componentes comuns:

I - 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, vivenciadas ao longo do curso;

II - 400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso;

III - 1800 (mil e oitocentas) horas de aulas para os conteúdos curriculares de natureza científico-cultural;

IV - 200 (duzentas) horas para outras formas de atividades acadêmico-científico-culturais.

Parágrafo único. Os alunos que exerçam atividade docente regular na educação básica poderão ter redução da carga horária do estágio curricular supervisionado até o máximo de 200 (duzentas) horas.

Art. 2º A duração da carga horária prevista no Art. 1º desta Resolução, obedecidos os 200 (duzentos) dias letivos/ano dispostos na LDB, será integralizada em, no mínimo, 3 (três) anos letivos.

Art. 3º Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se o § 2º e o § 5º do Art. 6º, o § 2º do Art. 7º e o §2º do Art. 9º da Resolução CNE/CP 1/99.

ULYSSES DE OLIVEIRA PANISSET

Presidente do Conselho Nacional de Educação

---

<sup>(\*)</sup> CNE. Resolução CNE/CP 2/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 4 de março de 2002. Seção 1, p. 9.

## **Do que tratam as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Matemática.**

*Quais as principais mudanças com relação às resoluções anteriores?*

A indicação do MEC é de que os conteúdos curriculares devem garantir o desenvolvimento de diferentes conhecimentos em matemática, relacionados com a estruturação do curso, que deve estar relacionado com o perfil do professor. Vejamos o que estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Matemática:

### ***Conteúdos Curriculares***

Os currículos devem assegurar o desenvolvimento de conteúdos dos diferentes âmbitos do conhecimento profissional de um matemático, de acordo com o perfil, [...] levando-se em consideração as orientações apresentadas para a estruturação do curso.

A organização dos currículos das IES deve contemplar os conteúdos comuns a todos os cursos de Matemática, complementados com disciplinas organizadas conforme o perfil escolhido do aluno.

As disciplinas do núcleo comum devem apresentar os conteúdos matemáticos nas áreas de geometria, análise e álgebra, com ênfase na educação básica, conteúdos de áreas afins à Matemática e conteúdos da Ciência da Educação.

Os Estágios aparecem como a grande mudança, com carga horária de 400 horas, entendidos como ferramenta que aproxima o educador matemático de sua prática e da realidade na qual se insere. Objetiva, também, vislumbrar o conhecimento através da prática.

As Atividades Complementares vêm para complementar a formação, visando ao aperfeiçoamento da postura do pesquisador, através da participação em projetos de pesquisa e iniciação científica, eventos e programas de iniciação à docência. Com mais detalhes segue o que se encontra no projeto:

## 4.2 Licenciatura

Os conteúdos descritos a seguir, **comuns a todos os cursos de Licenciatura**, podem ser distribuídos ao longo do curso de acordo com o currículo proposto pela IES:

Francisco César de Sá Barreto eds

5

- Cálculo Diferencial e Integral
- Álgebra Linear
- Fundamentos de Análise
- Fundamentos de Álgebra
- Fundamentos de Geometria
- Geometria Analítica

A parte comum deve ainda incluir:

- a) conteúdos matemáticos presentes na educação básica nas áreas de Álgebra, Geometria e Análise;
- b) conteúdos de áreas afins à Matemática, que são fontes originadoras de problemas e campos de aplicação de suas teorias;
- c) conteúdos da Ciência da Educação, da História e Filosofia das Ciências e da Matemática.

Para a licenciatura serão incluídos, no conjunto dos conteúdos profissionais, os conteúdos da Educação Básica, consideradas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores em nível superior, bem como as Diretrizes Nacionais para a Educação Básica e para o Ensino Médio.

Desde o início do curso e licenciando deve adquirir familiaridade com o uso do computador como instrumento de trabalho, incentivando-se sua utilização para o ensino de matemática, em especial para a formulação e solução de problemas. É importante também a familiarização do licenciando, ao longo do curso, com outras tecnologias que possam contribuir para o ensino de Matemática.

As IES poderão ainda organizar os seus currículos de modo a possibilitar ao licenciado uma formação complementar propiciando uma adequação do núcleo de formação específica a outro campo de saber que o complementa.

## 5. Estágio e Atividades Complementares

Algumas ações devem ser desenvolvidas como atividades complementares à formação do matemático, que venham a propiciar uma complementação de sua postura de estudioso e pesquisador, integralizando o currículo, tais como a produção de monografias e a participação em programas de iniciação científica e à docência.

No caso da licenciatura, o educador matemático deve ser capaz de tomar decisões, refletir sobre sua prática e ser criativo na ação pedagógica, reconhecendo a realidade em que se insere. Mais do que isto, ele deve avançar para uma visão de que a ação prática é geradora de conhecimentos. Nessa linha de abordagem, o estágio é essencial nos cursos de formação de professores, possibilitando desenvolver:

- a) uma seqüência de ações onde o aprendiz vai se tornando responsável por tarefas em ordem crescente de complexidade, tomando ciência dos processos formadores;

Francisco César de Sá Barreto eds

6

- b) uma aprendizagem guiada por profissionais de competência reconhecida.

A carga horária também aparece como uma mudança importante, já que os ajustes nas cargas horárias das disciplinas e a substituição de outras nos cursos de licenciatura em matemática foi ponto de discussão entre os professores.

A Resolução CNE/CES 3, de 18 de fevereiro de 2003, em seu Art. 3º estabelece que a carga horária dos cursos de Matemática deverá cumprir o estabelecido na Resolução CNE/CP 2/2002. Vejamos do que trata este documento:

**CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO  
CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR**

**RESOLUÇÃO CNE/CES 3, DE 18 DE FEVEREIRO DE 2003.<sup>(\*)</sup>**

Estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Matemática.

O Presidente da Câmara de Educação Superior, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o disposto na Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, e ainda o Parecer CNE/CES 1.302/2001, homologado pelo Senhor Ministro de Estado da Educação em 4 de março de 2002, resolve:

Art. 1º As Diretrizes Curriculares para os cursos de bacharelado e licenciatura em Matemática, integrantes do Parecer CNE/CES 1.302/2001, deverão orientar a formulação do projeto pedagógico do referido curso.

Art. 2º O projeto pedagógico de formação profissional a ser formulado pelo curso de Matemática deverá explicitar:

- a) o perfil dos formandos;
- b) as competências e habilidades de caráter geral e comum e aquelas de caráter específico;
- c) os conteúdos curriculares de formação geral e os conteúdos de formação específica;
- d) o formato dos estágios;
- e) as características das atividades complementares;
- f) a estrutura do curso;
- g) as formas de avaliação.

Art. 3º A carga horária dos cursos de Matemática deverá obedecer ao disposto na Resolução que normatiza a oferta dessa modalidade e a carga horária da licenciatura deverá cumprir o estabelecido na Resolução CNE/CP 2/2002, resultante do Parecer CNE/CP 28/2001.

Art. 4º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

ARTHUR ROQUETE DE MACEDO  
Presidente da Câmara de Educação Superior

---

<sup>(\*)</sup>CNE. Resolução CNE/CES 3/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de fevereiro de 2003. Seção 1, p. 13

A professora Aparecida enfatiza em sua fala uma mudança significativa na grade de 2006. Ela afirma que as mudanças deixaram o curso voltado para educação:

Os estágios, você complementou com disciplinas que preparam, que são as práticas de ensino, porque na grade anterior práticas de ensino eram estágio. Na grade 2006, se entendeu que a prática de ensino seriam as disciplinas que iriam subsidiar professores para ir para o estágio. Se discutir a prática, algumas metodologias de trabalho em sala de aula, além disso, a inclusão de tópicos na área educacional e a inserção de discussões sobre novas tecnologias. Então certamente essa grade, ao longo desse tempo, sofreu essa variação, contemplando aspectos educacionais.

Para o professor Marlos, os estágios e a carga horária dos estágios são mudanças significativas:

Em 2002 saiu uma nova portaria sobre a questão de licenciaturas, então o que a gente fez foi justamente isso, levar em conta o que era o currículo exigido pelo MEC e mais essas considerações locais. Foi quando apareceram as 400 horas de Estágio Supervisionado, que antes a gente não tinha, apareceram também a questão das atividades complementares, que a gente incluiu nesse projeto 2005.

### **A proposta da academia através da SBEM.**

*As contribuições da SBEM na construção do currículo da matemática em Ji-Paraná.*

Vamos conduzir esta história no que se refere às contribuições da academia e do grupo da Educação Matemática, através da SBEM. O professor Marlos faz referência à importância dos trabalhos realizados pela SBEM sobre os caminhos da Licenciatura em Matemática no Brasil que serviram de recorte para a reestruturação do curso em Ji-Paraná. Vejamos qual a visão do professor sobre o assunto:

Já a de 2005 foi mais diferente, porque a Sociedade Brasileira de Educação Matemática, ela já promovia essa discussão sobre as licenciaturas, sobre a formação do professor de Matemática no Brasil, essa discussão acontecia em todos os Estados e houve um Fórum na Bahia, onde cada Estado levou suas ideias sobre a formação de professor de Matemática. Eu não participei desse evento, mas ele culminou em um documento que foi publicado na revista, penso que eu ainda tenho essa revista aí. Ela tratava de todas as questões da

licenciatura, desde a avaliação, currículo, desde as disciplinas de formação pedagógica, formação específica, as disciplinas integradoras que vão integrar um grupo a outro. A partir desse estudo, dessa revista, juntando-se novamente a nossa formação, depois de muita reflexão, a gente conseguiu então montar essa matriz de 2005.

A SBEM – Sociedade Brasileira de Educação Matemática desenvolveu uma ampla discussão a respeito de uma proposta para os cursos de Licenciatura em Matemática.

Os estudos aconteceram nas Regionais da SBEM e levados para os encontros nacionais. Em 2002 foi realizado o I Fórum Nacional de Licenciatura em Matemática, reunindo representantes de diferentes estados. A intenção foi apresentar os resultados dos fóruns regionais, com o objetivo de produzir uma proposta da SBEM para os cursos de Licenciatura em Matemática a ser encaminhada ao Conselho Nacional de Educação, à SESu/MEC e à Coordenação do Exame Nacional de Cursos e à própria comunidade. O resultado final foi a elaboração do documento “Subsídios para a Discussão de Propostas para os Cursos de Licenciatura em Matemática: uma Contribuição da Sociedade Brasileira de Educação Matemática”.

Na sua apresentação, o documento traz o seguinte argumento como ponto inicial:

O presente documento tem como propósito contribuir para as discussões sobre os Cursos de Licenciatura em Matemática. Destina-se às instituições formadoras, aos grupos de pesquisa interessados na temática e também será enviado ao Conselho Nacional de Educação - CNE e à Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação - SESu/MEC, responsáveis pela regulamentação dos cursos. Elaborado a partir de uma série de documentos produzidos pelas Diretorias Regionais e contando com a colaboração de vários pesquisadores, representa um esforço de síntese da SBEM na busca de contemplar o pensamento e as reivindicações da comunidade brasileira de educadores matemáticos, no que se refere à formação de professores. A SBEM considera que no processo de discussão de diretrizes para as Licenciaturas em Matemática, não se pode desconsiderar o trabalho teórico e prático dos profissionais que vêm atuando em várias instituições. A Educação Matemática já tem disponível um repertório de experiências e produções acadêmico-científicas que permite estabelecer a configuração dessa modalidade de formação, o que implica na necessidade de serem constituídas diretrizes e instâncias formadoras com as especificidades necessárias. Ao apresentar este documento, a SBEM destaca princípios e apresenta propostas suficientemente flexíveis, de modo a se ajustarem a contextos e necessidades regionais particulares.

Entre os pontos abordados estão: Perfil de professor de Matemática que se deseja formar; indicações para a organização curricular nos Cursos de Licenciatura em Matemática; Educação Matemática nos Cursos de Licenciatura em Matemática e as Condições políticas e estruturais necessárias à implantação de uma proposta de formação de professores de Matemática.

Das conclusões, escolhemos um pequeno trecho que representa bem o que o referido documento pretende:

Da análise geral da proposta, fica a constatação de que há uma falta de sintonia entre o que a sociedade científica vem produzindo sobre a Educação Matemática e o exposto nas Diretrizes, revelada pela evidente fragmentação entre conhecimento matemático e conhecimentos pedagógicos.

Em especial, destaca-se o desconhecimento da existência de uma sociedade representativa de professores e pesquisadores que têm produzido conhecimento sobre a Educação Matemática que supera uma visão da formação pela justaposição de conteúdos.

Fonte: Subsídios para a Discussão de Propostas para os Cursos de Licenciatura em Matemática: SBEM, São Paulo, p. 2.

*A vivência do grupo também é importante no processo de reformulação.*

Os professores enfatizam suas experiências em sala de aula e os conhecimentos agregados a respeito dos cursos de licenciatura no Brasil, como subsídio na construção da grade.

O professor Marlos assegura que:

A nossa visão já era diferente, a gente já tinha uma visão de tirar um pouco dessa questão da cara de bacharelado do curso de Matemática e montar uma matriz curricular que, no nosso entendimento, fosse o necessário para formar um professor de Matemática. A matriz curricular de 92, ela era praticamente um Bacharelado, a de 99 já quebrou um pouco esse paradigma, só que a gente viu que ela ainda tinha aspecto disso, então a gente provocou essas mudanças em 2005, que corresponde à matriz curricular que entrou em vigor em 2006.

A professora Aparecida interpreta que a grade de 2006 vem quebrar com parte do bacharelado presente no curso:

Olhando a grade, isso ficou muito claro, até porque, como eu disse, a gente teve movimento de um curso que estava para bacharel, foi muito clara, é só olhar o bacharelado, foram introduzidos aspectos na área educacional, e, na grade de 2006, isso veio muito forte.

O professor Arivelto afirma que as experiências do dia a dia foram importantes para definir as mudanças nos conteúdos, de modo que o projeto atendesse às necessidades do grupo:

Em alguns momentos foram solicitadas reformas, mas a maioria das vezes, que eu me lembre, pelo menos, foi em função das necessidades detectadas pelo grupo.

Como professor do curso que percebe os problemas em sala de aula, o professor Fernando aponta a falta de disciplinas básicas no currículo, para atender às necessidades dos alunos que possuem problemas característicos da região.

Então, na grade anterior a 2006, a gente tinha um problema muito grande, que era o seguinte: você tinha muita álgebra, muita análise, equações diferenciais, e faltavam aquelas disciplinas básicas que o pessoal precisa muito no ensino médio, tipo a geometria. A geometria tinha uma carga horária muito reduzida e, para piorar, o pessoal não estudava de forma satisfatória essas disciplinas no ensino médio. Estudava um monte de coisa que não iam usar, então, assim, isso ficava muito ruim, estudavam análise I e II, duas álgebras, mas a geometria não sabiam, e não viam aqui também. Então eu acho que a melhora foi muito grande, nessa questão aí.

Nossa intenção até aqui foi revelar o olhar dos professores entrevistados a respeito do caminho percorrido para a construção da reformulação do projeto do curso de licenciatura em matemática do Campus de Ji-paraná para o ano de 2006. Faremos agora um cruzamento entre as grades, para melhor percebermos tais mudanças.

## **A Grade de 2006, vamos ver o que mudou.**

*As alterações vistas mais de perto.*

### **Começaremos agora com as diferenças na estrutura inicial dos dois projetos.**

No projeto de 2006, o item Habilidades do Graduando, que aparece no projeto de 2000, foi substituído por Competências e Habilidades na licenciatura em matemática.

As habilidades estão integradas ao conhecimento matemático e à capacidade de o licenciado trabalhar estes conceitos e argumentos. No projeto de 2000, temos:

#### **6.1 Habilidades**

Os graduandos em Matemática devem ter adquirido durante o curso as habilidades:

- 1 – de integrar vários campos da Matemática para elaborar modelos, resolver problemas e interpretar dados;
- 2 – de compreender e elaborar argumentação matemática;
- 3 – de trabalhar com conceitos abstratos na resolução de problemas;
- 4 – de discorrer sobre conceitos matemáticos, definições, teoremas, exemplos, propriedades;
- 5 – de comunicação de ideias e técnicas matemáticas;
- 6 – de analisar criticamente textos matemáticos e redigir formas alternativas.

Fonte: Projeto de Alteração da Grade Curricular do curso de Licenciatura plena em Matemática para o vestibular 2000, p. 06 e 07.

Enquanto as competências e habilidades da grade de 2006 estão relacionadas às condições de formar Educadores na área de matemática:

### **5.1. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DE CARÁTER GERAL**

O curso de Licenciatura em Matemática pretende nortear as ações didáticas e pedagógicas para formar educadores na área de matemática dotados de uma consciência crítica e espírito científico, capazes de elaborar e reconstruir o conhecimento de forma a intervir na realidade tornando-se sujeito de propostas próprias e aptos a participarem e contribuir para o avanço democrático da sociedade brasileira. Este posicionamento vai de encontro as Leis de Diretrizes e Base da Educação Brasileira. Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em Matemática (Proposta de Reformulação da Grade Curricular, Ji-Paraná, 2005, p. 08).

As propostas de grade curricular dos dois projetos apresentam diferenças em alguns itens, que apontam uma mudança significativa nas características do curso para o vestibular de 2006. Suas cargas horárias se aproximam em quantidade, mas possuem diferenças no que se referem à distribuição das mesmas.

O curso em 2000 possuía uma carga horária total de 3.120 horas, das quais 80 horas eram optativas. Já para o curso a partir de 2006, o total é de 3.200 horas, divididas da seguinte forma: 1.060 horas práticas e 2.140 horas teóricas.

A justificativa do Projeto de Alteração da Grade Curricular do Curso de Licenciatura Plena em Matemática de 2006 apresenta as mudanças do seguinte modo:

### 9. ESTRUTURA DO CURSO

Procurando atender as exigências do MEC no que tange a carga horária para cursos de licenciaturas, conforme resolução do Conselho Nacional de Educação com o n. CNE/CP 2 de 19/02/2002, e também às necessidades locais no sentido de formação do professor, o DCEN apresenta a reformulação da grade curricular, bem como sua estrutura para o Curso de Licenciatura em Matemática da UNIR em Ji-Paraná.

*Vamos mostrar agora as grades semestre a semestre, para que possamos visualizar melhor as diferenças.*

Para o primeiro semestre, a diferença está na troca das disciplinas: Sociologia da grade de 2000 é substituída por Geometria Plana na grade de 2006, e Filosofia da grade de 2000 para Filosofia das Ciências em 2006. Vejamos:

GRADE 2000		GRADE 2006	
I PERÍODO	CH	1º Semestre	CH
M01 Matemática I	120	M01 Matemática I	120
M02 Lógica Matemática	80	M02 Filosofia das Ciências	40
M03 Língua Portuguesa	80	M03 Língua Portuguesa	80
M04 Sociologia	60	M04 Lógica Matemática	80
M05 Filosofia	60	M05 Geometria Plana	80

A inclusão da disciplina de Geometria Plana está relacionada aparentemente às necessidades dos alunos com relação aos conteúdos de geometria. Conforme argumentou o professor Fernando no trecho anterior.

No segundo semestre, as mudanças não foram muitas, apenas a inclusão de Geometria Espacial e a transferência de Psicologia da Educação para o terceiro período da grade de 2006.

A alteração de Cálculo I para Cálculo Diferencial se encontra no primeiro item da ementa de Cálculo Diferencial, foi suprimida a unidade que tratava das noções de Geometria Analítica.

GRADE 2000		GRADE 2006	
II PERÍODO	CH	2º Semestre	CH
M06 Matemática II	120	M06 Matemática II	120
M07 Cálculo I	120	M07 Cálculo Diferencial	120
M08 Psicologia da Educação	80	M08 Geometria Espacial	80
M09 Metodologia Científica	80	M09 Metodologia da Pesquisa Científica	80

No terceiro semestre, na reestruturação aparece Física Básica na grade de 2006, com uma carga horária de 120 horas, ela substitui as disciplinas de Física I, Física II e Física III da grade de 2000. Psicologia da Educação foi remanejada, como vimos acima.

GRADE 2000		GRADE 2006	
III PERÍODO	CH	3º Semestre	CH
M10 Matemática III	120	M10 Matemática III	120
M11 Cálculo II	120	M11 Cálculo Integral	80
M12 Geometria Analítica Vetorial	80	M12 Psicologia da Educação	80
M13 Didática	80	M13 Física Básica	120

No quarto período, as modificações são importantes. A disciplina de Iniciação à Modelagem vem para preparar o licenciado sob o seguinte perfil: (Abertura para aquisição e utilização de novas ideias e tecnologias. Projeto 2006).

A disciplina de Prática de Ensino Fundamental é uma extensão da disciplina Prática de Ensino da grade de 2000, uma vez que a Resolução CNE/CNE/CP 2 institui novas cargas horárias para este fim.

GRADE 2000		GRADE 2006	
IV PERÍODO	CH	4º Semestre	CH
M14 Cálculo III	120	M14 Geometria Analítica e Vetorial	80
M15 Física I	80	M15 <b>Iniciação à Modelagem Matemática</b>	40
M16 Física Experimental I	40	M16 Cálculo de Funções de V. Variáveis	80
M17 Desenho Geométrico	80	M17 Didática Geral	40
M18 Probabilidade e Estatística	80	M18 <b>Prática do Ensino Fundamental</b>	80
		M19 Cálculo Numérico	80

O professor Fernando comenta sobre a mudança com relação à prática de ensino, fazendo o seguinte comentário:

E outras disciplinas também que tiveram a mesma situação da geometria, elas não apareciam ou apareciam pouco, e são básicas, são importantes, depois elas começaram a aparecer com a carga horária maior.

Vêm aí os acontecimentos no quinto período, e abriremos com as disciplinas de Matemática Financeira e Estatística I, cuja proposta é ajudar o acadêmico a aprender e a usar a matemática na vida cotidiana, e para estruturar seus pensamentos e raciocínios indutivos e dedutivos.

Acompanhando o mesmo caminho da disciplina de Iniciação à Modelagem, a disciplina de Tecnologias Educacionais Aplicadas ao Ensino da Matemática também é responsável pelo estudo e inserção das novas tecnologias aplicadas à educação.

GRADE 2000		GRADE 2006	
V PERÍODO	CH	5º Semestre	CH
M19 Equações Diferenciais	120	M20 Tópicos de Cálculo	80
M20 Geometria	80	M21 <b>Matemática Financeira</b>	80
M21 Física II	40	M22 <b>Estatística I</b>	80
M22 Física Experimental II	80	M23 <b>Tecnologias Educacionais Aplicadas Ao Ensino da Matemática</b>	80
M23 Processamento de Dados	80	M24 Equações Diferenciais	80

Já no sexto período, o curso apresenta mudanças significativas, surgindo o Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental, que, com uma carga horária razoável, de 160 horas, transporta efetivamente o aluno para a prática profissional. A disciplina de Prática do Ensino

Médio traz à tona as discussões sobre os conteúdos trabalhados no ensino médio, no sentido de ampliar os conhecimentos do acadêmico para a segunda parte dos estágios.

O projeto de 2006 define quais são os objetivos para os estágios, como se segue:

### 7.1. OBJETIVOS :

- Integrar o aluno no meio e nas condições do mercado de trabalho.
- Exercitar e alicerçar sua didática, frente as dificuldades por ele enfrentadas no dia a dia da escola.
- Dar segurança ao aluno numa sala de aula onde deverá atuar na condição de professor.
- Oportunizar ao aluno condições de exercitar na prática as didáticas estudadas na estágio supervisionado fundamental e médio.

Já a disciplina de Álgebra Linear, com 120 horas, sofreu uma aglutinação das disciplinas de Álgebra Linear I e Álgebra Linear II da grade anterior. A constituição da ementa de Álgebra Linear da grade de 2006 é uma junção dos ementários das outras duas disciplinas.

GRADE 2000		GRADE 2006	
VI PERÍODO	CH	6º Semestre	CH
M24 Álgebra I	80	M25 Álgebra Linear	120
M25 Álgebra Linear I	80	M26 Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental	160
M26 Cálculo Numérico	80	M27 Legislação Educacional	40
M27 História da Matemática	80	M28 Prática do Ensino Médio	40
M28 Física III	80		

No sétimo semestre, a disciplina de Estágio é uma preparação do acadêmico para as atividades no Ensino Médio, com carga horária de 80 horas, sustentando-se nos objetivos do projeto.

A disciplina de álgebra I da grade de 2006 é a mesma álgebra I do sexto período da grade de 2000, porém a continuação do estudo de álgebra não acontece na grade de 2006. A carga horária para álgebra II é remanejada para atender aos estágios.

A professora Aparecida entende que as disciplinas características de um curso de Bacharelado em Matemática foram substituídas pela parte educacional:

Na grade de 2006 isso veio muito forte. Veio muito forte e essas disciplinas todas, Álgebra Linear 2, Álgebra 2, e Análises na reta 2, suas cargas horárias foram totalmente preenchidas com aspectos educacionais.

Na visão do professor Fernando, a grade de 2000 não atendia bem ao curso de licenciatura em matemática:

Então, na grade anterior a 2006, a gente tinha um problema muito grande, que era o seguinte: você tinha muita álgebra, muita análise, equações diferenciais, e faltavam aquelas disciplinas básicas.

GRADE 2000		GRADE 2006	
VII PERÍODO	CH	7º Semestre	CH
M29 Álgebra II	80	M29 Álgebra I	80
M30 Álgebra Linear II	80	M30 Estágio Supervisionado do Ens. Médio I	80
M31 Análise Real I	80	M31 Variáveis Complexas	80
M32 Prática de Ensino I	80	M32 Optativa	80
M** Optativa	80	M33 História da Matemática	80

O reflexo das mudanças aparece no último semestre. O aluno tem uma carga horária de 160 horas para a regência, momento onde, efetivamente, se depara com as situações do dia a dia na profissão. Paralelamente a isso, precisa concluir o Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, isto é, lidar com a escrita e as interpretações da academia.

A disciplina de Análise Real, com carga horária de 80 horas, faz parte do rol de disciplinas que tiveram suas cargas horárias reduzidas para atender às exigências e adequações definidas para os cursos de licenciatura. Ou seja, na grade de 2000 existiam as disciplinas de Análise Real I e Análise Real II. Permanecendo em 2006 apenas o conteúdo da Análise Real.

Este curso de Licenciatura em Matemática possui, separados do projeto, os Regimentos que regulamentam os procedimentos internos para os estágios e o TCC.

Quanto às atividades complementares, elas aparecem como disciplina para efeito de registro das atividades realizadas no decorrer do curso no sistema de lançamento de notas da universidade. No projeto, as atividades complementares são assim determinadas:

### 8. CARACTERÍSTICAS DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Das 200 horas previstas para estas atividades, 40 horas serão computadas pelo trabalho de conclusão de curso – TCC. As 160 horas restantes deverão ser cumpridas durante os quatro anos de duração do curso (recomenda-se que o aluno cumpra, pelo menos, 20 horas em cada semestre), sendo a execução e planejamento de responsabilidade do aluno, sob orientação do departamento. (Proposta de Reformulação da Grade Curricular, Ji-Paraná, 2005, p. 14).

GRADE 2000		GRADE 2006	
VIII PERÍODO	CH	8º Semestre	CH
M33 Análise Real II	80	M29 <b>Análise Real</b>	80
M34 Prática de Ensino II	80	M30 <b>Estágio Supervisionado do Ens. Médio II</b>	160
M** Optativa	80	M31 <b>Trabalho de Conclusão de Curso</b>	40
		M32 <b>Seminários</b>	40
		M33 <b>Atividades Complementares</b>	160

#### Nas disciplinas, o que mudou?

*Falaremos agora como as disciplina ficaram ajustadas no projeto.*

O projeto do curso estrutura os conteúdos curriculares em duas partes: da formação geral e da formação específica.

## 6. CONTEUDOS CURRICULARES DE FORMAÇÃO GERAL E FORMAÇÃO ESPECÍFICA

O curso contém os seguintes conteúdos de formação geral:

- Da Ciência da Educação;
- Da História e Filosofia das Ciências e da Matemática;
- Das Áreas afins da Matemática.

O curso contém os seguintes conteúdos de formação específica:

- Cálculo Diferencial e Integral;
- Álgebra Linear;
- Fundamentos de Análise;
- Fundamentos da Álgebra;
- Fundamentos de Geometria;
- Geometria Analítica.

Fonte: Projeto de Alteração da Grade Curricular do curso de Licenciatura plena em Matemática para o vestibular 2006, p. 10.

Usaremos esta estrutura dos conteúdos da formação específica estabelecida no projeto para falar das disciplinas e seus respectivos conteúdos.

Para as disciplinas que compõem os conteúdos do Cálculo Diferencial e Integral, não foram feitas mudanças significativas. As ementas das disciplinas deste grupo são praticamente as mesmas para as duas grades.

Para as disciplinas do grupo da Álgebra Linear, os conteúdos continuaram os mesmos, a diferença está na carga horária. Na grade anterior, este fundamento possuía duas disciplinas com 80 horas cada. Já na grade de 2006, temos apenas uma disciplina com 120 horas.

Para os Fundamentos de Geometria, os conteúdos ficaram mais abrangentes, para atender às necessidades dos alunos. A carga horária também dobrou.

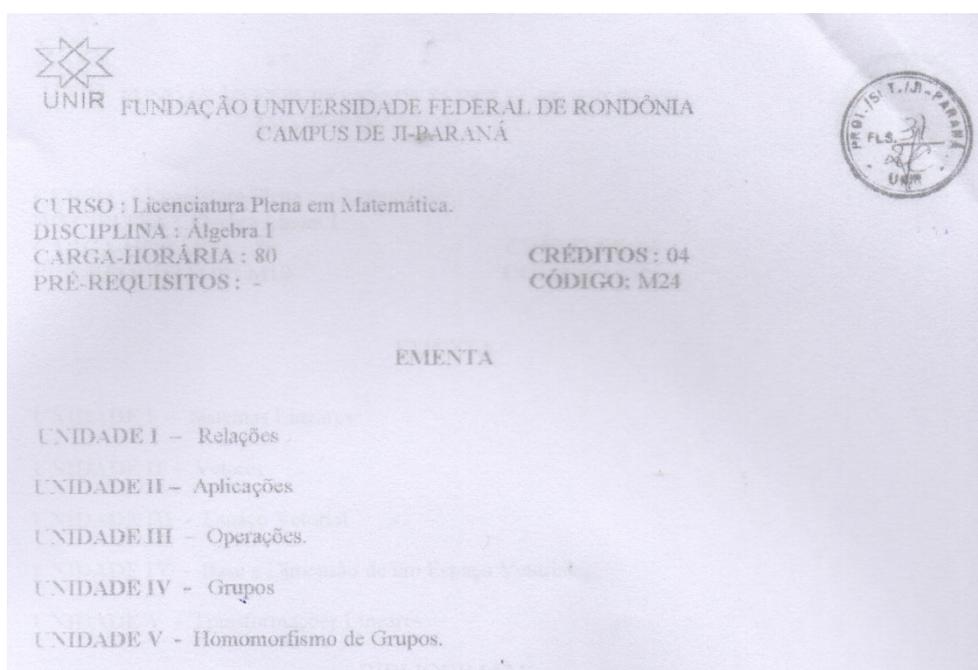
Para os fundamentos de Geometria Analítica, ocorreu uma pequena mudança com relação aos conteúdos, foram reduzidos alguns tópicos e a carga horária não foi modificada.

As mudanças de certo modo são vistas pelos professores entrevistados. De forma geral, as preocupações apareceram e foram levantadas no processo de construção da reformulação.

Os Fundamentos de Análise e os Fundamentos da Álgebra receberam o mesmo tratamento. Ambas perderam uma parte do conteúdo e metade da carga horária. Na grade de 2000 era duas disciplinas de Análise e duas disciplinas de Álgebra, cada uma com 80 horas. No entanto na grade de 2006 passa a ter uma disciplina de cada fundamento com 80 horas.

### **Fundamentos da Álgebra o que pensar a partir daqui?**

A ementa de Álgebra I do projeto de 2000 traz os conteúdos que começam em Relações e termina com Homomorfismo de Grupos. Vejamos os tópicos da mesma.



Fonte: Projeto de Alteração da grade Curricular do Curso de Licenciatura Plena em Matemática 2000 p. 31

A ementa dessa mesma disciplina no projeto para 2006, contém todos os conteúdos da disciplina do projeto de 2000, acrescido de Isomorfismo de Grupos Cíclicos, Teorema de Lagrange e Subgrupos Normais

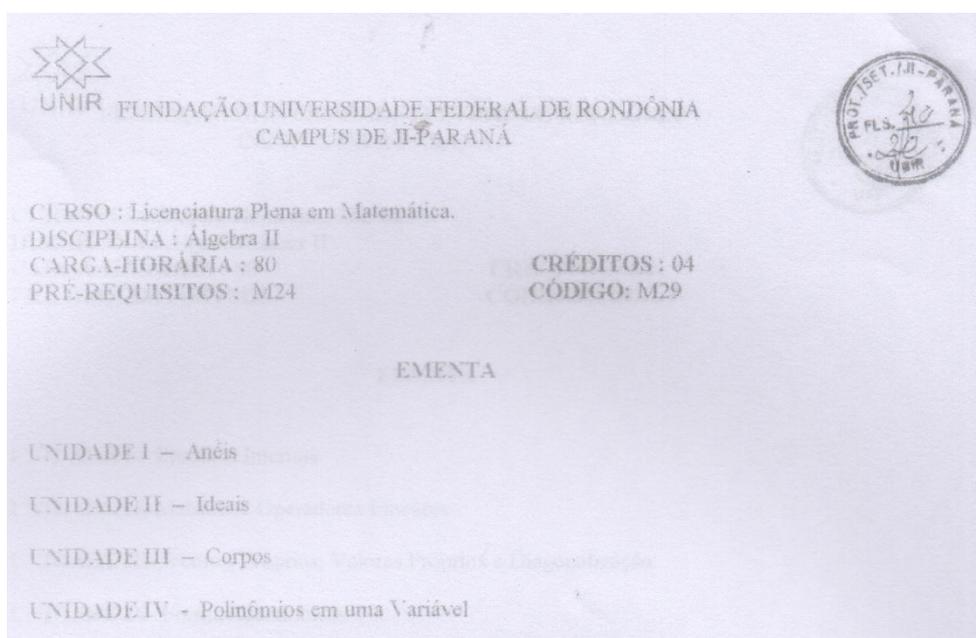
## CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

UNIDADE I - Relações Binárias, Relações de Equivalência, Relações de Ordem, Aplicações e Operações.

UNIDADE II - Grupos e Subgrupos, Homomorfismo e Isomorfismo Grupos Cíclicos, Teorema de Lagrange e Subgrupos Normais.

Fonte: Projeto de Alteração da grade Curricular do curso de Licenciatura plena em Matemática para o vestibular 2006. P. 86

Voltando ao projeto de 2000, vamos olhar para a ementa da disciplina de Álgebra II que, no projeto, representava o complemento dos Fundamentos da Álgebra.



Fonte: Projeto de Alteração da grade Curricular do Curso de Licenciatura Plena em Matemática 2000 p. 42

Como será que esses conteúdos foram escolhidos? Os professores dão algumas pistas sobre as decisões tomadas com relação à disciplina de Álgebra I. Vejamos o que diz o professor Fernando, que sucintamente, deixa sua opinião do que aconteceu no momento da construção das ementas.

Então, foi assim, cada professor que entendia alguma coisa ou pouco, fez uma ementa. Algumas saíram boas, outras mais ou menos, e outras são bem ruins. Inclusive a bibliografia não era boa. Mas assim foi. Na época foi bom, mas foi o máximo que se pode fazer aqui.

A professora Aparecida fala como as coisas se constituíram, na sua visão, com relação às disciplinas de Álgebra no departamento.

Por que o que acontece? Se você vê, aliás – você [referindo-se ao entrevistador] conhece bem as distribuições das disciplinas - eu nunca vi mais de uma pessoa querendo ministrar Álgebra. Normalmente, na distribuição, é a última que fica, e você tem que pegar. Não tinha nem o que questionar, então. Aí, por isso a gente pergunta. Não sei se foi natural. A gente seguiu um caminho e, provavelmente, isso se deu pelo fato da nossa formação. Quer dizer, se eu venho com mestrado, onde os aspectos analíticos são mais fortes, e onde nós temos várias disciplinas que discutem isso. Qual é o meu interesse, já que tenho tantas disciplinas que precisam desse meu conhecimento específico? Por que eu vou discutir Álgebra, se eu estou muito ocupada? O farei, como fez Fernando e como fez o professor Marlos: apenas quando não tiver mais ninguém para ministrar. A gente sabe que o aluno precisa desse curso e uma coisa boa do grupo é que a maioria se dispõe a estudar, se dispõe a aprender coisas novas. Tudo isso para suprir as necessidades do curso. Você [referindo-se ao entrevistador] acabou indo para Álgebra também por isso. Porque você entra no grupo e algumas coisas já estão postas, e você acaba construindo seu caminho.

Continuando com suas justificações, a professora Aparecida se refere ao professor Lenilson em sua relação com as disciplinas de Álgebra.

E muito provavelmente isso aconteceu com você. Exatamente, foi assim. Olha, e você [referindo-se ao entrevistador] se sentiu muito à vontade, porque você foi estudando aquilo e em uma área onde não tinha ninguém. Quer dizer, diferente de quando você pega as disciplinas de cálculo, onde a gente tem cinco, seis que podem ministrar. Então é onde, de vez em quando, a gente fala: olha, semestre passado foi você, e esse semestre sou eu. Você [referindo-se ao entrevistador] não vai passar por isso, quer dizer, foi confortável, porque você pôde estudar, estava realmente na área em que não tinha outras pessoas.

O professor Lenilson, a partir das considerações da professora Aparecida, reflete sobre o seu trabalho docente junto as disciplinas de Álgebra.

De fato, desde a minha graduação eu tenho um gosto especial por Álgebra. Já dividia com o Vicente a disciplina naquela época em que eu era professor colaborador. Quando me tornei efetivo em 2005, realmente o Vicente não estava mais. Então, como diz o professor Marlos, fiquei dono da disciplina. Venho trabalhando as disciplinas de Álgebra, desde então. Falo “as disciplinas” porque até 2010 ainda tínhamos alunos da grade de 2000, onde haviam as disciplinas Álgebra I e Álgebra II. Diante disto percebo: sim, eu tenho uma história com relação à Álgebra.

A professora Aparecida conclui suas considerações, afirmando que no departamento os profissionais transitam entre todas as disciplinas da grade, menos a que se refere a Álgebra.

...você, ter um grupo de pessoas que transita com tantas disciplinas, isso é uma das melhores coisas que o curso tem. Por quê? Porque eu estou falando com professor que relata uma dificuldade na aula e eu sei o que ele está passando, porque também já trabalhei com aquela disciplina. E esse é um aspecto extremamente positivo nas disciplinas. E nós, pelo menos a maioria, não podemos falar isso a respeito da Álgebra. [...] Todos os professores que vieram estavam contemplando uma certa parte do curso, mas não tem um algebrista. Não tem esse profissional. Eu acho que precisa; prova disso é que várias pessoas ministram quase todas as disciplinas do curso, mas não Álgebra.

Já o professor Marlos entende que as áreas de atuação dos professores foram se constituindo naturalmente, por suas formações, e que não faz parte das ações do departamento separá-los por área.

Não, não existe. Eu vejo que ao longo do tempo isso foi sendo uma coisa interessante, naturalmente foi se formando. Eu, por exemplo, trabalho todos os cálculos. Tem outras colegas também que trabalham. Você trabalha as álgebras. Determinado professor trabalha mais a geometria, em nenhum momento a gente sentou para discutir isso. Isso foi uma coisa que foi sendo adotada naturalmente, com o passar do tempo. Mas não foi, em nenhum momento que eu lembre, uma coisa formal: Ah, vamos discutir que, para se trabalhar cálculo, tem que ter tal perfil; para se trabalhar geometria... Não. Eu vejo que a discussão em si não há. No entanto se determinou, se delineou essas áreas de forma natural.

Será que estes acontecimentos influenciaram para a tomada de decisão sobre a ementa de Álgebra I no projeto do curso de Matemática para 2006?

O professor Dr. Romulo Campus Lins, em entrevista com o professor Lenilson, afirma que as mudanças com relação aos conteúdos de Álgebra, não podem ser vistas da mesma forma que as disciplinas de Análise e Álgebra Linear.

Isso é que eu acho legal, e vai desembocar em uma medida que não..., ela, provavelmente, não aparece em Análise e Álgebra Linear, porque em Análise e Álgebra Linear a ordem já é a ordem natural das coisas: se você cortar, você corta e, então, fica Introdução à Álgebra Linear e Introdução à Análise. E Álgebra não: se você seguir a ordem matemática, você faz essa inversão violenta. Então, isso é uma anomalia mesmo, uma anomalia que é gerada e que podia passar totalmente despercebida.

Para os professores entrevistados, as mudanças foram necessárias, mas não se pode concluir se suficientes, ou se corretas. Segundo eles, existem algumas coisas por fazer, para que o curso continue crescendo e atendendo a comunidade: formando professores de Matemática que percebam a importância da Educação Matemática na sua formação.

### **Possibilidades futuras.**

*O que pensar?*

A partir da fala do professor Fernando, concluiremos falando das perspectivas futuras dos professores entrevistados para o curso de Licenciatura em Matemática do Campus de Ji-Paraná.

A retrospectiva é considerada a principal fonte de força do curso pela professora Aparecida. Segundo ela, a união do grupo fará a diferença:

Eu vejo com muito bons olhos, acho que esse curso já teve momentos muito difíceis pela falta de profissional, mas a gente está vivendo uma coisa muito boa, a gente começa a respirar o novo. E uma coisa muito legal, a gente começa a receber os ex-alunos. O curso já está na segunda geração. Então, uma geração que é formada por nós. E eu acho isso bom para um curso, porque ele já tem uma identificação. Então eu vejo com bastante ânimo as perspectivas desse curso. Um curso forte, eu diria. Um curso enraizado, um curso formado por pessoas bastante comprometidas. E certamente o próximo

passo é o mestrado, que não é mais uma coisa fora da realidade. Então eu vejo com muito bons olhos o futuro desse curso.

Preocupado com os alunos em formação e o mercado de trabalho, o professor Arivelto fala de suas preocupações:

O curso de Matemática atende grande parte do Estado de Rondônia e nossos alunos estão ocupando cada vez mais as vagas de concursos na Secretaria de Estado e nas prefeituras. Muitos profissionais da matemática estão preferindo trabalhar em outros setores, pois não enxergam no exercício da educação um futuro promissor, em termos financeiros. Temos percebido que a procura pelo curso de exatas de Matemática está cada vez diminuindo, tendo como causa principal os baixos salários dos profissionais. Estamos perdendo profissionais para bancos e outros órgãos públicos, que oferecem salários mais atrativos.

Preocupado com a base da formação, o professor Fernando afirma que o curso precisa caminhar mais rapidamente para as novas tecnologias.

É preciso melhorar muito a qualidade do curso, tem que investir mais para atrair os alunos, porque os alunos estão, assim, desinteressados pelo curso, com o aparecimento de muitas vagas, o nosso curso parece que está diminuindo, a qualidade caindo muito também, em função também da redução da carga horária do Ensino Médio. Por isso deve-se investir mais em tecnologia, em internet, aplicativos, usar mais o computador na sala de aula, porque essa geração está toda envolvida com novas tecnologias e tudo, tudo tem alta definição, é só computador, então tem que remodelar o curso para falar a linguagem desse povo. Não mais recursos antigos, que muita gente insiste ainda em usar aqui. E renovar muito rápido isso.

Há vinte e três anos no curso, o professor Marlos acredita na formação continuada como ponto importante para o curso continuar a crescer.

Pois é, eu vou entrar naquela ideia de que eu sou suspeito para falar, porque quando pede-se a um pai pra falar sobre os filhos, o cara só vai falar bem. Não que eu seja pai, mas é um curso que eu estou aí já há muito tempo, então eu vejo perspectivas ótimas pra esse curso. Considerando o resultado último, que atingimos nota 4 no ENAD, considerando que o corpo docente quase todo hoje está buscando se especializar na área, através de estudo de

doutorado, considerando os colegas novos, eu vejo como um curso que tende a melhorar mais ainda dentro dessa questão de Educação Matemática. Na visão de educador de Matemática, é um curso que tem um grupo, bem interligado, que dialoga bastante, que consegue ver tanto a formação específica, quanto a formação pedagógica, extremamente necessárias. Penso que esse curso tende a melhorar bastante com relação a essa questão da formação do professor de matemática.

*A partir daqui, como será que as coisas vão continuar?*

## 7 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES

Faremos, agora, algumas considerações de caráter final.

No primeiro bloco, ao buscarmos localizar com relação ao lugar e ao tempo, o Estado de Rondônia, percebemos que as tomadas de decisão são, em quase tudo, decisões políticas, tomadas em nome da soberania, em função da posição fronteiriça da região, que a torna de interesse extremo para os sucessivos governos centrais. De certo modo, esta percepção nossa oferece uma trilha de entendimento, com relação ao fato de que, como se vê nos outros blocos, as preocupações primeiras sejam quase sempre da ordem do 'vamos fazer, depois vemos como continua'. Assim aconteceu com a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, e assim aconteceu com o crescimento desordenado das cidades.

O Poder público pressionado por vários setores, procurou atender a população em suas necessidades básicas. Percebe-se que o grande problema de Rondônia era a qualificação de mão de obra: o Governo Federal cria a Universidade Federal de Rondônia e, nesta, cria uma licenciatura em Ciências. Nas falas de nossos entrevistados e nos documentos analisados, fizemos a leitura de que a criação da universidade veio pela metade, não se falava em estrutura para atender ao corpo docente. Ou seja, cria-se e depois vamos ver o que fazer para garantir o funcionamento: “aqui [Porto Velho] as condições não são boas, como vamos abrir um Campus em Ji-Paraná?” (professor Eudes). Mas o câmpus foi criado.

No segundo bloco contamos a história da criação do Campus de Ji-Paraná, um conjunto de narrativas. A visão do professor Eudes oferece um fio condutor do processo, que aqui se volta quase que apenas para a questão da instalação física da instituição. Ele vai a Ji-Paraná, costura acordos com os poderes Municipal e Estadual, representa a Universidade. De acordo com a professora Maria das Graças, este processo é apenas a implementação de um projeto que não estava sendo construído por eles, mas sim que já havia sido definido tendo em vista objetivos de outra ordem que a pedagógica.

Neste sentido, indicamos que existe fortemente a presença dos administradores nas tomadas de decisão, decisões tomadas de maneira repentina e sem critérios pedagógicos visíveis. Criou-se o Campus de Ji-Paraná através do curso de Ciências do Primeiro Grau, sem

professores, sem estrutura e sem referência à responsabilidade com a qualidade de ensino que ali se estabeleceria.

Em seguida acompanhamos os acontecimentos em Ji-Paraná, O curso de Ciências do Primeiro Grau continuava, segue um caminho, contando com o trabalho de um grupo de treze professores cedidos, professores que são contratados pelo estado de Rondônia e prestam serviço a Universidade Federal de Rondônia. Eles acolheram a causa e levaram o curso até 1992, quando o curso de Ciências é substituído pelo curso de Licenciatura Plena em Matemática. Conforme mostra (em contexto outro, mas semelhante) o trabalho, já mencionado, de Edson Pereira Barbosa, esta mudança atende a visões e interesses que são *locais e específicos*, por exemplo, que a formação dos futuros professores não devesse se dispersar em conteúdos que não se referissem à Matemática.

Começa aí uma nova fase no que se refere a tomadas de decisão. Começou a se pensar um curso em Ji-Paraná independente de Porto Velho. Na fala dos protagonistas fica evidente a insatisfação do grupo de Ji-Paraná com o tratamento dado pela administração ao curso e ao Campus de Ji-Paraná. Através da fala do professor Marlos Gomes de Albuquerque, fica evidente que a mudança no projeto do curso de Matemática continuava uma extensão de Porto Velho. Foi inicialmente estruturado pedagogicamente, uma mudança com olhares pedagógicos, porém apoiada em estruturas maiores de controle administrativo, e que após aprovação transformou-se em uma arma política, muito importante, utilizada para quebrar o vínculo com o curso de Matemática de Porto Velho.

Para concluir, no último bloco desta pequena história continuamos caminhando pelos fios condutores das tomadas de decisões. A visão dos entrevistados muda de perspectiva, o olhar para os acontecimentos é diferente, é de outro nível; com mais experiência percebemos nas falas que a postura acadêmica dos entrevistados é voltada para a melhoria do curso, um curso que precisaria ter uma característica da área, ou seja, o curso de licenciatura voltado para preparar um professor de Matemática. Destacamos o interesse do corpo docente pela qualificação através da formação continuada. Pode-se identificar grupo interpretações de que a licenciatura em Matemática deva ser um subproduto do bacharelado em Matemática (a visão 3+1).

Destacamos também, na fala dos entrevistados, a crença de que uma boa proposta pedagógica seria suficiente para atender as necessidades inerentes ao curso em Ji-Paraná e

orientar seu atendimento, apoiando-se na valorização do que é acadêmico, na pesquisa e no respeito à cultura regional.

No entanto, as tomadas de decisão para uma nova mudança no projeto do curso estão pautadas nos indicativos do MEC com relação às licenciaturas. Exemplificamos a Resolução CNE/CP 2 de 2002, que estabelece normas para a distribuição da carga horária para cursos de licenciatura. O projeto do curso é estudado, mesmo sem um número suficiente de professores, sem estrutura e pessoal de apoio para atender a demanda; o trabalho é concluído. Era preciso atender as normas do MEC. Neste sentido, apontamos as mudanças nas disciplinas de prática de ensino, a inserção no currículo dos estágios e a novas tecnologias aparecendo para o ensino de Matemática. Este conjunto de experiências e reflexões sobre as diferentes visões de uma licenciatura em Matemática, levou o grupo de professores, a partir das experiências vividas no curso, a procurar uma formação voltada para a Educação Matemática.

Porém, mesmo discutindo o projeto do curso pedagogicamente falando, nem todas as tomadas de decisão são neste sentido, e é aqui que se pode entender a decisão tomada em relação aos fundamentos da Álgebra. O curso de licenciatura em Matemática do Campus de Ji-Paraná, na grade de 2000 contempla as disciplinas de álgebra I e álgebra II. Na última mudança, a de 2006, para atender e o que estabelece à resolução do MEC a cima citada retira da grade a disciplina de álgebra II.

Fomos levados a concluir, a partir das falas ouvidas, dos entrevistados para esta tomada de decisão, que aquela mudança é um acontecimento desconectado do restante do currículo; que caminha só, paralelamente às outras disciplinas. Por isso entendemos que a decisão de retirada da disciplina de álgebra II da grade do curso, foi uma decisão de outra ordem, e não uma decisão pedagógica. A decisão de dividir as disciplinas sem tratar das ementas, não deveria ser possível para os fundamentos da álgebra. Tomar uma decisão apoiada apenas em separar I e II para resgatar carga horária torna-se uma anomalia, o que não é o caso, por exemplo, das disciplinas de álgebra linear (no sentido de que fique evidente que o mesmo tenha acontecido, embora esta nos pareça a interpretação mais razoável).

Entendemos que este é um dos motivos que nos levam a sentir dificuldade no ensino de Algebra, em particular o distanciamento que percebemos entre a Álgebra e as outras disciplinas do currículo do curso de licenciatura em Matemática do Campus de Ji-Paraná. No entanto, naturalmente, este nosso estudo não é nem definitivo, ele não é conclusivo com relação ao assunto, mas apontamos aqui o caminho de que outras disciplinas, cada uma delas

e em seu conjunto, possam e devam ser investigadas a partir de processos de tomada de decisões.

Pensamos que isto possa favorecer o caminho de uma constituição coletiva de uma proposta curricular.

Por fim, mas não menos importante, salientamos que a experiência de tratar da apresentação de nosso estudo na forma de um documentário (ou procurando se aproximar disto), tanto nos alertou para as (grandes) dificuldades desta empreitada, quanto nos animou a continuar investindo na questão de encontrar meios relevantes de compartilhar experiências profissionais com colegas da comunidade, professores e pesquisadores da Educação Matemática. Nos apontou que as dificuldades encontradas são, em boa parte, exteriores à questão mais propriamente da Educação Matemática, mas também que é possível, e mesmo preciso, que nossa comunidade pense também *para e por fora dela*.

## 8 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. S, e MAIA, M. B. R, A trajetória do Ensino Superior Público em Rondônia. **Eufro**, Porto Velho, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Resolução CNE/CP2/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 4 de março de 2002. Seção 1, p. 9.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica em nível superior. Parecer CNE/CP9/2001. **Diário Oficial da União**, Brasília, 18 de janeiro de 2002, seção 1, p. 31.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Resolução CNE/CP1/2002. **Diário Oficial da União**, Brasília, 9 de Abril de 2002. Seção 1, p.31 291

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 25/2002. Consulta sobre os Programas Especiais de Formação Pedagógica de Docentes para as Disciplinas do Currículo do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e da Educação Profissional em Nível Médio. **Diário Oficial da União** de 07 de out. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes curriculares Nacionais para os Cursos de Matemática, Bacharelado e Licenciatura. Parecer CNE/CES 1.302/2001. **Diário Oficial da União**, Brasília, 5 de março de 2002, Seção 1, p. 15.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES 1.302/2001. Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Matemática, Bacharelado e Licenciatura. **Diário Oficial da União** de 5 de março de 2002, Seção 1, p. 15. Brasília, 06 de novembro de 2001.

BICUDO, M. Pesquisa qualitativa: Significados e a razão que a sustenta, **revista pesquisa qualitativa** 2005

LINARDI, P. R. **Rastros da formação matemática na prática profissional do professor de matemática**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2006.

LINS, R. C. A diferença como oportunidade para aprender. In: Anais do XIV ENDIPE – **Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**, PUCRS/UNISSINOS, p. 530-550. Porto Alegre-RS, 27 a 30 de abril de 2008.

LINS, R. C. Characterising the mathematics of the mathematics teacher from the point of view of meaning production. In: 10th **International Congress on Mathematical Education**, Copenhagen, 2004.

LINS, R. C. Epistemologia, História e Educação Matemática: Tornando mais Sólidas as Bases da Pesquisa. **Revista de Educação Matemática da SBEM-SP**, ano 1, nº 1, p. 75-91. São Paulo, setembro de 1993.

LINS, R. C. Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a Educação Matemática. In: BICUDO, M. A. V. (Org.). **Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1999. p. 75-94

LINS, R. C. **Projeto de Pesquisa Integrado Sigma-T**. Mimeografado. Rio Claro, 2008.

LINS, R. C. O Modelo dos Campos Semânticos: estabelecimentos e notas de teorizações. **Modelo dos Campos Semânticos e Educação Matemática 20 anos de história**. Midiograf. São Paulo, 2012. p. 11 - 30

OLIVEIRA, V. C. A. **Uma leitura sobre formação continuada de professores de matemática fundamentada em uma categoria da vida cotidiana**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP). 2011.

OLIVEIRA, V. C. A. **Sobre a produção de significados para a noção de transformação linear em álgebra linear**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP). 2002.

SOUZA, G. B; RODRIGUES, M. A. e KIOURANIS N. M. M. O campo de atuação do professor com formação em Licenciatura Plena em Ciências no Paraná. **Revista Acta Sci. Human Soc. Sci.**, v. 28, n. 2, p. 209-218, Maringá, 2006

WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos **Sociologias**, Porto Alegre, ano 7, nº 13, jan/jun 2005, p. 260-300

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues e FONSECA, Dante Ribeiro da. **História Regional: Rondônia**. Porto Velho: Rondoniana, 2001.

## 9 ANEXO ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES

**Lenilson:** Entrevista 05, no laboratório de Matemática, Campus de Ji-Paraná, com a professora Aparecida Augusta da Silva, no dia 29 de agosto, às 19h50. Boa noite, professora.

**Professora Aparecida:** Boa noite.

**Lenilson:** Qual a sua formação, em que Instituição, e onde você cursou a graduação?

**Professora Aparecida:** Eu cursei Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal do Mato Grosso, de 91 a 94, UFMT. Logo em seguida, em 95 a 97, mestrado pela UFPE, mestrado em matemática pela UFPE, e 97, quando terminei, eu fiz um concurso para cá, comecei a trabalhar em janeiro de 98, trabalhei até 2004, saí com doutorado, 2004 a 2008, em Educação Matemática pela USP, e desde 2008 retornei para o departamento.

**Lenilson:** Como é que era a grade da sua graduação em Matemática?

**Professora Aparecida:** Em todos os aspectos?

**Lenilson:** A divisão das disciplinas. Estava naquela situação, era o bacharelado mais a complementação?

**Professora Aparecida:** Não, eu fiz licenciatura, um curso que já contemplava as disciplinas específicas do curso de Matemática, tais como os cálculos, as análises, as variáveis complexas, que são bem específicas, especialmente análise, variáveis complexas, as álgebras, álgebra linear, que compõem o núcleo do curso de Matemática, e paralelo, um núcleo de educação que envolvia especialmente os estágios, e discussões de psicologia, sociologia e, então, realmente um núcleo educacional.

**Lenilson:** Como foi o processo de contratação junto à Universidade para que você chegasse ao seu departamento, como se deu a sua vinda para o departamento?

**Professora Aparecida:** Conheci o professor Marlos no Recife, enquanto fazia o mestrado, e exatamente na semana que eu iria defender a dissertação eu liguei para

parabenizá-lo pelo aniversário, eu acho, e ele falou do concurso. Disse que o concurso estava aberto na área, e foi bem tranquilo, porque, como eu tenho toda a minha família no Mato Grosso, então Rondônia é um Estado vizinho. Então foi um convite, aí eu vim, fiz o concurso, passei, assumi, e aliás, antes de assumir, eu já fui convidada pela própria Universidade para ministrar cursos que estavam atrasados, eu acho que tinha curso de Matemática que não tinha professor, então eu já comecei a trabalhar a convite, e continuei, assumi em janeiro. E continuei esse trabalho, então foi o convite de um professor para fazer concurso na área.

**Lenilson: Quais as disciplinas que você ministrou e você ministra no curso?**

**Professora Aparecida:** Então, aqui nós temos um grupo que trabalha em várias frentes de formação, que eu diria não individual, mas pela formação que o departamento vivenciou e pela necessidade que o departamento teve. Então, assim que eu comecei a trabalhar aqui, as primeiras disciplinas, 98, 99, foram específicas do curso, eu trabalhei, comecei com análise, variáveis complexas, álgebra linear, e trabalhei com esse núcleo por um bom tempo. Depois, uma coisa que foi bem natural no curso foi a discussão sobre as disciplinas iniciais do curso, porque todos os professores reclamavam bastante desse aluno que chegava, era geral, reclamação dos cálculos, dessas disciplinas específicas, a dificuldade do aluno era muito grande, então nós criamos nessa época disciplinas básicas, matemática 1, matemática 2, matemática 3, que é uma revisão do ensino médio, e nesse momento que eu também comecei a trabalhar com essas disciplinas. Então trabalhei como matemática 1, 2, 3. Foi um movimento natural do nosso curso.

Então você vê que automaticamente a gente mesmo faz um movimento interno conforme a necessidade que se tem. Ter participado de todo esse movimento do curso me conduziu a fazer um doutorado na área educacional.

**Lenilson: Um doutorado?**

**Professora Aparecida:** É, um doutorado, e, depois dessa formação específica na área de educação, eu retornei, também trabalhei com os estágios, foi um momento que tinha poucas pessoas ainda nessa área, então eu trabalhei com os estágios, as práticas de ensino, e assim naturalmente, como estão chegando mais pessoas na área educacional, o Emerson eu acho que foi um grande auxílio, e quando ele chegou naturalmente eu pude seguir outro caminho, porque havia alguém preenchendo esse, que ele assumiu os estágios e começou a tomar conta das práticas de ensino. E eu fui retomando a área da matemática com os cálculos.

Então eu agora pretendo seguir exatamente essa linha, retornar, porque nós temos pessoas para trabalhar na área educacional.

**Lenilson: Essa é a sua área de maior afinidade?**

**Professora Aparecida:** Olha, eu tenho afinidade com Matemática. No todo, eu acho que é imprescindível a gente ter essa concepção educacional e exercer isso na sala. Hoje eu não penso a Matemática como conteúdo, numa visão conteudista, que eu tenho que encher, encher de conteúdo. A minha preocupação maior, e isso eu tenho defendido na minha fala, é que a gente tenha noção do tipo de pensamento que se está explorando naquele momento: pensamento algébrico, pensamento analítico, pensamento numérico. Então esse crescimento, ele se deu a partir do momento em que a gente se debruça sobre teorias educacionais, de ver esse aluno como esse outro, e a função do professor é essa, você tem a Matemática e você tem um sujeito que é teu aluno, e o como você tramita que é importante. Então a gente passou a trabalhar, e não só eu, mas a gente percebe todo o grupo seguiu nessa direção, houve um movimento do departamento todo nessa direção.

Então a gente percebe isso chegando na sala de aula, o professor está discutindo mais as concepções educacionais dentro da sala. O grupo passou a receber outras formações, isso enriquece. Então aí eu diria o curso de cálculo que hoje eu trabalho é diferente de antes, eu acho que a Matemática está posta, ela é a mesma, mas o professor em sala de aula mudou, e inclusive com afetividade. Esse aluno, você tem que trabalhar a afetividade, a autoestima, porque ele chega com baixa autoestima em relação ao conhecimento matemático. Ele chega em uma Universidade Federal, em um curso de matemática, classificado por muitos como difícil, então ele chega com esse medo. Então trabalhar que isso é possível, que é viável, que ele pode, também tem sido importante, então eu acho que essa formação educacional, associada obviamente a um conhecimento matemático, só tem a enriquecer o curso. Então, se você me perguntar realmente que parte eu me sinto mais tranquila nas disciplinas de Matemática, eu acho realmente que discutir as questões educacionais é difícil, é muito difícil, você está em um grupo (alunos) que ainda precisa ser incentivado à leitura, ele reclama de ler, então é mais difícil trabalhar com aspectos educacionais do que com os aspectos da Matemática. Então acho mais fácil trabalhar com a Matemática e, por ter um grupo que está trabalhando aspectos da educação, eu devo ficar mais tempo trabalhando com os conteúdos de matemática.

**Lenilson:** Em outras entrevistas, conversando com os colegas e vendo os documentos, o departamento ou o Curso de Matemática passou por dois, duas reformas. Que foi em 1999, que entrou efetivamente na grade de 2000, e de 2005, que efetivamente foi feito em 2006. Você participou dos dois processos, de um, você acompanhou a discussão? Como é que foi?

**Professora Aparecida:** O primeiro sim, quando houve essa mudança de trabalhar com as Matemáticas do final do curso e passar a trabalhar também com as primeiras disciplinas do curso, justamente por ter participado dessa discussão. A discussão naquele momento era que nós tínhamos um curso que já começava com cálculo, era um curso clássico de Matemática e naquele momento a gente viu que tinha problemas com o aluno que estava no curso, o índice de reprovação era alto, você tem que adaptar. Então, naquele momento, o grupo sentiu necessidade de introdução às matemáticas básicas. Foi exatamente nesse momento que surgiu essa discussão, que envolvia o ensino médio. Então eu participei, foi o momento também que a gente introduziu a história da matemática, que não constava na grade, então era uma grade muito mais voltada para o bacharelado naquele momento.

E a gente introduziu alguns aspectos da licenciatura. E na de 2005 eu não estava, porque eu estava no doutorado, mas é a grade que hoje eu trabalho, que já trabalho desde 2008, quando eu retornei. E o que se percebe foi um movimento voltado para a educação, se inseriu vários aspectos discutidos hoje na Educação Matemática, então são várias as disciplinas que contemplam esses aspectos, além dos estágios, se complementou com disciplinas que preparam para as práticas de ensino, porque na grade anterior as disciplinas de práticas de ensino se referiam aos estágios. Na grade 2006, se entendeu que a prática de ensino seriam disciplinas que iriam subsidiar os alunos para os estágios.

**Lenilson:** Para discutir a prática, não é?

**Professora Aparecida:** Exatamente, discutir as práticas, algumas metodologias do trabalho em sala de aula, além disso, a inclusão de tópicos na área educacional, a inserção de discussões de novas tecnologias, então certamente essa grade ao longo do tempo sofreu variação contemplando aspectos educacionais. Hoje a gente já vê necessidade de rever, porque é dinâmica as discussões na área educacional. Então tem discussões que já estão superadas porque existem novas discussões. Então certamente a nossa nova grade, que vai ser discutida ainda esse ano, deve prever isso: o que está superado, quais são as novas necessidades. Na Semana de Matemática a gente teve oportunidade de discutir com os alunos

sobre o tema inclusão, que ainda não é contemplado na nossa grade. Então alguns aspectos certamente já estão superados e novas demandas surgem. Isso deve ser apontado para nossa nova grade.

**Lenilson: Com relação a 99, 2000, quais foram os documentos referência que foram utilizados?**

**Professora Aparecida:** Parâmetros Nacionais para as Licenciaturas, pois lá tinha indicações de algumas disciplinas que a gente não contemplava na grade, por exemplo, a História da Matemática, que na época não era obrigatória. Além disso, foram utilizados outros parâmetros locais, devido à necessidade de contemplar as matemáticas básicas. As discussões também estiveram embasadas na experiência de trabalhar de alguns anos no curso, de todo o grupo, não é de um só, de todo um grupo, e apontou que tinha alguma coisa errada, porque esse aluno chegava ao final do curso com deficiências básicas.

Então isso é um parâmetro local, é um parâmetro determinado pelo próprio curso como tem que ser. Têm-se parâmetros nacionais em que não se pode fugir, porque estão postas as necessidades nacionais que são construídas a partir de várias discussões em vários encontros. Então a gente não pode fechar os olhos para isso, mas ao mesmo tempo tem as necessidades local. Apesar de se ter uma dificuldade com aprendizagem na área de exatas com abrangência nacional, é legítima essa preocupação de colocar disciplinas em que amenizam isso localmente. Você não é obrigado pelo Parâmetro Nacional, mas, se você não fizer, pode correr o risco de ter o aluno no final do curso ainda com deficiência que poderiam ter sido sanadas lá no começo do curso.

**Lenilson: Diga-me uma coisa, a grade, também está presente ali na grade a formação inicial do grupo? Sofreu influências?**

**Professora Aparecida:** Com certeza a grade curricular representa muito o grupo, então, quando olho a grade de 2006, já sinto contemplados aspectos da formação do grupo. Quando a gente não conseguia colocar como disciplinas obrigatórias, se colocava como optativa. Porque as disciplinas optativas representam o grupo de professores, porque as obrigatórias você segue parâmetros nacionais. Se você não tem aquele profissional (professor da área), você vai ter que arranjar o profissional, mas a disciplina é obrigatória na grade. A optativa não, então você vê exatamente a cara que estava naquele momento, certamente as disciplinas que a gente vai oferecer agora nessa nova grade são diferentes.

**Lenilson: Ou seja, vai aparecer a tendência da formação?**

**Professora Aparecida:** Exatamente.

**Lenilson: Durante esse tempo que você está trabalhando no curso, quantas vezes o grupo estudou o PPC do curso?**

**Professora Aparecida:** Estudamos apenas nesses momentos em que há mudanças, ou seja, estudamos por necessidade. A gente percebe que, apesar de discutir o curso como um todo, há subgrupos dentro do curso, então é natural que tem um grupo que está discutindo só cálculo, outro que discute as álgebras. E tem um grupo que trabalha com a interface Matemática e Educação, mas acho que nunca se fez um grande encontro para discutir o curso inteiro. Eu acho que hoje a gente tem pessoas, um grupo grande com vinte anos, quinze anos de UNIR, quer dizer, a gente tem um grupo grande que tem mais de 10 anos dentro do curso. E isso traz um amadurecimento sobre o próprio curso porque... Eu tenho 16 anos, nesse período todo, tudo que eu fiz foi voltado para minha profissão, para matemática, para o ensino. Então certamente, com 16 anos sem parar, estudando continuamente, eu me tornei outra profissional. E a mesma coisa aconteceu com os meus colegas, eu acho que agora a gente tem um amadurecimento maior relacionado com as questões do curso como um todo, como um curso formador de professor e não apenas de um matemático.

E aí uma coisa que tem que se chamar a atenção é a mudança que ocorreu nesse curso, um amadurecimento, eu diria. Um amadurecimento que ocorreu especialmente com essa formação em bloco, porque são várias pessoas fazendo doutorado ao mesmo tempo. O DINTER em Educação Matemática foi extremamente importante. Eu estou vendo como uma pessoa que não participa do DINTER, mas acompanho esse movimento está acontecendo, tem também o REAMEC, ou seja, praticamente todo o grupo está fazendo doutorado. Mudou totalmente a concepção do curso, quer dizer, se amplia a concepção de curso, então eu acho que por isso que esse momento é muito propício para discutir o curso como um todo. O grupo está se formando nessa concepção, então eu me sinto muito à vontade para discutir com todo mundo os vários aspectos da matemática, porque a gente vê que o grupo está aberto para essa discussão.

**Lenilson: Na grade, na reforma da grade de 2006, houve a separação álgebra 1, na grade antiga era álgebra 1 e álgebra 2. Aí tiraram e álgebra 2 passou a ser optativa. Tinha álgebra linear 1 e álgebra linear 2, que passou também a ser optativa, a 2. A**

**análise também. Você, como você não participou, mas de repente você conversou com alguém, você sabe por que foi tomada essa decisão de fazer esse corte, se está relacionado ao grupo?**

**Professora Aparecida:** Olhando a grade, isso ficou muito claro, até porque, como eu disse, a gente teve um movimento de um curso que estava mais para bacharelado, foi muito clara, é só olhar, desta forma, foram introduzidos aspectos na área educacional, e na grade de 2006 isso veio muito forte. A carga horária de álgebra linear 2, álgebra 2, e análise na reta 2, foram totalmente preenchidas com a disciplinas da área educacional. Naquele momento certamente representava uma ansiedade daquele grupo que ali estava, que via a necessidade de mudanças. E agora eu acho que é outro momento, de 2006 para agora, 2013, a gente tem muitos anos e mais de uma turma formada. E eu acho que é o momento de voltar a discutir se isso foi bom ou se isso não foi bom. Na terça-feira os alunos colocaram isso na discussão, em que uns querem e propõem aumentar a carga horária para contemplar mais conteúdos, mas ao mesmo tempo, quando veem que demandará mais de 4 anos, recuam, porque há um movimento para se formar logo, então é difícil de contemplar todas as ansiedades.

**Lenilson: Adequar tempo à necessidade de conhecimento?**

**Professora Aparecida:** Exatamente, então eu acho que o momento da gente parar e pensar: mas será que a gente tirou muito conteúdo de matemática em detrimento ao educacional? Ou não? Ela foi natural, certo, até por mudar o aspecto de um bacharelado para licenciatura. O Brasil todo vive um pouco esse movimento, mas agora é hora de parar e pensar se tem alguma coisa que precisa ser retomada. E talvez sim, não sei, até porque as próprias ementas precisam ser reestruturadas, porque em algumas percebe-se a sobreposição de conteúdos, então, talvez, se fizermos uma boa discussão a respeito das ementas, a gente não necessite colocar outras disciplinas na área da matemática, mas talvez tenha.

**Lenilson: Os professores conversam, dialogam com relação a suas disciplinas ou entre o que está acontecendo com as aulas, existe um grupo de estudo com relação às disciplinas?**

**Professora Aparecida:** Não, a gente tem amigos, é diferente. Pela proximidade que alguns professores têm, se discute algumas coisas importantes, um curso que é unido, e em vários momento um professor relata para outro o que está acontecendo na sala de aula, mas isso não representa uma discussão do curso, isso são as amizades que foram criadas ao longo

do tempo, então é muito comum, dentro de projetos, a gente discutir alguns aspectos, por exemplo, grupo de PIBID, que está reunido e você vê que está discutindo uma coisa e você tem oportunidade de falar sobre aquilo, o PIBID você tem apresentação de alguns trabalhos, onde um colega vai lá e opina a respeito da pesquisa. A Semana de Matemática, que é importantíssima para o curso, que é o momento que se senta e discute alguns aspectos, e a gente sempre tem uma fala que remete a um problema da sala, ou algo que aconteceu e você socializa. Mas isso é feito em grupos menores, isso não é feito uma discussão do departamento. Que é muito rico e também porque às vezes pode ser muito objetiva uma conversa de grupos menores, mas talvez a gente conseguisse construir essa política de grupos menores dentro do departamento, com discussões oficiais, talvez fosse interessante.

**Lenilson: Quer dizer, politicamente o departamento não tenha essa...?**

**Professora Aparecida:** Não tem esse costume, não se criou essas discussões.

**Lenilson: Mas existem os grupos que fazem isso por afinidade?**

**Professora Aparecida:** É, foi construída ao longo do tempo. A gente foi construindo esse hábito ao longo do tempo.

**Lenilson: A minha curiosidade com relação ao ensino de álgebras se deu por algumas lacunas que eu percebi nos alunos quando chegam para cursar, fazer a disciplina de álgebra. E, como você trabalha com Matemática e com o Cálculo, eu gostaria de saber se você faz a contextualização desses conteúdos com as demais disciplinas do curso, não necessariamente com álgebra, mas o que você, se existe uma contextualização, por exemplo, quando você está trabalhando matemática 1, chamar a atenção do aluno para aquele, para a importância daquele conteúdo no desenrolar de todo o curso, como é que você trabalha?**

**Professora Aparecida:** Eu acho que, quando você consegue discernir bem a questão do pensamento analítico, do pensamento algébrico, do pensamento geométrico, fica mais fácil, porque o cálculo, por exemplo, são vários os aspectos onde você tem que trabalhar o pensamento algébrico. Aliás, é o que o aluno assusta, porque ele é acostumado a trabalhar o pensamento numérico. Por exemplo, no cálculo diferencial, se você usar uma constante representada por uma letra e não por um número, a maioria questiona: o que é isso? Porque o lidar com essa linguagem algébrica a gente sabe que é um problema sério. Veja como é complicado, entre o nosso grupo de professores que trabalha em várias perspectivas, vários

tramitaram entre as várias disciplinas do curso, passou pelos cálculos, variáveis complexas, análise, mas ninguém foi para álgebra.

No máximo álgebra linear. Então você já percebe que o próprio grupo abriu mão do ensino de álgebra. Então, se você pegar aqui dentro do Departamento, tem um grupo de seis, sei lá, professores em que você pode colocar para circular, do primeiro ao último semestre, não passando pela álgebra. Quem trabalhou com álgebra aqui? Se você me perguntar sobre cálculo, variáveis complexas, eu vou elencar um monte de professores, no entanto, com álgebra, tirando você, eu não consigo me lembrar de ninguém.

**Lenilson: O Vicente não é?**

**Professora Aparecida:** É que foi embora há muitos anos, há mais de dez anos, então, assim, ele trabalhou antes de você estar aqui. Vários poderiam ter recebido essa herança, mas ela lhe foi passada assim que você entrou, nem sei como, mas eu tenho certeza que logo passaram para você. Tudo bem que a gente não tem uma formação específica, eu, o Marlos, a gente de certa forma bebeu na mesma fonte da UFPE, e para a gente é melhor pegar os cálculos do que álgebra.

**Lenilson: Eu acho que a Fany também trabalhou pouco de álgebra.**

**Professora Aparecida:** A gente trabalha sempre com a linear, não é? Isso aí eu sei, álgebra linear, porque a gente trabalha com geometria analítica vetorial, então álgebra linear, mas álgebra, a disciplina de álgebra, elas não são muitas. Também não sei explicar por quê, talvez foi por coincidência, o grupo é formado em outra área, talvez foi isso.

**Lenilson: Eu não tinha, antes de começar a pensar sobre esse contexto, eu não tinha me tocado que eu estou há tanto tempo trabalhando com álgebra.**

**Professora Aparecida:** Então, talvez se perguntasse, por exemplo, a gente tramita com álgebra linear. Todo semestre você vai ver uma variação de professores, até porque tem eu, Reginaldo, Marlos, Fernando, Ângelo, todos nós trabalhamos com álgebra linear e geometria analítica vetorial também, você tem um pensamento geométrico associado, tem um pensamento algébrico muito forte, mas não é álgebra. Então, na disciplina álgebra, certamente você vai perceber uma rotatividade muito menor.

**Lenilson: E, por consequência, você acha que a contextualização também passa por aquele, para outro lado?**

**Professora Aparecida:** Olha, por exemplo, para mim é muito simples. De repente, se eu pegar a disciplina de análise agora, faz um tempão que eu não trabalho com análise, mas o cálculo está presente, visto que a análise é essa reflexão sobre o cálculo. E, tendo experiência da sala, vai dar para trazer: “Olha, lembram disso, lembram daquilo?” Quer dizer, você dialoga com maior facilidade e traz para a discussão conteúdos de disciplinas que vocês já ministrou. Então é óbvio que, quando estou trabalhando com cálculo hoje, depois de um doutorado na área educacional, eu vou chamar a atenção para o pensamento algébrico. Mas eu nunca trabalhei com álgebra, então certamente, se eu conhecesse um pouco mais, talvez eu poderia trazer mais aspectos da álgebra. Agora, vou dizer, e isso é uma coisa muito rara, você ter um grupo de pessoas que transita com tantas disciplinas, isso é uma das melhores coisa que o curso tem. Por quê? Porque eu estou falando com professor que relata uma dificuldade na aula e eu sei o que ele está passando, porque também já trabalhei com aquela disciplina, e esse é um aspecto extremamente positivo nas disciplinas. E nós, pelo menos a maioria, não podemos falar isso a respeito da álgebra.

**Lenilson: Dentro do departamento, do curso de Matemática, é discutido o perfil dos professores por área? Por exemplo, o perfil do professor de álgebra foi discutido, ou o professor de cálculo?**

**Professora Aparecida:** Olha, eu acho que a partir de agora vai ser discutido, porque você tem aí um grupo grande que discute educação matemática, e aí a gente sente que são poucos os colegas que trabalham apenas com a Matemática nesse departamento. Mas a gente já vê uma reivindicação a respeito disso, pensar em um perfil, porque há apenas um professor. Natural ter um grupo trabalhando com educação, porque nós temos um DINTER, que são várias pessoas fazem, e temos também a REAMEC, que é um consórcio de Universidade da região Norte. E ambos são em Educação. Então a gente tem aí uma formação específica, e isso causou preocupação no grupo que trabalha só com a Matemática. Poxa, e a matemática? Eu acho que vai ser natural, até porque esse grupo que discute educação é um grupo que trabalha praticamente com todas as disciplinas do curso de Matemática. Então eles sabem a importância de se contratar também pessoas de áreas específicas. Coisas que, respondendo sua pergunta, a gente nunca fez, nunca houve essa discussão, a gente contratava sem especificação de área.

**Lenilson: O professor Marlos disse que existia uma tendência de perfil natural, mas não foi discutido, foi acontecendo naturalmente. Você também concorda?**

**Professora Aparecida:** Acho que sim, a formação dos membros do grupo reflete na formação do grupo, porque, quando cheguei nesse curso em 98, ele era um, e ele foi crescendo junto com os professores, talvez não de forma oficial, com discussões, mas ao longo do tempo se construiu um grupo de pessoas amigas que discutem matemática no país. E foi natural, o grupo foi se formando. Uma coisa é se ter um departamento onde todo mundo chega a doutor. Isso é uma coisa, visto que um profissional está pensando uma coisa, já o outro, que tem uma formação diferente, não concorda, então esse departamento vai ter uma forma própria para discutir o curso. Outra coisa é um grupo que basicamente não tinha doutores e esse grupo foi se formando, construindo o caminho juntos. Então o DINTER foi criado para atender a ansiedade do grupo, você tem certamente aspectos que envolvem reitoria, pró-reitorias, mas a necessidade quem impõe é o grupo. Então, quando se trouxe este doutorado na área educacional, ele foi a necessidade do grupo. Então foi natural essa construção, porque não possível trazemos 3 ou 4 DINTER em áreas diferentes ao mesmo tempo. Um para matemática, um para a educação, outro para não sei o quê. Não é possível, então as pessoas foram conversando, e essa era a maior necessidade naquele momento.

Então foi tão natural, depois desse doutorado, aí a discussão do curso deve mudar. Porque aí você tem doutores na área educacional. E agora, o que a gente está precisando? Provavelmente essa nova discussão vai mudar o perfil.

**Lenilson: Como você vê o ensino de álgebra no curso?**

**Professora Aparecida:** Então, acho, e eu já tinha dito isso, talvez a gente precise... eu tinha gostado muito do professor que passou no último concurso, que não veio, que ele discutia álgebra. Eu acho que ele fez mestrado em álgebra, seria extremamente interessante ter essa pessoa discutindo álgebra, porque, se você olhar a minha formação, eu tenho, fiz um mestrado que discute análise. Certamente a análise vai estar presente na minha discussão o tempo todo, em vários aspectos serão levantados, e há uma defesa maior, pelo menos da minha parte, em relação a esse, a esse pensamento analítico, certamente vou defender. E a gente sente falta de ter mais pessoas, tem você, mas como é que é isso? É pouco, eu acho. Um grupo precisa ter mais pessoas. Assim também, como eu levantei hoje com professor Ângelo, fazendo uma análise das ementas de todos os cursos do nosso Campus, a gente percebe pouca discussão na área computacional. Então a gente precisa também desse profissional. Mas a gente nunca pensou nessas coisas, eu acho que é uma coisa nova, mas a gente precisa dessas áreas também. Todos os professores que vieram estavam contemplando uma certa parte do

curso, mas não tem um algebrista. Não tem esse profissional, eu acho que precisa, prova disso é que várias pessoas ministram quase todas as disciplinas do curso, mas não álgebra. Então até sugiro você fazer um levantamento aí das disciplinas, quem trabalhou o quê, como você perguntou. Eu já posso dizer, eu fiz isso, isso e isso. Álgebra não.

**Lenilson:** Até o presente momento, o Marlos deu disciplina de álgebra, mas faz muito tempo...

**Professora Aparecida:** Porque não tinha professor.

**Lenilson:** E o Fernando também, aí começou quebra-galho. E aí que a gente vai refletindo e vê que realmente...

**Professora Aparecida:** Exatamente. Por que o que acontece? Se você vê, aliás, você conhece bem as distribuições das disciplinas, eu nunca vi mais de uma pessoa querendo ministrar álgebra. Normalmente, na distribuição, é a última que fica, e você tem que pegar. Não tinha nem o que questionar então, aí por isso a gente pergunta: não sei se foi natural, a gente seguiu um caminho e provavelmente isso se deu pelo fato da nossa formação. Quer dizer, se eu venho com mestrado, onde os aspectos analíticos são mais fortes, e onde nós temos várias disciplinas que discutem isso, qual é o meu interesse, já que tenho tantas disciplinas que precisam desse meu conhecimento específico, por que eu vou discutir álgebra, se eu estou muito ocupada? O farei, como fez Fernando e como fez o professor Marlos, apenas quando não tiver mais ninguém para ministrar. A gente sabe que o aluno precisa desse curso, e uma coisa boa do grupo é que a maioria se dispõe a estudar, se dispõe a aprender coisas novas, tudo isso para suprir as necessidade do curso. Você acabou indo para álgebra também por isso. Porque você entra no grupo e algumas coisas já estão postas, e você acaba construindo seu caminho. E muito provavelmente isso aconteceu com você.

**Lenilson:** É que eu já vinha estudando um pouco sobre a álgebra, foi como Vicente, e aí, quando o Vicente saiu...

**Professora Aparecida:** Exatamente, foi assim. Olha, e você se sentiu muito à vontade, porque você foi estudando aquilo e em uma área onde não tinha ninguém. Quer dizer, diferente de quando você pega as disciplinas de cálculo, onde a gente tem 5, 6 que podem ministrar. Então é onde de vez em quando a gente fala: olha, semestre passado foi você, e esse semestre sou eu. Você não vai passar por isso, quer dizer, foi confortável, porque você pôde estudar, estava realmente na área em que não tinha outras pessoas.

**Lenilson: Quais são as suas perspectivas para o curso, quais são as perspectivas futuras para o curso, na sua opinião?**

**Professora Aparecida:** Eu vejo com muito bons olhos, acho que esse curso já teve momentos muito difíceis pela falta de profissional, mas a gente está vivendo um momento muito bom, que é, além de ter um grupo que tem a experiência de muitos anos, como eu disse, mais de dez anos, a gente também começa a respirar o novo. E uma coisa muito legal, a gente começa a receber os nossos ex-alunos como professores. O curso já está na segunda geração. E uma geração que é formada por nós. E eu acho isso muito bom para o curso, porque esse profissional já tem uma identificação com o curso. Então eu vejo como uma ótima perspectiva: 1 - esse professor, que é essa segunda geração, ele não ficou só na graduação, apesar de nós não termos um mestrado dentro do estado, a gente conseguiu motivar esse ex-aluno, que fez mestrado fora. Então ele fez e voltou para casa. Alguns já estando fazendo doutorado, aliás, a maioria já está no processo de doutorado. Então isso é a garantia de continuação, de discussão, de grupo, que é uma coisa importante, e além desse movimento natural, que é do novo, no próximo ano teremos uma leva de doutores, que se formou em serviço, é o grupo que está terminando o doutorado, mas que não se afastou, não é aquele grupo que ficou quatro anos e agora vem tentando novamente conseguir um espaço. Não é isso que aconteceu. Então vai ser natural a continuidade das discussões que vai refletir na nova grade. Então eu vejo com bastante ânimo as perspectivas desse curso. É um curso forte, eu diria. Um curso enraizado, um curso com pessoas bastante comprometidas. E certamente o próximo passo é o mestrado, que não é mais uma coisa fora da realidade. Muito pelo contrário, é uma necessidade quase que imediata. Um grupo enorme de doutores querendo que o curso cresça no mercado, com vários profissionais aí com graduação já, tantos anos que a gente vem formando esse profissional, então vai ser bem natural no mestrado. Então eu vejo com muito bons olhos o futuro desse curso.

**Lenilson: Agradeço, professora, pela colaboração, fiz aqui umas perguntas iniciais, vou fazer avaliação junto com meu orientador, e qualquer lacuna voltar a procurar, e agradeço pela contribuição, pela troca de informações, é muito importante isso, que daí a gente vai procurar encontrar as variáveis que possam responder algumas perguntas que nós estamos fazendo. Então deixo aberto para suas colocações finais, e muito obrigado.**

**Professora Aparecida:** Eu que agradeço, eu acho a perspectiva desse curso é muito boa, exatamente por esse tipo de trabalho, é um momento longo, o doutorado é 4 anos, é um momento de reflexão e essas reflexões estão sendo feitas em cima do curso. Então certamente o crescimento que vai proporcionar, ou seja, o resultado dessa reflexão vai refletir na qualidade. É um deparar com o que ainda não está bom, que aspecto se pode melhorar, e esse trabalho tende a contribuir muito, especialmente para discutir essa questão da álgebra. Então eu é que agradeço, muito obrigada.

**Lenilson: Entrevista 03, no Campus de Ji-Paraná, na sala da direção, com o professor Arivelto Cosme da Silva, com início às 14h13 do dia 28 de agosto de 2013. Doutor Arivelto, qual a sua formação, qual foi a instituição da sua formação inicial, a título de graduação, como foi sua graduação?**

**Professor Arivelto:** Graduei-me em Ciências Naturais pela Universidade Federal do Pará. Depois iniciei Física na UNIR, em 1992. Como o Professor Cintra, então diretor do Campus na época, que criou o Curso de Complementação em Matemática, por conta da carência de professores de matemática na região, nós complementamos as disciplinas da grade de Matemática, que já existia na UNIR.

**Lenilson: Porque o primeiro curso oferecido pela Universidade aqui foi de Ciências. E depois houve a complementação de Ciências e foi quando você entrou, então você não fez Ciências aqui?**

**Professor Arivelto:** Não, não fiz pela UNIR, fiz pela Universidade Federal do Pará.

**Lenilson: Do Pará, e depois você se juntou com o resto da turma e fez a complementação em Matemática?**

**Professor Arivelto:** Exatamente, como a UNIR já tinha formado uma turma em Ciências Naturais, então eu, mais outros formados pela UFPA, entramos junto com esses alunos para fazer a complementação em Matemática.

**Lenilson: E a nível de pós-graduação, se lembra como foi sua trajetória?**

**Professor Arivelto:** Depois que concluí a complementação em Matemática aqui na UNIR, em 1994, fui convidado para trabalhar aqui na UNIR como professor colaborador e achei que era uma contribuição para a Universidade. Então, em 98 para 99, surgiu a oportunidade de um mestrado no convênio da UNIR com a UNESP, através de um convênio, o Minter em Geociências e Meio Ambiente. Particpei do processo seletivo, fui aprovado e então eu fiz mestrado, concluindo em 2001. Neste mesmo ano, passei para o quadro da Universidade, como técnico, mas continuei exercendo atividade de sala de aula.

Depois, então, surgiu a oportunidade de fazer uma seleção para o doutorado, também em Geociências e Meio Ambiente pela UNESP. Fui novamente aprovado em processo seletivo e concluí o doutorado em 2008.

**Lenilson:** Perfeito, esse período desse doutorado e esse mestrado foram desenvolvidos em... na UNESP em Rio Claro?

**Professor Arivelto:** Então, o mestrado foi o Minter, já doutorado foi realizado no Campus da UNESP de Rio Claro.

**Lenilson:** Como se deu processo de contratação, o seu processo de contratação da Universidade para o departamento matemático? Como é que você chegou no departamento de Matemática?

**Professor Arivelto:** Então, como disse inicialmente, eu fui convidado a trabalhar como professor colaborador, porque na época a UNIR não tinha professor em número suficiente. A Universidade funcionava com pouquíssimos professores. O quadro era complementado por professores do Estado, que eram cedidos. Entre eles estava eu. Fiquei trabalhando de 1995 até 2001 como professor colaborador. A partir de 2001 fiquei como técnico desenvolvendo atividades dentro do departamento de Matemática. Em 2008, quando concluí o doutorado, prestei concurso para professor em 2009, tomei posse como professor do departamento de Matemática e Estatística da UNIR, Campus de Ji-Paraná.

**Lenilson:** As disciplinas que você ministra ou ministrou dentro do curso, quais são?

**Professor Arivelto:** Ministrei diversas, tais como: lógica matemática, geometria descritiva, cálculo I, cálculo III, matemática I, matemática II, matemática III, álgebra linear, desenho geométrico, geometria analítica vetorial, fundamentos da matemática, geometria plana e espacial, elementos da matemática, além de teoria e prática do ensino da matemática e teoria e prática do ensino de ciências, no curso de pedagogia, e algumas disciplinas no Curso de Física e Engenharia Ambiental.

**Lenilson:** Diante das disciplinas que você ministrou, qual a linha que você mais se identifica?

**Professor Arivelto:** Pela minha trajetória de professor desde o ensino fundamental, tenho interesse em trabalhar com as matemáticas básicas e aplicadas (Matemática I, II e III, Geometria Analítica e Vetorial, Geometria Espacial), pois são estas disciplinas que irão efetivamente capacitar o aluno a trabalhar no ensino médio depois.

**Lenilson:** Você participou da discussão e elaboração das alterações do projeto do curso algumas vezes?

**Professor Arivelto:** Em algumas alterações eu participei.

**Lenilson:** Você lembra como é que se deu o processo?

**Professor Arivelto:** Então, é um processo de muita discussão, que ao longo do tempo couberam algumas alterações, com reformulação de conteúdos e carga horária, além de objetivos.

**Lenilson:** Essas alterações foram feitas tomando como base de referência algum documento, as argumentações apresentadas pelo grupo de professores foram baseadas em algum documento, algum estudo foi feito?

**Professor Arivelto:** O próprio processo educacional exige isso. As reflexões sobre o que ensinar e como ensinar, documentos legais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Em algumas ocasiões foram feitas comparações com ementas de outras Universidades, às vezes, o próprio curso viu que precisava fazer uma reflexão a respeito de ementas, e fazer as alterações necessárias. Alguns conteúdos, ao longo do tempo, foram considerados relevantes e outros menos relevantes. Como a educação é processo dinâmico, essas revisões são necessárias e importantes.

**Lenilson:** Os professores dialogavam sobre as disciplinas do curso, se estão dando certo, estão dando errado? Existe uma conversa entre os professores e as diversas disciplinas do curso?

**Professor Arivelto:** O diálogo dentro do Departamento é necessário e salutar, e isso é feito periodicamente, seja em discussões formais ou informais.

**Lenilson:** Ou seja, não existem grupos de estudo que fazem isso curricularmente, senta e discute?

**Professor Arivelto:** O Núcleo Docente Estruturante, que é convocado sempre que modificações devem ser realizadas.

**Lenilson:** Com relação às disciplinas que o senhor ministra, qual a afinidade e a contextualização que o senhor faz com relação às outras disciplinas do curso?

**Professor Arivelto:** Eu trabalho também com Física Básica e com geometria analítica vetorial. Essas duas disciplinas possuem uma estreita relação, o que facilita a contextualização da Geometria vetorial e espacial. Nós temos alunos provenientes da zona rural, cujas atividades cotidianas estão repletas de aplicações dessas disciplinas.

Eu considero inadmissível um aluno cursar Física Básica e não saber instalar uma tomada ou interruptor de luz. Esta disciplina é fundamentalmente aplicação cotidiana.

**Lenilson:** Em 2005, foi feita uma reformulação na grade. E essa reformulação tinha a disciplina de análise 1 e 2, álgebra linear 1 e 2, e álgebra 1 e 2. Você sabe como se deu essa ruptura, que passou apenas a ter uma disciplina de análise, uma de álgebra linear e outra de álgebra? Como foi feita a análise dessas ementas, ou você não estava aqui?

**Professor Arivelto:** Não, nessa época eu não estava, 2002, não é?

**Lenilson:** 2005.

**Professor Arivelto:** 2005 eu estava no doutorado, eu não participei dessa discussão.

**Lenilson:** No departamento se discute o perfil dos professores? Se discute, dentro do departamento, a distribuição do perfil do professor junto às áreas?

**Professor Arivelto:** O que se discute é a afinidade pela disciplina durante a distribuição das aulas.

**Lenilson:** Quais são as perspectivas para o curso, em sua opinião?

**Professor Arivelto:** O curso de Matemática atende grande parte do Estado de Rondônia, e nossos alunos estão ocupando cada vez mais as vagas de concursos na Secretaria de Estado e nas prefeituras. Muitos profissionais da matemática estão preferindo trabalhar em outros setores, pois não enxergam, no exercício da educação, um futuro promissor, em termos financeiros.

Temos percebido que a procura pelo curso de exatas de Matemática está cada vez diminuindo, tendo como causa principal os baixos salários dos profissionais. Estamos perdendo profissionais para bancos e outros órgãos públicos, que oferecem salários mais atrativos.

A procura pela formação em Matemática já foi bem maior que hoje. Os atrativos para a profissão de professor de Matemática diminuiu muito.

**Lenilson: Professor Arivelto, eu agradeço as respostas dadas às perguntas. Nesse momento estou fazendo questionário com as perguntas iniciais, para depois discutir, e, aparecendo algumas outras indagações, eu volto a procurá-lo para que a gente conclua a entrevista.**

**Professor Arivelto:** Eu agradeço até a oportunidade de falar sobre minha formação e o nosso curso de Matemática, e desejo a você sucesso neste empreendimento, e que consiga defender sua tese o mais rápido possível.

**Lenilson: Perfeito, então, muito obrigado.**

**Professor Arivelto:** Eu que agradeço.

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

EUDES BARROSO JUNIOR e MARIA DAS GRAÇAS VIANA DE SOUZA DIOGO

Entrevista nº 01

**Local:** Sala de aula do Curso de Matemática – Campus Universitário de Porto Velho – UNIR

**Endereço:** Campus - BR 364, Km 9,5 Sentido Rio Branco – Porto Velho

**Gravado no endereço acima em:** 12 de novembro de 2012

**Período:** 15:00h às 16:30h.

**Entrevistador:** Lenilson Sergio Candido

**Lenilson:** A ideia é que você possa falar sobre sua vida acadêmica, como chegou a Porto Velho e à UNIR, qual a sua relação com o Campus da UNIR de Porto Velho e com o Campus da UNIR de Ji-Paraná.

**Prof. Eudes:** Meu nome é Eudes Barroso Junior, cheguei ao Estado de Rondônia em 1984, sou cearense e fiz o curso de Licenciatura em Ciências e Licenciatura em Matemática. E posteriormente fiz um curso de aperfeiçoamento em orientação de aprendizagem pelo sistema TV. Chegando a Porto Velho, fui trabalhar no Governo do Estado de Rondônia, na Escola de primeiro e segundo grau Colégio Otino de Freitas, com um ano na escola já desenvolvi alguns projetos e me tornei conhecido na instituição. Fui então chamado (convidado) para trabalhar com as disciplinas: Prática de Ensino e Instrumentação de Ensino na UNIR, pelo currículo que dispunha.

No curso de Matemática, aqui em Porto Velho, nós estávamos no segundo ano, o Prof. Roberto Pires era o coordenador, houve um processo de intervenção na Universidade por parte do MEC, substituindo o reitor, então assumiu o Prof. Antonino Martins da Silva Júnior, interventor vindo da Universidade de Uberlândia. O Prof. Antonino percebeu que a Instituição era muito falha em sua estrutura, ocasionando problemas, em termos organizacionais e operacionais, importantes para uma instituição de nível superior. Por isso, ele começou a fazer as primeiras reformulações e uma delas foi a eleição para coordenadores de cursos das licenciaturas. Candidatei-me e fui eleito. Sou o primeiro coordenador eleito para o curso de Matemática. Logo de início fizemos uma grande reformulação na grade curricular, de forma

planejada, e assim foi montada uma estrutura a nível de pesquisa, sob a coordenação de um consultor custeado pelo MEC, onde foi feito um levantamento de que curso realmente era o adequado à realidade e qual era perfil do profissional que deveríamos formar em Rondônia. Essa reformulação foi verificada por diversos âmbitos, não só em relação ao corpo docente, mas também ao discente. Para isso a própria comunidade foi consultada, e chegou-se à conclusão que naquele momento o curso de Licenciatura em Ciências com Habilitação em Matemática – curso este regulamentado pela Resolução 30 do CFE - Conselho Federal de Educação, que visa formar profissionais de uma forma mais rápida, profissionais para atuar na área de Física, Química, Biologia e Matemática, as ciências básicas, JUSTAMENTE a área mais carente no Brasil na época e em RONDÔNIA PRINCIPALMENTE –, e para o curso de Matemática o que estava sendo cotado era o ideal. Por quê? Porque o curso de licenciatura em ciências com habilitação em matemática não era dispendioso, pois utilizaríamos profissionais de outras áreas, uma boa sala, materiais simples e formaríamos profissionais para atuar nas ciências básicas.

**Lenilson: Livros só?**

**Prof. Eudes:** Livros, matérias simples, e foi justamente esse curso o mais adequado no período que foi definido o perfil desse profissional. Você vê que a dificuldade de licenciados para trabalhar no curso era grande, nós tínhamos, inclusive no nosso departamento, engenheiros, muitos engenheiros ocupavam o espaço de um profissional habilitado em matemática, por causa da falta de licenciados. Posteriormente, com esse trabalho ele também tem uma ligação com os cursos que foram criados no interior, e eu acho que no período de 87 ou 86, e fui convidado pelo Prof. Antonino para implantar e assessorar os campus e os cursos de ciências no interior. Ele continuava fazendo todas as adequações e reformas dentro da estrutura acadêmica, existia no projeto da Instituição a criação de campus no interior. O Estado de Rondônia foi analisado e dividido, como Porto Velho, aqui, fica numa ponta do estado e já tinha cursos na capital, resolveram então implantar os campus e criar mais cursos, um no sul do Estado, em Vilhena, outro no meio, em Ji Paraná e o outro em Guajará-Mirim.

**Lenilson: Essa decisão foi técnica ou fizeram algum estudo? Ou foi uma decisão política, vamos fazer isso?**

**Prof. Eudes:** Parece-me que foi um estudo técnico, é melhor verificar isso com o Prof. Osmar, ele que estava mais à frente, mas foi um estudo técnico. Bom, iniciou a implantação desses cursos em Vilhena e em Ji-Paraná ao longo da BR. O professor Antonino Martins da

Silva, em reunião comigo, disse: “olha, professor, nós vamos instalar o curso em Vilhena e Ji-Paraná, nós vamos implantar os campi”. Eu naquele momento disse ao professor: “sabendo das dificuldades em Porto Velho, em que situação quer implantar, já que tem uma falta de estrutura muito grande em tudo aqui em Rondônia?”. Ele disse assim: “olha, nós vamos ter que fazer isso e, o que você precisar, me telefona que a gente corre para resolver isso aí, os problemas que aí vierem”. Logo fui para Ji-Paraná, onde fui montar tudo desde o quadro de professores até a implantação do campus, do núcleo. A estrutura se assemelhava muito à de Porto Velho, então tivemos as primeiras reuniões com o prefeito Jotão e o procurador da Universidade na época, o Dr. Pedro Origa Neto, já que a prefeitura de Ji-Paraná, com seu interesse de ser implantado o campus da Universidade Federal, juntamente com a câmara, sedia o espaço para construção. Assim, nós negociamos. Foi feita minuta de cessão de terreno e eles inclusive, naquele momento, me perguntaram o que é que eu estava precisando. Eu disse: “olha, eu quero o espaço para começar, sei que construir de uma hora para outra não vai ser fácil, mas vamos encontrar algum local.” Então foram colocadas as instalações no antigo supletivo da Seduc, uma estrutura com duas ou três salas e uma secretaria, tudo construído de madeira, à nossa disposição.

**Lenilson: Lá na Vila Jotão?**

**Prof. Eudes:** Lá na Vila Jotão, o galpão todo de madeira, e eu fui pra lá, e olhei toda a estrutura, eu disse: “olha, para começar o noturno tudo bem, mas vai se expandir, nós temos que arrumar outro espaço e a prefeitura tem que colaborar.” Os professores ficaram de ser cedidos pelo governo do estado, foram selecionados por mim através de currículos e entrevista.

**Lenilson: E esses professores eram licenciados em matemática ou tinham o mesmo perfil daqui de Porto Velho, alguns engenheiros, alguns bacharéis em áreas afins?**

**Prof. Eudes:** Os que foram selecionados eram de licenciatura específicas das disciplinas, o curso de licenciatura em ciências começa com Matemática, mas tem a Física, a Química e Biologia, tem as disciplinas que demandam vários profissionais específicos de uma área, essa é a facilidade ainda de um curso de licenciatura em ciências, você pega um químico, um físico e um biólogo, já estrutura um semestre, se fossem todos de matemática, um curso de matemática possivelmente não desse, entendeu?

**Lenilson: Entendi.**

**Prof. Eudes:** Então todos eles selecionados nas áreas específicas, eu mesmo entrevistei todos e solicitei a lista para a Seduc e encaminhei ao reitor, e o reitor pediu ao governador e o governador cedeu estes professores. Então foi realizado um vestibular, aprovados os alunos e foi marcada a data do início das aulas. Fui para Ji-Paraná, até porque eu tinha também que ter uma reunião com os professores para dizer como e qual era o perfil do curso, como é que eu imaginava o curso, que as coisas não poderiam ser soltas, que a gente ia formar gente para trabalhar em sala de aula, licenciados. Porque o meu receio era fugir dos objetivos em relação à própria estrutura do currículo, então a mesma coisa que eu fazia aqui em Porto Velho, me reunia com os professores, disse: “olha, você trabalha isso aqui desta maneira, essa aqui de outra”, eu sei da dificuldade dos alunos, aos alunos daquele período aqui em Rondônia faltava-lhes também muita base.

**Lenilson:** Daí eram os conteúdos focados nas disciplinas de Física, Química, Biologia e Matemática. Dentro da Matemática, não tinha aquela estrutura algébrica, não via não só depois?

**Prof. Eudes:** Olha, só tinha uma disciplina, mas ia ser só depois, então era só o começo da grade, inclusive eu tenho a grade aqui, e a gente pode até fazer uma análise aqui, certo?, aí então ele (o curso) iniciou lá. No dia que foi iniciado, eu estava lá, organizei toda a secretaria, que ficava na parte de cima, que era à noite, dezenove e trinta. Quando eu cheguei e disse que ia iniciar lá (Ji-Paraná), então a prefeitura foi atrás de um quadro, trouxe até o quadro do município de Jaru, pois é, o quadro veio de Jaru, a sala é essa, o quadro inclusive chegou de repente e foi colocado em cima das carteiras, colocadas as carteiras assim e o quadro lá, e de repente faltou energia, os alunos chegavam e não acreditavam que ali ia começar um curso de Universidade Federal, todos chegavam espantados, e perguntavam: “é aqui mesmo que vai começar curso da Universidade?” [risos].

**Lenilson:** [risos].

**Prof. Eudes:** “É e vai começar hoje, vamos aguardar um momento que vai chegar energia”, perguntaram: “e começa hoje? E o professor?” Respondi: “sou eu, e eu é que vou dar a aula inaugural para vocês e a partir de amanhã quem toca são os professores que foram selecionados.” Fiz o horário; organizei com eles tudinho, como era que ia ser trabalhado; os programas foram distribuídos aos professores; como é que deviam pegar e trabalhar esse conteúdo. Fui explicar aos professores que estavam lá (presentes) como era o curso; como era que esse curso ia funcionar igual em Porto Velho, qual era a proposta. E, como não chegava

energia, como é que podemos começar isso aqui, vai ser sem energia mesmo. “Professor, nós vamos arrumar uns lampiões, tragam os lampiões”, trouxeram dois lampiões, botaram também lá (na sala de aula). E eu disse: “olha, hoje inicia a aula do curso de Matemática.”

**Lenilson: De Ciências?**

**Prof. Eudes:** De Ciências com habilitação em Matemática. A proposta antes era mais para apenas Ciências e depois é que ficou definido para Matemática. A proposta inicial, depois os alunos conversando: “olha, gente, é isso aí, vamos avançar, vamos pegar e colocar logo a Matemática, não adianta a licenciatura curta, porque a licenciatura curta hoje está muito limitada para o que nós queremos aqui em Rondônia.” Então iniciou a aula neste dia, e os alunos me perguntaram, fizeram perguntas sobre o curso, dei a aula inaugural e disse que “no outro dia eu estarei aqui”. Tinha uma secretária e tinha os professores que foram selecionados, e a estrutura era mínima.

**Lenilson: Cedida, mas mínima?**

**Prof. Eudes:** Cedida, mas mínima. Mas, depois, o que acontece? Não era só a implantação deste curso, tinha um outro em Vilhena. A Professora Graça é que foi para Vilhena, a Professora Graça também deu início lá (Vilhena), e depois eu fiquei devido a problemas familiares da professora, inclusive a Graça foi com a filha pequena, aliás, foi num certo sacrifício.

**Professora Graça:** Peguei uma malária.

**Prof. Eudes:** Pegou malária.

**Professora Graça:** Peguei na ida até Ariquemes, fui ao médico, ele disse: “a Senhora não é daqui, a senhora não pegou essa malária aqui não.”

**Prof. Eudes:** No outro dia, os professores iniciaram, eu até falei, disse assim: “gente, eu não vou poder ficar direto, sou coordenador em Porto Velho, dou aula, mas vou ficar vindo aqui direto, até vocês terem um grupo com objetivo que dê encaminhamento aos problemas.”

**Lenilson: Você se lembra de alguns nomes deste professores?**

**Prof. Eudes:** Eu lembro da Milca, outros assim, deixa eu ver... não lembro.

**Lenilson: Ficou algum professor responsável (líder)?**

**Prof. Eudes:** Ficou. Deixei num primeiro momento que eles tomassem conta, dessem as aulas, eu iria ficar indo e de 15 em 15 dias estava em Ji-Paraná. Fazia Ji-Paraná a Vilhena de 15 em 15 dias. Até tivemos alguns problemas, que não foram poucos, tanto se tinha problemas referentes ao grupo de professores, e no processo de acomodação de uma outra estrutura, uma estrutura acadêmica, existiam muitos problemas, de vez em quando eu tinha que sair daqui para resolver problemas lá, conversar, várias vezes tive que fazer isso.

Como também dos alunos com relação a alguns professores, que é normal, eu tinha reunião com os alunos, reunião com os professores, e tentava geralmente amenizar os conflitos e mostrar que, ali, nós estávamos passando uma fase, que as pessoas tivessem um melhor entendimento, de uma maneira que as coisas fossem mais amenas, que prezassem pelo conhecimento e menos pela estrutura.

E os problemas começaram a existir também em relação ao próprio local, depois me pediram para trocar de local, eles queriam uma coisa mais no centro, aí eu tive uma reunião novamente na prefeitura com o prefeito e a Secretária, a Secretária de Educação, que não sei o nome, arrumamos uma escola no centro, onde funciona um cursinho, então o curso passou pra lá, também não dava certo, era uma escola misturada com o pessoal já adulto, e universitários, um outro problema, me chamaram novamente: “professor, o negócio aqui não dá certo não.” Então vamos ter que encontrar outro local, agora a ideia era que tivéssemos um local definitivo para a instituição, vem outro vestibular, vai entrar outra turma.

Na época, o Prof. Antonino concorreu pra ser reitor na Universidade em Uberlândia, e ganhou, então o cargo de reitor ficou vago, logo foi ocupado novamente por outro interventor, o Prof. Álvaro Lustosa, que deu continuidade. O Prof. Álvaro queria a definição de um local, ou que a prefeitura construísse, ou fosse doado um local para a Universidade, foi então sugerida a escola agrícola, as turmas passaram para lá, os laboratórios já foram também, já se tomaram algumas providências que já se exigiam, pois já existiam as disciplinas de Química e Biologia, e precisava ter algum material referente a Ciências. Solicitei esses equipamentos e materiais necessários, e fui atendido, como também fui atendido no acervo bibliográfico. Quando estive lá a última vez, fui na biblioteca, ainda tem livro da época que solicitei. A base bibliográfica era a mesma base bibliográfica daqui de Porto Velho, as mesmas referências.

**Lenilson: As referências, o Projeto era o mesmo?**

**Prof. Eudes:** Era o mesmo, mesma carga horária em todas as disciplinas.

**Lenilson: Quando aconteceu a mudança de Ciências para Matemática, houve uma mudança no currículo?**

**Prof. Eudes:** Sim, aqui sim, eu já não estava mais lá, aí é o seguinte: ficava muito difícil meu trabalho, era exausto, porque tinha uma quantidade muito grande de disciplinas aqui em Porto Velho, nós tínhamos um quadro limitado de professores, principalmente os efetivos, nós valíamos dos professores do estado, e a gente ministrava de 4 a 5 disciplinas, fora a coordenação, que eu tinha que pegar, e as viagens que fazíamos para atendermos. Quando ele [o Curso] foi pra escola agrícola, eu estive com o Dr. Pedro Origa, fui lá, o prédio foi praticamente repassado. Dr. Pedro disse: “Eudes, veja o que é necessário para que a gente possa pedir.” Então, fiz um levantamento e disse: “a estrutura vai ter que ser alterada”. Ele disse: “tudo bem, é tudo de madeira, mas aos poucos a comunidade vai ajudando, vai ter que pegar aqui, pelo menos um local, e um espaço já, um espaço que já tem estrutura de edificação, então basta depois ir mudando”, os alunos falavam que a estrutura tal já estava apodrecendo, mas justamente a comunidade brigou, tomou conta, e foi substituindo por alvenaria, mas ainda temos algumas coisas de madeira lá. Logo depois cheguei à conclusão do seguinte: “vocês vão ter que tomar conta do curso, eu já dei as diretrizes.”

Também foi o mesmo período que a Universidade conseguiu vagas para a formação de sua estrutura. Foram feitos os concursos e os que foram passando nos concursos iam assumindo as coordenações.

**Lenilson: Você se afastou do processo de Ji-Paraná. Aqui em Porto Velho, como se deu a discussão a respeito da reestruturação, da transformação do curso de Ciências em Matemática, como foi feito esse processo? Verifiquei que em Ji-Paraná o grupo só pegou o que estava pronto em Porto Velho e tomou como referência, então, como estou procurando saber o que aconteceu no início do curso em Ji-Paraná, o importante seria exatamente você passar qual foi a dinâmica de transformação de Ciências em Matemática aqui em Porto Velho.**

**Prof. Eudes:** Na época eu era chefe de departamento. Nós tínhamos mandado professores para fazer doutorado na área de Química, nós tínhamos também o pessoal da Física, tínhamos a necessidade de uma licenciatura em Matemática, então foi também criado o curso de Química pela Instituição. Por termos um quadro com professores de Matemática, preparados especificamente para Matemática, Química e Física, porque depois a Universidade criou Biologia, e até hoje em nossa grade curricular temos as disciplinas de Física, e tem

alunos que se formam em Matemática e vão trabalhar com Física, o nosso departamento já tinha uma estrutura com um quadro de professores melhor qualificado e delineados em relação às disciplinas, então poderíamos abrir um curso de Matemática e Física. Não haveria mais necessidade de um curso de Ciências.

Justamente nós vimos que as ciências básicas, a nível das licenciaturas específicas, já eram uma discussão a nível de Brasil, inclusive, com a questão da Resolução 030/CFE, ela foi extinta. Por isso foram criadas em todo o Brasil as licenciaturas específicas, que justamente preparam os alunos para área específica e uma base específica, mais estruturada. Foi também nesse momento que pensamos em aproveitar os próprios alunos do curso de Ciências.

**Lenilson: Como se deu a construção da grade do curso de Matemática. Como foi a discussão? O que aconteceu?**

**Prof. Eudes:** A Graça participou disso, foi feita por um grupo de professores.

**Professora Graça:** Pegamos a grade das outras Universidades, montamos uma proposta e levamos para discussão, e foi feita uma ampla discussão, e chegamos a essa situação. Foi difícil, porque a Física queria que tivesse mais disciplinas de Física, os químicos reivindicavam as suas no curso.

**Prof. Eudes:** Tínhamos três químicos no curso.

**Lenilson: Essa documentação vai ser importante pra mim, conversando com alguns colaboradores vimos que a primeira grade do Curso de Matemática em Ji-Paraná foi exatamente a mesma do Curso de Matemática aqui de Porto Velho.**

**Prof. Eudes:** Aqui, matemática I, química I, biologia I, Instrumentação. No segundo semestre: matemática II, geometria analítica, química II. Eu pequei nesse momento mais ou menos a base da minha estrutura de formação, meu perfil fluiu. Veja, tem biologia I, biologia II e biologia III justamente para suprir a necessidade local.

**Lenilson: Vem aqui álgebra I e álgebra II.**

**Prof. Eudes:** Aqui, já na matemática, vêm aqui física I, II, III e IV, mecânica, cinemática termodinâmica e eletricidade, a base do ensino médio. Tem biologia, até biologia V, eles tinham também as disciplinas pedagógicas: didática, as práticas, metodologia, e ainda tinha prática de ensino III.

**Lenilson: Muito parecida com a minha base também.**

**Prof. Eudes:** Uma coisa interessante. Foi retirando todas essas informações aqui, o governo federal não fez a reforma, então mandou fazer tudo de novo. Vários colegas já me perguntaram (perceberam a formação de alguns alunos com uma base mais sólida a nível de licenciatura, do que antes formados com outras grades): “Eudes, como era que acontecia isso? Olha, trabalharam dessa maneira aqui.”

**Lenilson: Todo mundo tinha a mesma grade, mas se formaram dois perfis. Uns mais radicais, que passaram pela professora Graça. [risos]**

**Professora Graça:** Isso levei toda a culpa. [risos]

**Prof. Eudes:** Então a estrutura todinha mudou, quando eu puxei a instrumentação de ensino na reformulação de Ciências com Habilitação em Matemática para o início, justamente eu fechava o leque com essas disciplinas aqui [apontando], então trabalhava um processo interdisciplinar, eu vinha acompanhando pra cá, pra lá, até álgebra I, então a Graça pegava daqui, cálculo II até análise.

**Lenilson: Quando vocês chegavam aqui na álgebra I, qual o sentimento que vocês tinham com relação à álgebra?**

**Prof. Eudes:** Eu que trabalhava, eu gostava de trabalhar álgebra, até porque era o seguinte: toda aquela parte inicial de teoria dos conjuntos, relação de equivalência, relação de ordem, ali eu pegava e fazia uma associação com a matemática elementar, criando maneiras de percepção mais fáceis para um melhor entendimento da álgebra.

**Lenilson: Você mostrava a formatação da base.**

**Prof. Eudes:** Dessa parte aqui todinha até a parte dos elementos matemáticos, a gente chegava até Corpo, Grupo, mais ou menos até aí. Mas, queira ou não, existia, vamos usar o seu termo, um certo estranhamento em termos de um tipo de matemática que era utilizado aqui nos primeiros semestres, uma matemática mais voltada à questão do concreto do número, e, quando você entrava justamente na abstração com letras, onde essa visão se tornava um tanto quanto impactante, percebia que devia ser trabalhada onde o aluno tivesse um entendimento da questão abstrata mesmo, não é a visão do olhar de contas, mas ele ter a relação do entendimento do problema a nível do pensamento.

**Lenilson: Relacionar vários elementos na mesma condição?**

**Prof. Eudes:** Mesma condição, do pensamento.

**Professora Graça:** O Eudes trabalhava isso muito bem, muito bem porque, sabe por quê?, quando eu chegava aqui, com aquele pensamento rígido, que eu fiz no curso de matemática...

**Prof. Eudes:** De matemática pura.

**Professora Graça:** De matemática pura. Então eu nunca nem percebia, por acaso, que o aluno tivesse ou ia ter algum choque, entendeu?, eu nunca percebi nada, o aluno sai daqui pro Eudes, do Eudes pra mim, nunca percebi que acontecesse nada, nada, a única coisa que eu percebia é que eles me aguentavam, eles conseguiam me aguentar, entendeu?, conseguiam me engolir, entendeu?, de uma forma que eu, eu não tomava choque, mas é porque o Eudes preparava ele aqui para mim. Eu só fui sentir que os alunos tinham choque quando eu peguei as disciplinas daqui pra cá, direto que já foi na licenciatura de matemática, eu fui pegar álgebra I e álgebra II.

**Lenilson: Na grade da matemática?**

**Professora Graça:** Aí eu me assustei, quando eu peguei o menino aqui, entendeu?, aí eu ficava “ah, o que que é isso, o que que é isso?!”, mas eu não sentia nada aqui, porque o Eudes preparava eles antes.

**Prof. Eudes:** Tinha outra coisa, eu trabalhava didática, elementos matemáticos, eu era professor de didática, eu era o professor de prática de ensino I, prática de ensino II e prática de ensino III, eu acompanhava as turmas até o final do curso.

**Professora Graça:** Isso, muito bem! [palmas da Graça].

**Prof. Eudes:** E também isto aqui. Eu acompanhava o cara até o final.

**Lenilson: Você percebia o desempenho, o crescimento intelectual do aluno? Ou seja, sabia se lá na ponta ele estava preparado ou não? Dava pra fazer essa leitura? Até que ponto ele produzia?**

**Prof. Eudes:** Eu era coordenador do curso, e todo professor que ia chagando eu ia trabalhando também o professor, dizendo como e o que ele tinha que trabalhar, qual era meu

pensamento, por que tínhamos engenheiros, tínhamos, e professores de uma formação muito, muito... muito simples na parte pedagógica, sem nada praticamente, não lia nada. Além disso, eu tinha que fazer esse tipo de orientação, como eles deveriam trabalhar numa licenciatura, que perfil esperado em cada semestre. Aqui, depois, você vai ver aqui [mostrando em documento] que eu peguei aqui, quando fiz a reformulação, cada semestre tinha um perfil. Os professores iam chegando, era só contratado professor novo, eu ia conversando com cada um e muitos, às vezes, tinham dificuldades com os alunos, com as turmas. Eles não traziam muita experiência, eles traziam a forma de como eles foram formados, sem fazer uma reflexão da situação que ele estava, da realidade que eles estavam, um tipo de pensamento praticamente desatualizado, estavam apenas reproduzindo o que aprenderam. Inclusive a forma pedagógica, sem fazer uma reflexão dos objetivos pertinentes ao curso, aí então era onde eu entrava, toda turma é uma turma, vamos trabalhar dessa maneira, esse conteúdo tem que ser selecionado de acordo com a turma, ele pode ser aprofundado ou não, tem que se procurar outras maneiras de se trabalhar com a turma, procurem ver outras maneiras, como se pode trabalhar isso, não apenas colocando exemplos no quadro, mas procurar fazer uma reflexão com o aluno, e foi feito dessa maneira. Nessa reforma todinha aqui, traçar o perfil era a primeira coisa, um perfil simples, mas devíamos que ter isso aqui na consciência do professor de Ciências e Matemática, das turmas de quinta a oitava séries do primeiro grau. O aluno tinha que sair do primeiro semestre com isso aqui, em cima da matemática, biologia e química, instrumentação e estrutura. Segundo semestre, conhecer e saber passar informações com base nas ciências e aplicação de forma experimental. Aí eu pegava, vinha com a instrumentação, como eu tinha a formação na biologia, química, física e matemática, eu pegava, fechava tudo isso. Entendeu?

**Lenilson: Entendi, perfeito.**

**Prof. Eudes:** Eu pegava o cara da matemática, da física, da química e conversava. Eu tinha facilidade.

**Lenilson: Conversar e ver quais são os melhores atores do processo?**

**Prof. Eudes:** Sim, o pessoal da matemática, da física, da química, e até o pessoal da educação também, eu tive uma base pedagógica com uma carga horária muito grande na educação. Depois eu fiz uma especialização em metodologia do ensino superior, que me deu ainda mais bagagem, mais estrutura para essas discussões, então isso aqui não eram coisas distantes não, elas eram trabalhadas aqui de uma forma que eu estava acompanhando e, ao

mesmo tempo, chegando para o cara dizendo: “trabalha aqui, olha aqui”, com todos. Quem trabalhou com a gente com química foi o Prof. Carlos, do classe A.

**Professora Graça:** Ele era muito bom, muito bom mesmo.

**Lenilson: O fluxo de professores que passaram pela instituição do início até hoje foi muito grande?**

**Prof. Eudes:** Sim, nós perdemos professores não só para outras instituições, mas também por questões de saúde, inclusive alguns faleceram. Então a montagem de toda essa estrutura se comprometeu, ela foi perdendo os professores, eles foram saindo, ficou um grupo que permanece e os mais antigos são eu e a professora Graça.

**Lenilson: Todas essas propostas eram aprovadas nos conselhos superiores? Inclusive a criação do campus de Ji-Paraná?**

**Prof. Eudes:** Não existiam os Conselhos Superiores. O conselho maior que existia era o Conselho Departamental. O Conselho Departamental tinha uma estrutura que facilitava muito para o chefe de departamento. Existiam as coordenações, os departamentos e os conselhos de departamento, onde se decidia toda parte acadêmica.

**Lenilson: O Conselho Departamental era formado por quem?**

**Prof. Eudes:** Era formado por todos os chefes de departamento de todos os cursos e os representantes de alunos. Muito interessante a estrutura: tinha o curso, o coordenador, o chefe de departamento e o colegiado do curso, que era formado por três professores eleitos e o aluno representante, também eleito, e esse colegiado decidia as coisas do curso na primeira instância, que voltava para o departamento e era votado no Conselho Departamental. O curso era vinculado ao departamento, que tinha o coordenador e o chefe de departamento, tinha o colegiado do curso. Muitas informações de Ji-Paraná foram trazidas para o colegiado daqui.

Eu mesmo fui coordenador, e depois, no período do Prof. Lustosa, fui colocado como assessor técnico do curso, para qualquer coisa, onde procurava resolver por aqui.

**Lenilson: Você trazia para o grupo do curso de Porto Velho os problemas de Ji-Paraná?**

**Prof. Eudes:** Alguns problemas, os problemas que precisavam de uma discussão maior.

**Lenilson:** Estes problemas eram de cunho administrativo ou de cunho didático-pedagógico, ou era geral?

**Prof. Eudes:** Era geral. Quem pedia vagas para contratação de professores para Ji-Paraná fui eu, eu assinei muito tempo como coordenador, assinei muitos diários. Na época do Prof. Lustosa, a Pró-Reitora me disse: “mesmo tendo coordenador lá, você vai ficar assessorado.” Porque lá tinham conflitos. Tenho até um documento me nomeando. Veja, aqui é a grade de 2.800 horas e aqui é o fluxo curricular, as cargas horárias, os pré-requisitos, e tal... Na estrutura que foi feita da reformulação, uma das coisas que eu me preocupei muito foi não engessar muito o fluxo curricular; ficou de uma forma simples e mais eficiente.

**Lenilson:** Com relação ao ensino de álgebra, tem algo interessante que você pode narrar?

**Prof. Eudes:** Na álgebra, uma das coisas que tive muita preocupação, procurando uma forma mais adequada de não chocar tanto naquele conteúdo, eu começava a trabalhar fazendo com que eles entendessem muito bem o que eram relações a partir de conjuntos, e tentava fazer uma passagem vindo a questão da álgebra, onde você poderia trabalhar associando conhecimentos básicos com operações numéricas e parte de relação de equivalência, relação de ordem e relações de transitividade, também a parte de grupos, todas aquelas propriedades, procurei fazer isso, e não somente entrar com álgebra, e montando regras, procurava fazer a relação de abstração matemática com a questão do conhecimento que ele já tinha.

**Lenilson:** No curso, o grupo tinha o hábito de sentar e discutir, fazer um grupo de estudo sobre, por exemplo, as matemáticas, os cálculos, as álgebras, ou era cada um por si e Deus por todos?

**Prof. Eudes:** Fazíamos grupos de estudos, mas era muito pouco.

**Professora Graça:** Existia professor fechado, assim como Maria das Graças.

**Lenilson:** Você participava pouco, Graça?

**Professora Graça:** Não, eu participava mas ninguém falava nada, em relação à disciplina que estivesse lecionando, eu não admitia não, eu sou eu.

**Lenilson:** Quem manda lá sou eu?

**Professora Graça:** Era terrível, terrível mas não sei como o Prof. Eudes aguentou, mas ele nunca entrou em confronto comigo, sempre tendo paciência, entendeu?, eu pegava Jacir Monteiro assim, tome nos meninos, entendeu?, eu era terrível. Hoje em dia, quando eu me lembro...

**Lenilson: Acabei com meus alunos?**

**Professora Graça:** Nossa, aquela professora era terrível. Mas o Eudes não. O Eudes tinha uma didática tanto com a gente como com os alunos, era tanto que eu nunca nem percebi, assim, que ele tinha, assim, umas restrições a fazer em relação a minha didática, nunca percebi nada, mas ele tentava ir clareando assim a gente sem constranger, né, Eudes? Muito obrigada, tenho que agradecer.

**Lenilson: Olhe essa portaria, Eudes, Que declaração! Declaramos que o professor Eudes Barroso presta assessoramento técnico aos cursos de ciências desta Instituição Federal de Ensino nos municípios de Ji-Paraná e Vilhena. A data, olhe, Eudes, Prática de Ensino...**

**Prof. Eudes:** Eu fiz o reconhecimento do curso, e neste período todas as licenciaturas iam passar pelo reconhecimento, o primeiro curso de licenciatura a ser reconhecido foi o de Matemática, o Prof. Antonino, na época, ele até me parabenizou.

**Lenilson: Muito bem, Eudes, alguma coisa a mais que você gostaria de colocar, que possa nos ajudar?**

**Prof. Eudes:** Vou ver nas minhas anotações.

**Lenilson: Olhe aí!**

Depois de alguns minutos

**Lenilson: Muita história, né? Olhe aqui o projeto do curso de ciências.**

**Professora Graça:** Era uma Universidade, uma extensão da Universidade do Pará, aqui, e teve um vestibular, e quem elaborou esse vestibular foi o pessoal do Acre, e eu vim aplicar a prova de matemática aqui para o pessoal.

**Lenilson: A primeira turma.**

**Professora Graça:** No Rio Branco. Eu nem sabia que eu vinha para cá.

**Lenilson:** Graça, na grade aqui em Porto Velho, você trabalha com álgebra desde o início? Você ainda trabalha com álgebra ainda hoje?

**Professora Graça:** Agora não, eu gosto, mas agora, como eu mudei para trabalhar com cálculo, por causa do meu trabalho, aí ficou com o menino, o Ronaldo, que tem mestrado na área.

**Prof. Eudes:** Bom, a reformulação que houve da grade tem uma declaração do Osmar em 87. Declaro que o professor Eudes participou como coordenador dos trabalhos da reforma da grade curricular dos Cursos de Ciências e Matemática.

**Lenilson:** Graça, nesse período todo, na sua experiência no ensino de álgebra, qual a observação que você faz com relação ao aluno, ele entra com o conhecimento e termina álgebra II com conhecimento adquirido, você percebe isso ou fica uma lacuna em aberto?

**Professora Graça:** Não. O aluno, ele sai igual assim como eu saí, é a mesma coisa. A gente tinha brigas com o professor de álgebra, a gente não entendia, entendeu? “Professor, eu estudo em casa e entendo; quando chego aqui, você explica e eu desentendo, eu não tinha entendido, né?”, então este choque continua do mesmo jeito, os alunos sentem a mesma coisa, eu fico arrasada, porque parece, assim, que eu tô vendo a mesma coisa que eu passei, entendeu?, e eu me esforço de tudo que é forma, mas ainda vou te dizer, eu ainda não encontrei uma fórmula, é claro que os alunos tão sofrendo menos que eu, porque hoje em dia eu tenho uma postura mais flexível, né?, mais aberta, devido eu tentar ir na direção que eu fui formada e não conseguir caminhar.

**Lenilson:** Você vê no processo a falta de base do aluno?

**Professora Graça:** Não, é a mudança do tipo do raciocínio.

**Lenilson:** Tipo de raciocínio?

**Professora Graça:** Do tipo de raciocínio, porque ele vem desde os primeiros anos estudando a Matemática num calcular, calcule, calcule, calcule, né?, ele entra na Universidade cheio de macetes e, quando ele vai estudar álgebra, ele vai ser interrogado sobre a fundamentação, sobre uma reflexão sobre aquilo que ele tá... e aí essa passagem para essa abstração é um passo muito largo e instantâneo, ele não vem fazendo essa passagem, entendeu?, o aluno passa, o aluno estuda, o aluno decora, o aluno... mas o aluno não suporta,

quando termina a álgebra, graças a Deus, me livrei, entendeu?, você conta nos dedos os alunos que vêm com essa passagem para abstração, já vem pronta, entendeu? Em cada turma, se você tirar dois, é muito.

**Lenilson: Que já vêm com essa maturidade.**

**Professora Graça:** Que já vem com essa maturidade, entendeu? Assim, por exemplo, a oportunidade de dizer que não entendeu, a oportunidade de se queixar, a oportunidade de o professor fazer aquela tentativa de fazer uma conexão, de ajudar, isso aí já existe, porque a gente já passou essa fase da inflexibilidade, ele tem essa... a dificuldade é muito grande. Por exemplo, você morando na aldeia dos índios e de repente você vai para a NASA, trabalhar na NASA, o que é que o índio sente? Ele fica perdido, então é essa mesma coisa que o aluno sente quando ele entra para a abstração, é uma lacuna muito grande, muito grande, e é uma lacuna em abstração preenchida com outro tipo de raciocínio, raciocínio numérico do calcule, calcule, calcule, calcule, calcule, calcule, calcule.

**Lenilson: Diga-me uma coisa. Você acha que esse calcule, que está presente, está relacionado com a grade do curso, é que permite este calcule, calcule e depois joga a álgebra, ou seja, existe essa lacuna dentro da grade?**

**Professora Graça:** É dentro da formação do próprio professor, dentro da bibliografia, entendeu?, a bibliografia não prepara essa passagem, o livro é feito para o professor que vai dar aula da disciplina, o livro não é feito para o aluno, entendeu?, e o professor, tô falando de mim, a gente não foi preparado para isso, porque a gente também aprendeu assim, se vire e você vai ter que se virar e vai acabar gostando. E o aluno, que tem aquele temperamento de enfrentamento da dificuldade sem arredar o pé, ele vai conseguir, né?, mas tem outros que vão dar murro em ponta de faca.

**Lenilson: Primeiro estranhamento ele já recolhe.**

**Professora Graça:** É. Já recolhe, já muda, acha que tem outras atividades que eu gosto mais. O problema é na nossa formação, já que o professor e o livro são preparados dessa forma, com toda abstração, e não é preparado para trabalhar o aluno pra que chegue a ter essa abstração. E não se entende por que é que o aluno não entende, como, por exemplo, o que é anel, definindo anel aqui, o que é um anel? Define-se objeto mais claro, e o aluno nessa hora está tão bloqueado, está no espaço, não consegue pisar em nada firme e não consegue entender o que você está falando, porque não está aqui, o aluno não está nesse nível, e não se

entende isso. Apenas se entende quando você vê que não adianta continuar, pois não vai a lugar nenhum. Você começa a refletir sobre a sua formação, e começa a perceber que o desconforto que aquele aluno está sentindo foi o mesmo que você sentiu quando estudou. E você começa a pensar como foi, o que você fez pra superar esse bloqueio, como foi que você trabalhou essa lacuna. Porque, quando se saiu do curso, não se tinha noção nenhuma da relatividade. Por exemplo: quando eu terminei meu curso de Matemática, pensava: todo mundo aprende como eu aprendi e só existe uma forma de aprender, é a forma como eu aprendi, não existe outro mundo, não havia possibilidades de diferenças. Logo, não tinha como e por que trabalhar de forma diferente, para que ia trabalhar de forma diferente? Tinha que trabalhar da forma que entendi, porque era assim que todo mundo entendia, não tinha diferença. Essa era a formação que tinha, era zero de didática. A que se fez era assim: faça o que eu digo e não faça o que eu faço. Era o professor da área pedagógica que ia dar Didática da Matemática, então sabia nada de Matemática, por isso nem ligava pra o que ele dizia. Estava ali pra poder se livrar daquela disciplina. Logo resolveram o impasse: vamos colocar para ministrar essa disciplina dois professores: um pedagogo e um matemático, especificamente professor de álgebra, era uma loucura. Quando estava dando aula de didática, não tinha noção nenhuma. Saía desse jeito para sala de aula. Ainda fui para UnB, passei dois anos, voltei terrível. Uma aluna minha lá no Acre, quando eu entrava na sala, tremia tanto que caía o lápis, caía a caneta, caía tudo da mão da menina no chão, entendeu? Ela disse pra mim agora: “quando a gente se encontrava, professora, eu tinha tanto medo da senhora.” Eu olho para meus alunos assim, quando eu vejo meus colegas que hoje são professores que passaram pela minha mão, fazer certas coisas, eu digo: “meu Deus, eu sou culpada disso, totalmente responsável por isso”, uma coisa terrível. Isso era porque tinha uma tia pedagoga que sentava comigo e dizia: “Gracinha, não, Gracinha, deixa eu lhe explicar: já reprovei por 0,2, a menina faltava 0,2 na nota, reprovei a menina, e aí a mãe da menina foi lá em casa falar comigo, e não queria receber. Mas minha tia dizia: ‘Receba, minha filha, não faça isso’. Recebi a moça, que falou, falou, falou. Quando parou, eu falei: ‘eu não dou esses dois décimos para sua filha.’ ‘Mas por quê, professora?’ ‘Porque ela não quer.’ ‘Mas como a senhora sabe que ela não quer?’ ‘Porque toda vez que eu corrigia prova, eu dizia: amanhã, quem quiser fazer algum exercício, no quadro, que errou, eu dou todos os pontos do exercício. Ela nunca queria. E eu dizia: fulana, você não quer ir ao quadro? Fulana, vai, fulana! Não entendia que ir ao quadro na frente de todo mundo, ela ia fazer? Eu não entendia isso, eu reprovei esta menina’”. Entendeu como eu era? Era assim que eu era, que trabalhava. Foi assim que entrei nessa

Universidade, e assim que martirizei meus alunos, o tempo todo, e hoje em dia os sobreviventes fazem certas coisas que eu... exatamente como eu fazia com ele.

**Prof. Eudes:** Uma coisa que eu vejo, toda turma é uma realidade diferente, primeira turma com quem nós trabalhamos aqui, foi como aconteceu também em Ji-Paraná, eram pessoas que já vinham trabalhando, que já tinham alguma coisa, eram pessoas de uma certa idade. Lembra, Graça, a primeira turma da gente aqui?

**Professora Graça:** Lembro.

**Prof. Eudes:** Então, você tinha poucos jovens, eram pessoas com um grau de amadurecimento, então você tinha que ter um tipo de trabalho com eles, onde tinha que ser um trabalho de compreensão muito grande, muita compreensão, compreensão e paciência, não só pelas dificuldades deles a nível de formação básica, a maioria com um tipo de formação muito precária.

**Lenilson: E a formação dos profissionais que vinham pra cá?**

**Prof. Eudes:** Bem, a nossa formação, ela já era uma formação que vinha com uma base já consolidada. Muitos que tiveram oportunidade de frequentar boas escolas e também Universidades, hoje, outro grande problema no grupo dos professores que atua no ensino fundamental e médio, de acordo com o que assisti num debate com professores de Universidades e representantes do MEC, que relatavam que o grande problema hoje é que mais de 85% vêm de escolas que não são universidades, são de escolas particulares, faculdades particulares, são cursos de final de semana, aí tem também a formação. Uma das coisas que eu vejo de formação são as questões do profissional licenciado.

**Lenilson: Isso leva a uma pergunta: no departamento geralmente vocês fazem uma reflexão sobre os egressos, se eles estão em sala de aula, se eles estão em outra área?**

**Prof. Eudes:** Na matemática?

**Lenilson: Na Matemática.**

**Prof. Eudes:** Eu tenho não por questão de um trabalho, de um trabalho em termos de uma pesquisa maior, mas a gente tem a nível de contatos e observação, que é uma das coisas que eu tenho o maior interesse, é quem se formou e está onde. A primeira coisa, quando eu

me encontro com eles, pergunto: “Onde que você está? O que tu estás fazendo? Está em sala de aula?”

**Lenilson: A grande maioria está em sala de aula?**

**Prof. Eudes:** Não, onde existem ganhos melhores eles estão, eles não estão ficando.

**Professora Graça:** A minha sorte que eu não era próxima, sempre fui muito simpática. Sempre conversei com eles, sempre me dei bem com os alunos, eles se davam bem comigo, mas eles diziam: “mas eu não entendi, não consigo entender o que a senhora explica”; eles diziam que eram eles que não estavam entendendo, eles viam que eu me esforçava, mas eu me esforçava, eles viam que eu me esforçava, para repetir tudo do mesmo jeito, eu não tinha uma estratégia nova.

**Lenilson: Era a mesma receita?**

**Professora Graça:** Sim, era a mesma receita, eles não entendiam do mesmo jeito, não tive problema assim por causa disso, o aluno gostava de mim, mas não aprendia a disciplina. Só alguns saíram bravos comigo, eu conto nos dedos, eu só tenho conhecimento de dois que saíram bravos, mas o problema está na nossa formação.

**Prof. Eudes:** Uma das coisas que me preocupei muito como coordenador foi não seguir alguns modelos que eu tive com meus professores.

**Professora Graça:** O Eudes tinha experiência, tinha visão.

**Prof. Eudes:** À medida que encontrava algum colega, eu procurava trabalhar com esse colega de uma maneira que pudesse entender que aquele trabalho que está sendo executado, de formação de um profissional ligado ao entendimento humano, não só especificamente repassar um conteúdo matemático. Mas que aquele profissional ali, ele futuramente está numa sala de aula e, se ele não tivesse cuidado, eles iam repetir os mesmos erros. Porque a gente trabalha a formação de pessoas, porque, se eu faço de uma maneira e ele não tem a capacidade de uma reflexão maior, ele vai repetir as mesmas falhas, os mesmos erros.

**Professora Graça:** É tanto que agora, no PARFOR, eu fui ministrar a disciplina Educação e Diversidades, a primeira vez em mais de trinta anos que eu fui ministrar uma disciplina que não era de matemática. Mesmo no PARFOR eu fui ministrar álgebra, aí eles: “não, então são duas”. Eu ainda não consegui melhorar a forma que ensino álgebra. “Nossa,

professora, mas senhora é muito diferente de quando ensinou Educação e Diversidades” [risos]. Olha, eu tive medo de entrar na sala pra dar aula de álgebra. Eu pensei: “nossa, como eles vão me aceitar agora?”

**Prof. Eudes:** [risos] Qual o modelo?

**Professora Graça:** [risos] Que modelos?

**Lenilson:** E aí, Eudes, mais alguma coisa?

**Prof. Eudes:** Não, mas eu só sei, se precisar acrescentar alguma coisa, estou à disposição.

**Lenilson:** Então, muito obrigado, Eudes. Obrigado, Graça. Vejo que são informações importantes para nosso projeto, nós vamos exatamente, diante destas informações, também conversar com outras pessoas, a fim de atingirmos os objetivos do nosso projeto. Obrigado a vocês.

**Lenilson:** A entrevista 04, realizada com o professor Fernando Luiz Cardoso, no Laboratório do LBA na Universidade Federal de Rondônia, Campus de Ji-Paraná, gravada no dia 28 de agosto de 2013, às 16:18. Boa tarde, professor Fernando.

**Professor Fernando:** Boa tarde, é um prazer participar da entrevista do seu trabalho.

**Lenilson:** Professor, qual a sua formação e em que instituição se deu a sua graduação?

**Professor Fernando:** Eu fiz Matemática na Universidade Santa Marcelina, em Minas Gerais, depois o mestrado em ciência da computação e o doutorado está pra terminar.

**Lenilson:** Certo. A sua graduação, quais foram as principais disciplinas do curso, existia aquela separação?

**Professor Fernando:** A graduação na década de 80, quando eu fiz, eu me formei em 89, era totalmente diferente da graduação hoje. A visão era técnica e para Matemática abstrata, com aulas para análise, as pessoas tiveram uma formação mais rigorosa nessas aulas, então era colocado muito isso para a gente. Sem contar que o ensino de Matemática, a didática, entra disciplina para modelagem, por exemplo.

**Lenilson:** Como se deu o seu processo de contratação junto à Universidade até chegar ao departamento de Matemática?

**Professor Fernando:** Eu fiz o concurso em 95 e fui contratado no início de 96. Então, nessa época, eu estava fazendo bacharelado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, acabei não concluindo, por ter entrado aqui. Soube do edital, acabei fazendo o concurso e passei no final de 95, e entrei aqui no início de 96.

**Lenilson:** Quais são as disciplinas que você ministra? Ou ministrou?

**Professor Fernando:** Eu acho que em torno de 80% da grade, de cabeça assim eu não sei quantas disciplinas tem, mas só as pedagógicas eu não ministrei. As de matemática acho que foram todas, principalmente na grade anterior, que nessa grade atual tem algumas que não tem na anterior. Mas aquelas, assim, de matemática mais pura, eu ministrei todas.

**Lenilson:** Qual a área que você tem mais afinidade, que você gosta mais de trabalhar?

**Professor Fernando:** Então, álgebra linear, análise, cálculo, equações diferenciais.

**Lenilson:** Com relação ao projeto político-pedagógico do curso, em levantamento feito através dos documentos no departamento, verifiquei que houve duas mudanças significativas na grade, que foi da grade de 2000, elaborada em 1999, que entrou em vigor no ano 2000, e a de 2006, que o estudo foi realizado em 2005. Eu gostaria de saber se você participou desse processo, como se deu.

**Professor Fernando:** Eu participei mais da grade de 2006, quando eu entrei aqui, a grade daqui era muito parecida com a minha, dando mais ênfase em uma matemática mais abstrata, aquela mais pura. Houve a mudança de grade, eu não me lembro em detalhes o que foi mudado, como foi mudado, mas eu entendo que foram colocadas algumas disciplinas mais para ensino da matemática. E da grade de 2006 eu participei mais ativamente, porque foram incluídas algumas disciplinas exigidas pela legislação, e também colocadas outras que focavam o ensino da matemática. Até então tinha mais um foco em matemática abstrata, fazer contas, demonstrações, e isso foi suavizando com o tempo, até chegar ao lugar atual, que ela tenha, assim, uma parcela boa das disciplinas focada propriamente no ensino. Eu sei que ainda é pouco, mas deu uma melhoria muito grande.

**Lenilson:** Na grade de 2006, nós temos: álgebra I, álgebra linear I, e análise I, na anterior tinham: álgebra I e álgebra II, álgebra linear I e álgebra linear II e análise I e análise I, como é que você participou da discussão sobre essas ementas, como que foi separado esse conteúdo?

**Professor Fernando:** Então, na grade anterior a 2006, a gente tinha um problema muito grande, que era o seguinte: você tinha muita álgebra, muita análise, equações diferenciais, e faltavam aquelas disciplinas básicas que o pessoal precisa muito no ensino médio, tipo a geometria. A geometria tinha uma carga horária muito reduzida e, para piorar, o pessoal não estudava de forma satisfatória essas disciplinas no ensino médio. E estudava um monte de coisa que não iam usar, então, assim, isso ficava muito ruim. Já não se dava análise I e II, 2 álgebras, mais a geometria, e não sabia, e não via aqui também. Então a melhora foi muito grande nessa questão. E outras disciplinas também que tiveram a mesma situação da geometria, elas não apareciam, e são básicas, são importantes. Depois começaram a aparecer com a carga horária maior. Então é uma situação que em outra parte do Brasil não seria assim, porque em outros Estados você vê essas matérias muito bem no ensino médio. Como aqui não é visto, então você tem que focar nelas. Então, se você faz uma grade igual à que você faz no

Sudeste e lá é correto, aqui não é adequado. Por quê? A formação do ensino médio é péssima aqui, então praticamente você tem que dar ensino médio primeiro para depois continuar com a matemática do ensino superior.

**Lenilson:** E você participou na época da escolha por apenas álgebra 1, como foi decidido? O ementário, como foi preparado?

**Professor Fernando:** Então, o ementário ou as disciplinas?

**Lenilson:** O ementário das disciplinas, as emendas, os conteúdos?

**Professor Fernando:** Então, foi assim: cada professor que entendia alguma coisa, ou pouco, fez uma ementa. Algumas saíram boas, outras mais ou menos, e outras são bem ruins, inclusive a bibliografia não era boa. Mas assim foi, na época foi bom, mas foi o máximo que se pôde fazer aqui. Mas eu acho que tem muita deficiência, e a gente tem que reformular essa grade e o ementário dela também.

**Lenilson:** Existem no departamento grupos estudando o PPP ou não? Você sabe me dizer?

**Professor Fernando:** Não, eu não vejo, eu vi um comentário na última reunião, parece que tem uma movimentação, alguma mudança, inclusive com as pessoas novas que entraram, eles têm outra visão de Curso de Matemática, mas, se não tiver, é hora de começar, porque esse já tem quase 8 anos, passamos de 8 anos, eu acho, assim, que tem que mudar, tem que renovar alguma coisa.

**Lenilson:** Com relação à de 2006, na entrevista com o professor Marlos, ele citou que foi de grande importância o uso de uma resolução do MEC que definiu a questão do estágio, para mudança da grade. Você lembra como aconteceu?

**Professor Fernando:** Olha, eu acho que houve essa resolução inclusive incluindo aquela disciplina, eu não sei bem o nome agora, nas práticas culturais, que tinham 200 horas.

**Lenilson:** Atividades complementares?

**Professor Fernando:** É, na época nem sabia como ia fazer, como faria aquilo, mas depois foram aparecendo ideias e hoje parece que está sendo feita de uma forma correta. Então essa era uma das que tinha que incluir. Além dela havia outras que supriam o ensino médio, então faltou carga horária, então tinha que cortar pelo menos alguma coisa. Cortamos

aquelas que se achava que tinham um nível muito alto, que não era usado, muitas não eram usadas diretamente nas aulas do ensino médio, então teve que fazer um somatório e cortar algumas, para manter a carga horária que é disponível para a gente administrar o curso.

**Lenilson: Fernando, você trabalhou com álgebra?**

**Professor Fernando:** Linear sim.

**Lenilson: Álgebra moderna não?**

**Professor Fernando:** Já trabalhei uma vez para quebrar o galho, mas nem eu sei muito, nem eu gosto do assunto.

**Lenilson: Mas aí você lembra qual era a dificuldade dos alunos?**

**Professor Fernando:** Então, a dificuldade era com análise, de entender aquelas definições carregadas de ideias, envolvendo vários teoremas, várias ideias ao mesmo tempo. Assim, se o pessoal tem que trabalhar com várias ideias que se encaixem, tem uma certa dificuldade. Então álgebra, análise tem disso, são disciplinas que são mais simplistas.

**Lenilson: Os professores conversam sobre as diversas disciplinas, por exemplo, você já conversou com alguns professores sobre matemática I, matemática II, ou seja, existe um diálogo entre os professores com relação às disciplinas?**

**Professor Fernando:** Então, existe informalmente. Não muito, mas existe. Agora, teria que investir mais, inclusive deveria ter pelo menos uma semana por semestre para socializar, discutir isso. Fora as reuniões do departamento, para ver como tem, parece que tem muito isso em algumas escolas, é tipo um conselho, discutir problemas, o que está acontecendo com um, o que está acontecendo com outro. Fazer propostas de melhorias e tal. Não paramos não para isso. Acho que deveria ter mais tempo formalizado no departamento para se discutir esse tipo de coisa, não aquela discussão formal. Colocar obrigatório, mesmo durante o semestre, uma semana se discute uma coisa, outra semana se discute outra. Assim teria que ter mais espaço para conversar sobre problemas e soluções, disciplinas, grades e projetos.

**Lenilson: Ou seja, grupos de estudos, teria que se formar grupos de estudo para que se reunissem semanalmente, obrigatoriamente.**

**Professor Fernando:** Teria que colocar um calendário, porque nas Universidades Particulares têm isso. E nas Federais não é muito comum. Então é uma coisa que eu acho que

é necessário a gente ter aquele compromisso de discutir esses problemas e em um determinado tempo.

**Lenilson: Quando você trabalha com as disciplinas, você elenca a importância da disciplina com relação a uma outra que venha no próximo semestre, que vai utilizar?**

**Professor Fernando:** Sim, eu acho obrigatório, e inclusive matemática é difícil, mas eu tento mostrar como que aquilo funciona em algumas situações reais, no dia a dia das pessoas. Evidentemente tem conceitos que é difícil, você vai trabalhar como matriz, álgebra linear, e às vezes você não tem aquilo na realidade das pessoas no dia a dia, mas sempre que é possível vou fazendo isso.

**Lenilson: Se discute o perfil do professor de álgebra dentro do departamento? Ou perfil dos professores, isto é, professor de cálculo tem que ter esse perfil, de álgebra tem que ter esse perfil?**

**Professor Fernando:** Nosso departamento, eu não vejo isso, é muito raro ter esse tipo de caracterização.

**Lenilson: Ou seja, o departamento não é dividido por área de conhecimento?**

**Professor Fernando:** Não, eu acho que a mais pura afinidade, a pessoa vai para a área que gosta mais.

**Lenilson: Como é que você vê o ensino de álgebra dentro do curso? As disciplinas de álgebra?**

**Professor Fernando:** Álgebra moderna?

**Lenilson: Álgebra moderna.**

**Professor Fernando:** Então, eu conheço um pouco de álgebra moderna, não gosto muito, mas o que se nota aqui é que tem algumas pessoas com essa... com esse perfil de gostar de álgebra, então não sei se estou enganado, mas parece que o pessoal do Nordeste gosta mais de álgebra, ou tem uma influência maior na área de álgebra do que o restante do país. Então o que noto é que algumas pessoas que eu conheço ministram essa disciplina. Por isso não tenho muita condição de opinar sobre a questão da álgebra moderna.

**Lenilson: Quais são as perspectivas para o curso, na sua opinião?**

**Professor Fernando:** É preciso melhorar muito a qualidade do curso, tem que investir mais para atrair os alunos, porque os alunos estão, assim, desinteressados pelo curso, com o aparecimento de muitas vagas, o nosso curso parece que está diminuindo, a qualidade caindo muito também, em função também da redução da carga horária do Ensino Médio. Por isso, deve-se investir mais em tecnologia, em internet, aplicativos, usar mais o computador na sala de aula, porque essa geração está toda envolvida com novas tecnologias e tudo, tudo tem alta definição, é só computador, então tem que remodelar o curso para falar a linguagem desse povo. Não mais recursos antigos, que muita gente insiste ainda em usar aqui. E renovar muito rápido isso.

**Lenilson:** Professor Fernando, essa é uma entrevista inicial, mas estamos investigando o ensino de álgebra aqui no curso, porque existe essa dificuldade, eu vou apresentar essas respostas, e essas perguntas para minha orientadora, nós vamos estudar, e surgindo algum fato que a gente precise investigar, nós voltamos a conversar com o senhor para que a gente possa fazer...

**Professor Fernando:** Pode usar a entrevista da forma que achar melhor, não tem nenhum problema, já está autorizado desde agora a usar de qualquer forma que precise.

**Lenilson:** Então agradeço a você pela entrevista, e que futuramente, algumas colocações ou algumas lacunas que aconteçam e necessite de outra entrevista, volto a falar a respeito.

**Professor Fernando:** Podemos voltar a conversar em qualquer momento, sem nenhum problema.

**Lenilson:** Ok, obrigado, Fernando.

**Professor Fernando:** Obrigado e boa tarde.

**Entrevista 06. Realizada na sala do Prof. Romulo, no dia 26 de fevereiro de 2014, às 15:45h.**

**Romulo:** Então, a gente tem que entrevistar o Lenilson, porque ele é parte do processo que ele está estudando. Então a alternativa seria ele fazer um depoimento subjetivo pessoal. Só que a gente já tem experiência, e metodologicamente é um negócio considerado esquisito. Tem gente que não gosta disso, mas o Viola me entrevistou para a tese dele e a gente começou a quebrar isso. Então eu acho que fica melhor até, fica mais confortável para o Lenilson falar das coisas que ele queira falar e documentar a informação que ele tem e os pontos de vista que ele tem, se ele estiver em uma posição de estar sendo entrevistado. Então, Lenilson, é isso, vamos lá. Vamos pensar em se restringir no máximo uma hora, senão a conversa vira... assim, a gente deixa muito em aberto, então deve procurar ter o mesmo espírito que com os outros entrevistados, que a gente não ficou horas e horas.

**Lenilson:** No máximo 40 minutos.

**Romulo:** Então começa contando para localizar, se puder, quem foi que você entrevistou, quais são as entrevistas que você tem, quem são as pessoas e por que elas foram entrevistadas. Aí vai ficar mais claro por que você as entrevistou.

**Lenilson:** Inicialmente eu entrevistei o professor Eudes e a professora Graça, pelo seguinte motivo: a criação do Campus de Ji-Paraná e do curso de ciências com habilitação em matemática, que depois passou para o curso de matemática, passou pela mão deles de certo modo. Eles foram as pessoas que participaram do processo, que viveram essa situação, que administrativamente foram escolhidos para fazer esse procedimento, para viver essa história, por isso que eu escolhi o professor Eudes e a professora Graça para firmar esse início do curso. Depois entrevistei o Professor Marlos.

**Romulo:** Eles foram chamados para implementar o campus?

**Lenilson:** O professor Eudes e a professora Graça receberam uma ordem de serviço. O Eudes para Ji-Paraná e a Graça passando direto para Vilhena, os dois para implementar o curso de ciências nos respectivos municípios.

**Romulo:** Que é onde está hoje em dia o Robson e a Edna.

**Lenilson:** E a Edna. E a Bianca estava lá, mas pediu transferência para Rolim de Moura. E o Sérgio também está lá em Vilhena, no curso de ciências contábeis. E aí depois eu

entrevistei o professor Marlos, ele entrou na Universidade em 1992, ele foi o primeiro professor contratado para o curso de matemática em Ji-Paraná, como diz bem ele. Então, ele tem toda uma história, conhece bem o que aconteceu com o curso de 92 até hoje. Em 92 ocorreu o primeiro vestibular para o curso de matemática em Ji-Paraná, efetivamente falando.

**Romulo:** Matemática...?

**Lenilson:** Matemática, matemática. Licenciatura.

**Romulo:** Não era de ciências?

**Lenilson:** Não era de ciências.

**Romulo:** Você vai esclarecer depois.

**Lenilson:** Em seguida entrevistei a professora Aparecida, que também já está há bastante tempo no curso, depois do Marlos veio a professora Aparecida, vindo dos que estão no departamento atualmente, que também têm as suas contribuições, ficou afastada um período de tempo para fazer doutorado, mas participou ativamente das decisões, foi também diretora do campus.

**Romulo:** Ela chegou lá quando?

**Lenilson:** Ela chegou em 96, se não me falha a memória, 96. 96.

**Romulo:** Antes ou depois da primeira reforma?

**Lenilson:** A primeira foi a de 2000. Tem a reforma de 2000, tem a grade de 92, que essa foi a grade do curso processado em Porto Velho, vamos colocar assim, o mesmo curso de Porto Velho, a mesma grade, o mesmo projeto de Porto Velho. Aí, quando foi em 2000, aconteceu uma reforma na grade, depois de 2000 só em 2006.

**Romulo:** Achei que você tinha falado que era 96 e 2006?

**Lenilson:** Não, é 2000 e 2006. Será que eu falei 96?

**Romulo:** Eu achei que você falou. Eu fiquei marcado com 96 na cabeça.

**Lenilson:** Em 96 eu... 95 eu comecei na Universidade, mas como professor colaborador. Cedido pelo estado, e fiquei nessa situação até 2005.

**Romulo:** Espera aí, então vamos por partes, vamos terminar a lista dos entrevistados para criar essa cronologia, daí você se localiza. A Cida...

**Lenilson:** A professora Aparecida, aí eu entrevistei o professor Fernando, que também tem uma participação de 96, creio eu, que ele foi logo depois da professora Aparecida, que também está do curso há bastante tempo.

**Romulo:** Tudo isso já era o curso de matemática?

**Lenilson:** De matemática. Aí, depois do professor Fernando, o professor Arivelton. O Professor Arivelton fez o curso de ciências no Pará, depois fez a complementação para licenciatura em matemática na Unir Campus Ji-Paraná. Ou seja, é parte da história do curso, como aluno, e atualmente como professor.

**Romulo:** Fez, cursou?

**Lenilson:** Cursou, fez a licenciatura. E ao mesmo tempo era técnico na instituição.

**Romulo:** Na Unir?

**Lenilson:** Na Unir, ele era técnico, porém atuava no departamento como professor, porque ele era professor da rede pública estadual de ensino médio.

**Romulo:** Em Porto Velho ou em Ji-Paraná?

**Lenilson:** Em Ji-Paraná.

**Romulo:** Isso já era dois mil e...?

**Lenilson:** Não, foi no período entre 89 e 92, quando o Marlos começou a trabalhar no curso com o Arivelton.

**Lenilson:** O Marlos começou a trabalhar e ele começou a estudar. Entendeu?

**Romulo:** Ah, tá, então é diferente, é outra geração, né?

**Lenilson:** O Arivelton, que eu julguei importante para entrevistar, porque ele participou do processo enquanto aluno na mudança de ciências para matemática.

**Romulo:** Ele começou como ciências?

**Lenilson:** Ele começou com ciências e terminou com matemática. E depois ele se tornou professor da instituição.

**Romulo:** No curso de matemática?

**Lenilson:** Do curso de matemática. Ele fez mestrado aqui, fez doutorado aqui, em Geociências.

**Romulo:** Aqui?

**Lenilson:** Aqui [na Unesp-RC]. E daí agora é professor doutor do departamento. Formação inicial em matemática. E aí, pronto, são essas pessoas. Por quê? Porque o departamento se resumia exatamente a essas pessoas até 2005. Depois foi que veio a professora Fanny, que eu poderia entrevistar, mas ela está afastada pro doutorado, o contato ficou difícil. Aí depois veio o professor Marcos, o professor Marcos também pediu demissão e foi para uma outra instituição.

Chegou a minha vez, e depois de mim veio aí uma sequência de contratações, que hoje o departamento tem quase vinte professores e éramos apenas cinco ou seis. Então, como eu estava revendo a história até um período de tempo mais ou menos 2006 e 2007, 2008, por aí, eu pensei que essas pessoas iam dar esse leque. Principalmente observando a questão da álgebra e do currículo, porque os professores que entraram em 2007, 2008, eles sabem pouco sobre o que aconteceu, a história é só deles, é apenas de crescimento do departamento.

**Romulo:** Então vamos marcar bem, tem um ponto no tempo em que foi criado o curso de ciências em Porto Velho, licenciatura em ciências com especialização...

**Lenilson:** Com a habilitação em matemática.

**Romulo:** Depois desse curso, o outro ponto que ele é levado pelo Eudes para Ji-Paraná, e pela Graça para Vilhena, depois que existe uma reforma desse curso em Porto Velho, mas continua ciências...

**Lenilson:** Aí nessa mesma mudança de Porto Velho é arrastada para Ji-Paraná.

**Romulo:** Direto?

**Lenilson:** Direto.

**Romulo:** A mesma, ao mesmo tempo que acontece em Porto Velho, acontece em Ji-Paraná?

**Lenilson:** A tomada de decisão em Porto Velho também acontece em Ji-Paraná.

**Romulo:** Já fica valendo para Ji-Paraná, tudo junto?

**Lenilson:** Tudo junto em 92.

**Romulo:** Então essa é considerada, então, o que a gente está chamando de a primeira reforma?

**Lenilson:** A primeira reforma.

**Romulo:** E a segunda reforma, isso que eu achei que foi em 96.

**Lenilson:** 92.

**Romulo:** Isso em 92? A mudança para o curso de matemática?

**Lenilson:** E eu pensava que tinha sido antes, eu pensava que tinha sido lá em 88, mas depois eu vi que foi em 92. Aí, quando foi 99, o grupo se reuniu em Ji-Paraná e criou a primeira modificação no projeto, ou seja, o projeto de Ji-Paraná. Totalmente desvinculado de Porto Velho.

**Romulo:** Que foi disciplina pedagógica?

**Lenilson:** É aí que foram inseridas as disciplinas pedagógicas, assim, de prática de ensino...

**Romulo:** Mas sem cortar nenhuma outra disciplina?

**Lenilson:** Sem cortar nada.

**Romulo:** Então vamos lá, você está dizendo, eu estava com outro calendário na cabeça. Você está dizendo então que o curso, vamos lá, o curso foi criado em Porto Velho quando? Vamos botar datas?

**Lenilson:** O de Ciências?

**Romulo:** O de Ciências.

**Lenilson:** O de Ciências com a criação da Universidade, foi feito um grupo para a criação da Universidade logo após a criação do Estado, aí, já agregado, foi o curso de Ciências.

**Romulo:** E isso foi quando? Bota uma data.

**Lenilson:** Eu acho que foi em 82.

**Romulo:** Mas você tem essa data fechada, não é?

**Lenilson:** Eu tenho esta data fechada. 82.

**Romulo:** Aí o próximo passo, então, foi o Eudes levando isso para Ji-Paraná? Quando?

**Lenilson:** 86.

**Romulo:** Não demorou tanto, né? 86, depois que o próximo passo é a reforma?

**Lenilson:** Aí tem um ponto interessante aí, que os documentos rezam de 88.

**Romulo:** O quê?

**Lenilson:** Essa, a criação do Campus de Ji-Paraná em 88...

**Romulo:** Foi em acordo com...

**Lenilson:** Com a prefeitura. Aquele documento que eu lhe mostrei. Mas o Eudes já falou para mim que foi entre 86 que ele foi em Ji-Paraná. Em 88 o negócio já estava, aí eu tenho aquele documento de 88 que o nomeia...

**Romulo:** Ele foi fazer o quê, se não existia oficialmente nada?

**Lenilson:** Não, ele foi quem criou. Eu não sei por que existe essa, e isso aí também é um ponto para se investigar, porque existe essa diferença de data, porque o Eudes falou para mim, foi em 86, só que os documentos, até no livro da professora Albuquerque lá, ela narra...

**Romulo:** E se ele estiver confundindo datas?

**Lenilson:** Aí, é isso que a gente tem que... a professora Graça também afirma que foi em 86

**Romulo:** Então eu fico imaginando o que ele haveria de ir fazer lá se não existia nada, se não existia a Instituição.

**Lenilson:** É que eu até fico pensando que de certo modo ele tinha razão, porque, quando a Universidade foi criada em 82, a proposta era que fosse multicampi. Então as autoridades, os deputados tinham pressa, queriam que a expansão da Universidade acontecesse o mais rápido possível. E cada município tinha interesse.

**Romulo:** Mas o que é que existia lá, existia lá alguma coisa, um escritório da Reitoria Central, por exemplo?

**Lenilson:** Não, não existia...

**Romulo:** Algum prédio da Reitoria Central?

**Lenilson:** Nada. Não que existia nada. Lá em Ji-Paraná nada.

**Romulo:** Então, o que o Eudes foi fazer lá?

**Lenilson:** O que eu vi e ouvi de outras pessoas, de alguns colegas, conversando informalmente, sem comprovação, que existia um curso de ciências da UFPA lá, em Ji-Paraná.

**Romulo:** Então ele teria ido lá dar aula nesse curso?

**Lenilson:** Não, aí Universidade tinha pego esse curso.

**Romulo:** Que Universidade?

**Lenilson:** A Unir. Só que não encontrei nenhum registro, não existe provas que a gente possa colocar isso como referencial.

**Romulo:** Mas o que o Eudes diz?

**Lenilson:** Ele diz que foi lá para criar o curso de ciências. Mas ele não fala de outros cursos existentes, ele disse que não sabia que existia um curso de ciências no local.

**Romulo:** Ele não disse nada?

**Lenilson:** Ele não disse nada. Ele disse que não sabe essa história. Mas aí eu conversando com o pessoal...

**Romulo:** Você perguntou para ele sobre isso?

**Lenilson:** Eu perguntei informalmente, na entrevista dele não. Eu perguntei depois, ele disse que não, que não existia não.

**Romulo:** E o que ele disse que ele foi fazer lá?

**Lenilson:** Disse que o então reitor disse assim: “Eudes, vá a Ji-Paraná...”.

**Romulo:** Em 86?

**Lenilson:** Em 86. “Abra o campus lá.”

**Romulo:** Então, “abra o Campus”, ele quer dizer o quê?

**Lenilson:** Mas não tem nada...

**Romulo:** Ele pegou uma enxada e carpiu o terreno? Ele levantou um prédio? É isso que eu quero saber.

**Lenilson:** Não, ele fez o seguinte: chegou, se apresentou ao prefeito, conversou com o secretário da educação, com o vereador fulano de tal, conversou com um grupo de políticos, que ele chama “o grupo”, e daí o grupo deu condições para ele abrir esse curso. E quais foram as condições? Tinha um prédio onde funcionava o supletivo. Era um prédio de madeira e tal, 1º andar, aí disseram o seguinte: *“É aqui, nós vamos dar uma sala para você, de secretaria neste prédio, e use as salas de aula que já existem.”* Aí, pronto, foi ali que ele pegou aquela sala e começou tudo.

**Romulo:** 86?

**Lenilson:** 86.

**Romulo:** Ele já saiu com aluno?

**Lenilson:** Aí... daí ele fez uma convocação para chamar os professores para serem entrevistados. Professores esses deveriam trabalhar na rede estadual de ensino.

**Romulo:** Da rede que eram todos professores? Da rede?

**Sergio:** De Ji-Paraná?

**Lenilson:** Da rede estadual, que eram professores do território, e que aí, como Rondônia se transformou em Estado, eles passaram a ser professores de Estado. Eram professores que recebiam pela União, mas estavam locados no Estado, recém-criado em 82.

**Romulo:** Vamos pensar assim: chegou em 86, ele chegou lá no começo de 86.

**Lenilson:** Pegou uma salinha dessa aqui...

**Romulo:** Uma salinha dessa, chamou os professores para começar o curso em 86?

**Lenilson:** Em 86. Uma semana depois que ele começou o curso, parece que foi em abril. Também ele não fala desse processo, mas disse que existia um processo seletivo...

**Romulo:** De alunos?

**Lenilson:** De alunos, e quem poderia participar era professor que estava em sala de aula, mas não era formado. Daí houve uma seleção e esse pessoal começou a estudar, agora só que não fala como foi feito isso. Ele só fala assim: “*Eu recebi os alunos...*”

**Romulo:** Então, mas não tem nenhuma documentação da Unir?

**Lenilson:** Não. Aconteceu um fato que...

**Romulo:** Tem alguma turma, por exemplo, se formando em Ji-Paraná em 1990? Você tem documentação disso?

**Lenilson:** Não, a primeira turma de matemática é de 96. Aí tem fotografia, tem tudo da turma.

**Romulo:** Então, mas quando ele foi para lá e levou o curso de ciências?

**Lenilson:** Foi.

**Romulo:** Formando-se curso de ciências, em noventa e...?

**Lenilson:** 90.

**Romulo:** Tem?

**Lenilson:** Eu não tenho. Tinha o acervo dos documentos que contava a história da Universidade. Mas pegou fogo. A Unir não tem esses registros.

**Romulo:** Então anote aí, isso aí é uma coisa que precisa investigar, se tem alguma turma de Ji-Paraná formando por volta de 90.

**Sérgio:** Para essa turma aí em específico?

**Romulo:** Para essa turma que ele montou. A turma pode ser dois, três ou quatro caras. O que seriam os alunos da primeira turma que o Eudes criou.

**Lenilson:** Eu acho que um dado interessante, que eu não tinha pensado ainda, é perguntar se o Eudes tinha uma lista desses alunos. O nome desses alunos, porque, se tem, pelo menos alguns estão lá em Ji-Paraná, alguns eu posso conhecer.

**Romulo:** O importante é saber se de fato houve uma turma e depois aquele documento é só uma formalidade com a prefeitura, com o prefeito.

**Lenilson:** Eu só sei que o último contato do Eudes com a prefeitura foi a troca, a última troca do prédio que... A Universidade fez o seguinte, ela saiu passando por vários lugares na cidade. E parou onde está hoje.

**Romulo:** Naquele galpão lá?

**Lenilson:** Naquele galpão lá. Aí, quando o Eudes chegou no galpão, disse: “*é aqui que nós vamos ficar.*” E a prefeitura fez a transferência da área para a Universidade. Fez a doação da área, via cartório, essas coisas todas.

**Romulo:** Vamos voltar, depois a gente vai chegar nisso aí. Nós estamos parados no seguinte, aparentemente em 86 o Eudes abriu o curso, começou uma turma, da qual não se tem registro nenhum?

**Lenilson:** Não, porque eu não achei por conta do acidente.

**Romulo:** Pode-se dizer que queimou...

**Lenilson:** Precisa haver alguma coisa.

**Romulo:** Ou não tinha, ficou com ele, sei lá. Não tem, você foi procurar em Porto Velho também?

**Lenilson:** Fui procurar em Porto Velho, no departamento de Matemática, também não encontrei.

**Romulo:** Na Reitoria nada?

**Lenilson:** Na Reitoria eu não procurei, fui na Pró-Reitoria de Administração. Aí o professor Osmar disse o seguinte: “*Se você achar alguma coisa, você vai achar no departamento de Matemática, que eu lembro...*” Porque na época ele era Pró-Reitor também, ele falou: “*Se tiver alguma coisa, vai ser lá.*” Aí eu fui lá com o chefe de departamento, mas não encontrei.

**Romulo:** Mas na Pró-Reitoria de Graduação tem que ter isso aí. Se o cara certificou, porque a Universidade certifica.

**Lenilson:** Aí eu não fui ver não.

**Romulo:** Esse aí é um bom lugar para procurar.

**Romulo:** Então chegou em 86, aí em 88 tem registro desse acordo feito com a prefeitura...

**Lenilson:** A prefeitura baixando a portaria e colocando o Eudes e mais um grupo como grupo de estudo e criação da Universidade Federal. E esse acordo é assinado entre o reitor e o prefeito. Aí, quando veio essa questão da estrutura, eu acho que esse documento foi para legitimar esse prédio que eu estou falando para vocês, eu acho que foi por aí.

**Romulo:** Legitimar, você quer dizer, para o Tribunal de Contas?

**Lenilson:** Isso, essas coisas. Passar na câmara dos vereadores.

**Romulo:** Em 88 tem o primeiro documento que você conseguiu até agora? E depois disso? Estava o Eudes para... quem mais estava lá, tinha alguém que o nome seja específico da matemática?

**Lenilson:** Não, porque eram todos professores estaduais que estavam em um curso, e a grande maioria já deixou o Estado. Eu não encontrei nenhum dos professores que o Marlos citou na entrevista dele em Ji-Paraná.

**Romulo:** O Marlos é 82 que ele faz o concurso? Ué, então vamos por partes.

**Lenilson:** Não, 92, desculpe, 92. Em 92 ele fez o concurso.

**Romulo:** O Eudes em 86? 88 com o prefeito, supostamente deve ter uma turma por volta de 90, 92, o primeiro, o curso então está andando já como curso de ciências? Ou já era matemática?

**Lenilson:** É daí que a gente deduz que é de matemática, porque 92 estava sendo aprovado em Porto Velho o curso de matemática, e o Marlos chega contratado para o curso de matemática, e em 92 é a primeira turma de matemática, é o primeiro vestibular.

**Romulo:** No fim ou no começo?

**Lenilson:** No começo de 92, a primeira turma de matemática...

**Romulo:** Já começaram em 92?

**Lenilson:** Lá em Ji-Paraná.

**Romulo:** E lá em Porto Velho também?

**Lenilson:** Porto Velho também.

**Romulo:** E o Marlos é contratado?

**Lenilson:** O Marlos contratado. Aí fica o Marlos enquanto efetivo, e todos os outros professores eram cedidos.

**Sergio:** Nesse caso aí, essa reformulação que veio de Porto Velho foi feita lá?

**Lenilson:** Tipo assim, não é uma reformulação, é uma troca. Tinha ciências com habilitação em matemática, troca com licenciatura em matemática.

**Sergio:** Mas foi feito por eles?

**Lenilson:** Foi feito em Porto Velho. A Graça, o Eudes, o Adeilton, eu acho, a Graça cita o nome de dois ou três, mas eu não lembro de todos eles não. Aí tinha os professores de física, os professores de química, o Militão, o professor Militão, que na época era professor do departamento de química, quer dizer, do departamento, e dava aula de química na matemática e hoje foi diretor do núcleo de ciências e tecnologia. A Universidade cresceu, esse pessoal que estava no grupo da Graça e do Eudes, que dava aula de biologia, de química e de física, eles, a Universidade cresceu e eles foram para suas áreas. Biologia foi para licenciatura em biologia, química criou licenciatura em química, e química bacharelado, de física também fez o mesmo

caminho. Então aí o departamento fez nessas áreas matemática, química, física e biologia, isso eu acho que... em 95, quando eu conheci a Universidade, já tinha essa distribuição mais ou menos organizada. Tudo aconteceu muito rápido.

**Romulo:** Então aqui, Lenilson, uma coisa é um parêntese, e mais, é parte, você é o cara que está segurando o fio que passa do começo ao fim, então você precisa deixar bem claro, nas suas intervenções dentro desse tema de documentário, o que aconteceu, quando... Porque, senão, ficam esses buracos que a pessoa vai fazer a pergunta que a gente deveria fazer. Então aí tem que prestar atenção em todas essas perguntas. Poderia procurar na PROGRAD? Poderia. Então tem que procurar. Procurou? Não. Então tem que procurar. Se tiver documento lá, porque a PROGRAD seria quem emitiria os diplomas, os certificados. Então que se tem uma turma de 90, tem que ter saído o certificado, que talvez tenha saído todo mundo como turma de Porto Velho.

**Lenilson:** Isso é verdade, os alunos do campus de Ji-Paraná até antes de 92 saíam como extensão a Porto Velho.

**Romulo:** Até 92?

**Lenilson:** Até 92 o processo é assim. Eu acho que até mais, até 99.

**Romulo:** Então, precisa esclarecer isso aí, anota por quê, quem e como que os caras davam certificados, como Ji-Paraná ou como Porto Velho? Bom, aí você... então vamos lá, 92 o Marlos é contratado, você é contratado em...?

**Lenilson:** Eu sou contratado em 2005.

**Romulo:** Em 2005, mas estava lá desde?

**Lenilson:** 95.

**Romulo:** 95. Então 92, o que acontece aí, de 92 a 96, você falou que acontece a primeira reforma?

**Lenilson:** Não, em 99. Em 99 e 2006.

**Romulo:** Você falou em 96.

**Lenilson:** Porque em 2000, a chamada grade de 2000, em 99 o grupo se reuniu...

**Romulo:** Quando que começa o curso de matemática?

**Lenilson:** 92.

**Romulo:** 92, até 99 é o curso de matemática do jeito que ficou lá, Eudes, Graça e...

**Lenilson:** Isso.

**Romulo:** Aí a primeira, a gente está chamando a primeira reforma 2000?

**Lenilson:** 2000.

**Romulo:** 2000?

**Lenilson:** 2000, que foi realizada em 99. Todo o estudo foi realizado em 99.

**Romulo:** Tá, 99, 2000, que é quando é introduzida a prática de ensino.

**Lenilson:** Aumenta a carga horária de prática de ensino.

**Romulo:** E a segunda reforma, então, 2006, é quando tem a mudança para aquelas 400 horas, e insere a prática de ensino e corta as disciplinas que são consideradas dispensáveis.

**Lenilson:** As álgebras e as análises. Álgebra, álgebra linear e análises. Em 2006.

**Romulo:** Essa é a cronologia, que depois acabou. Depois não teve mais?

**Lenilson:** Depois aí nós tentamos várias vezes mexer na grade, mas sempre não terminava o processo.

**Romulo:** Então você, vamos retomar, você chegou lá na Unir, a história sua de antes e depois, que você tem a referência. Você chegou lá na Unir em noventa e...?

**Lenilson:** 95.

**Romulo:** Foi o primeiro ano que você deu aula? Você foi chamado lá pelo diretor?

**Lenilson:** Fui convidado pelo Cintra (Diretor do Campus de Ji-Paraná, na época), ele foi a Jarú, onde comecei a trabalhar pelo Estado, chegou lá e disse: “*Eu te conheço. Dizem que você está muito bem aqui, você quer trabalhar na Unir?*” Eu falei: “*Eu vou.*” Aí ele organizou tudo com o governador, e eu mudei de Jarú para Ji-Paraná.

**Romulo:** Então conta um pouco do que você sabe como que era o mecanismo de recrutamento, o cara chegava para você e depois qual era o processo, ele fazia tudo na base da amizade com o governador, com o secretário?

**Lenilson:** Não existia um padrão, porque o que existia e era o seguinte, a necessidade do professor, eu nunca vi esse convênio, mas sempre o Cintra dizia que existia um convênio entre a Universidade e o Governo do Estado. Eu só sei o seguinte, o que ele chegou, eu, totalmente inocente, só falei: “*Não, beleza, eu vou.*”

**Sérgio:** Mas teve outros casos na mesma época que você?

**Lenilson:** Sim, outros casos.

**Sérgio:** Esse Marlos que ele está falando...

**Lenilson:** Não, o Marlos foi contratado através de concurso.

**Romulo:** Então, foi o primeiro professor lá da matemática que foi contratado, contratado por concurso. O resto era todo mundo comissionado, era comissão.

**Lenilson:** Não, nós não recebemos nada da Universidade, apenas existia um acordo com governo estadual...

**Romulo:** Então, emprestado.

**Lenilson:** Emprestado, é.

**Romulo:** É, porque comissionado é o cara que é atribuído, você manda ele trabalhar em tal lugar.

**Lenilson:** É isso mesmo, é porque comissionado para mim é outra coisa, é aquele que recebe...

**Romulo:** Comissão? Não, o comissionado, pelo que eu... quer dizer, eu não sei, eu posso estar enganado, ele é simplesmente, por exemplo, ele pode ser comissionado dentro da Secretaria de Educação, ele é professor mas ele é tirado da sala de aula e mandado para inspetoria ou para a Delegacia de Ensino. E todos os professores eram professores da rede.

**Sergio:** Certo, da rede estadual?

**Lenilson:** O Reginaldo também foi convidado. Só que hoje em dia não existe mais isso. Para o professor colaborador é montado um processo, existe uma avaliação, passa pelo departamento, passa pelo conselho de Campus, passa pelo conselho administrativo, ou seja, existe todo um trâmite. Naquela época não, o Cintra chegou para mim e disse: “*Beleza.*” Só pegou o meu nome completo e foi embora. Uma semana depois ele ligou para a escola dizendo assim: “*O Lenilson já está lotado na Unir.*” Eu só fiz a mudança, 82 km, fui morar em Ji-Paraná. Agora existe o procedimento administrativo para isso.

**Romulo:** Mas foi regular, e regular no sentido que se existia, era oficial.

**Lenilson:** Oficial, eu só sei que eu pegava a folha de ponto, assinava, e todo final do mês...

**Romulo:** Na Universidade?

**Lenilson:** Na Universidade, com o timbre da Universidade, as aulas que eu estava trabalhando, eu assinava e ia levar na Secretaria de Educação.

**Lenilson:** E o teu holerite saía pela Secretaria de Educação?

**Sergio:** Você que tinha que levar?

**Lenilson:** Eu que levava.

**Romulo:** E você ganhava o mesmo salário?

**Lenilson:** O mesmo salário.

**Romulo:** Se você tivesse lá com sua carga lá de 40 horas...

**Lenilson:** Lá é de 40h do Estado, a mesma coisa. Aí eu fiquei um período de tempo, de 95 até 98, por aí, eu acho 98, 99 nesse... com esse contrato, cedido, a gente falava assim. Fiquei cedido. Só que na Universidade eu só chegava lá, dava aula e voltava.

**Sérgio:** Mas você recebia 40h?

**Lenilson:** Recebia 40h. A vantagem era que no Estado, naquela época, tinha que ter 25 horas-aula por semana, e na Universidade só dava 12 por semana. Então era mais tranquilo. Só que não participava de reunião de conselho, não discutia nada do curso.

**Romulo:** Não participava porque não lhe cabia?

**Lenilson:** Não era permitido. Não era permitido.

**Sergio:** Você não podia participar?

**Lenilson:** Não podia participar.

**Romulo:** Você era só pago pelo estado mensalista.

**Lenilson:** Sim, e eu continuei nesse processo...

**Romulo:** Nessa altura tinha mais pessoas que tinham feito concurso que o Marlos?

**Lenilson:** Já tinha, aí o que aconteceu? Desde 95 até 2005 eu fiz concurso, primeiro com o Fernando, que até agora, já pelo que deu uma refrescada na memória, eu fiz com o Fernando. Abriu o concurso, aí eu fui fazer em Porto Velho e quem passou foi o Fernando. Depois foi a professora Aparecida, eu fiz concurso com ela, não passei. Ela foi aprovada. O concurso com a professora Aparecida já foi no Ji-Paraná. Depois eu fiz com o professor Vicente, não passei. Por fim, fiz com o professor Marcos, passei em segundo lugar. Só que nesse processo o segundo estava classificado, nos outros não, o segundo era reprovado. Mais tarde veio a vaga e eu entrei, tinha que chamar porque eu estava classificado. Na época todos esses tinham mestrado, eu só tinha graduação. Foi outubro de 2005, quando eu entrei na Universidade e comecei a tomar pé de como funcionava.

**Romulo:** Você entrou concursado?

**Lenilson:** Concurado. Aí que tinha direito a participar em tudo.

**Romulo:** E de 95 a 2005 então você participou de todos concursos?

**Lenilson:** De todos os concursos.

**Romulo:** Então você sabe exatamente quais foram os contratados do concurso? Então vamos lá!

**Lenilson:** Fernando, Aparecida, Vicente, e o Marcos, e a Fany, esqueci da Fany. Primeiro assim: Vicente, Fany e Marcos.

**Romulo:** Quer dizer 6, você foi o sétimo? O oitavo, porque tinha o Marlos, que você não competiu. Você foi o oitavo contratado?

**Lenilson:** O oitavo contratado.

**Romulo:** Em 2005?

**Lenilson:** Em 2005.

**Romulo:** Quando você entrou em 95, tinha um que era ele, que foi contratado em 92?

**Lenilson:** Eu não conhecia o Marlos, que ele foi contratado em 92, porém, quando eu cheguei lá em 95, ele estava saindo, para fazer especialização em Pernambuco, então não o conheci, só depois que ele passou um ano e meio lá e voltou.

**Romulo:** Quer dizer que, na verdade, você está em uma posição muito peculiar, porque você teve, tirando como aluno, que você não teve, você teve todas as posições, as posições mais, e eu vou chamar assim, subalternas, mais... as mais provisórias até as mais efetivadas. Você foi chefe de departamento...

**Lenilson:** Sim, chefe de departamento, fui contratado em 2005, em 2006 uma crise medonha no departamento, muito grande, uma briga danada de egos, o negócio estava bem pesado, porque era Departamento de Ciências Exatas e da Terra, e esse departamento aglutinava o curso de matemática e física. E o chefe de departamento tomava conta desses dois cursos, então estava uma coisa, e o chefe era o Marlos. O Marlos disse: “*Eu vou sair desse negócio.*” Ele pediu afastamento, vai daqui, vai dali, vai daqui, quem topa e quem não topa, eu disse: “*eu topo*”. Aconteceu a eleição, fui eleito e segui até 2012.

**Romulo:** 2005 é mais ou menos quando começa a negociação do convênio? Do Dinter?

**Lenilson:** O Dinter foi... o que aconteceu, a eleição foi no final de 2005, então assumi em 2006. Comecei a fazer, organizar tudo, de 2006 até 2008. Aí, quando foi 2007, nós tivemos a ideia de lançar a seguinte pergunta: “O departamento vai ficar desse jeito mesmo? Do jeito que está, com essa bagunça, a gente não vai para em lugar nenhum.” E Porto Velho sempre crescendo. E a gente lá sem qualificação.

Aí decidimos fazer o seguinte: vamos ver se a gente encontra uma saída; aí o professor Ricardo falou: “*Olha, quando eu estava na outra Instituição, trabalhava com Minter*”. O Marlos falou: “*Existe o Dinter também.*” Eu digo: “*Então vamos juntar essas coisas.*” Foram formadas duas comissões, uma para estudar o Minter, e outra para estudar o Dinter. Aí o que acontece: o Minter naufragou por quê? Porque o departamento já tinha muita gente terminando o mestrado, então não se fazia necessário o Minter. Então vamos para o Dinter. Aí

o Marlos entrou em contato com a professora Miriam, porque o Marlos também, como abriu SBEM regional lá em Rondônia, tinha um contato...

**Romulo:** O Marlos abriu?

**Lenilson:** Abriu, SBEM Regional.

**Romulo:** O Marlos? É interessante, qual é a história dele? Como ele vai parar na SBEM?

**Lenilson:** Ele foi para um congresso, e eu acho que você era o presidente.

**Romulo:** Presidente? De 95 a 98.

**Lenilson:** Pronto, foi num período desses que ele foi, e ele entrou em contato...

**Romulo:** 95 foi Aracaju.

**Lenilson:** Então ele entrou em contato, conheceu o grupo e foi trocando figurinhas.

**Romulo:** Comigo ele conversou?

**Lenilson:** Ele conversou com você na época. E depois ele foi conversando, foi ficando, se associou, depois achou por bem criar a SBEM em Rondônia. Com a abertura do SBEM-RO, ele conheceu a professora Miriam, aí mandou uma carta de intenções para cá. Isso já em 2007. E daí a coordenação da pós, que na época o Marcos mandou um documento dizendo que aceitava.

**Romulo:** Ah, mas eu acho que demorou, deu voltas, não deu?

**Lenilson:** Isso aí ficou bonito, nós montamos o processo, passamos por todas as instâncias...

**Romulo:** Não, mas daqui eu lembro que tinha um problema da gente não saber se tinha capacidade para assumir um Dinter.

**Lenilson:** Não, mas era sua carta de intenção, entendeu? Porque a instituição dizia o seguinte: você tem que montar a carta de intenção, fazer uma justificativa, aprovar nos conselheiros para que a Reitoria começasse a entrar em contato, negociar se dá ou se não dá, tinha que ter um processo inicial. Nós fizemos isso. Aí o processo sumiu da Pró-Reitoria de Pós-Graduação. Sumiu, sumiu. Ninguém achou. A sorte, o Departamento tinha a xerox de

tudo guardadinho, aí montou outro processo, aí vai para lá, dá para cá, conversa, e foi quando que a seção daqui mandou uma minuta dizendo que tinha condições, barará, barará. Aí, Reitor vinha para cá, tratar alguma coisa do Geociências. Com o Reitor, daqui já assinaram o convênio guarda-chuva, com esse convênio guarda-chuva com a Educação Matemática. Perderam o processo de novo, aí até...

**Romulo:** Teve um problema na Capes também, não é?

**Lenilson:** Teve um problema da Capes.

**Romulo:** Depois tivemos o Reitor foi afastado.

**Sérgio:** Esse tipo de problema dos professores ficaram aguardando sem sair, qual era a expectativa disso?

**Lenilson:** Alguns ficaram tentando seleção em outros lugares, buscando e tal. Mas aí o que aconteceu, em 2010? Saiu tudo. Saiu a REAMEC, saiu Dinter daqui, e dois foram aprovados em outros editais. A política do departamento é que, quando todo mundo voltar, que acontece agora em 2014, 15 e 16, o departamento fica forte, porque serão dez professores formados na área de educação em matemática.

**Romulo:** 10 lá em Ji-Paraná.

**Lenilson:** 10, aí fica... E por último agora, em 2013, para você ver como é que o negócio está andando assim, para, em 2013, e teve... houve concurso para 2 vagas de matemática, duas meninas passaram, as duas estão fazendo REAMEC. Ou seja, também...

**Romulo:** Deixa eu perguntar uma coisa, Lenilson: quem liderou, quem liderou a primeira mudança e quem liderou a segunda mudança? De quando você falou que, de 2000 a 2006...?

**Lenilson:** A de 2000, eu acho que a grande liderança foi do Marlos. E a grande liderança de 2006 foi do Marlos e da Cida. Porque ele, o Marlos, cita o encontro que aconteceu na Bahia, da SBEM, da licenciatura, disse que saiu uma revista que até eu tenho.

**Romulo:** Eu estava contando das duas pessoas importantes no processo de 2006, o Marlos e a professora Aparecida.

Porque eu estou pensando o seguinte... O quanto o espírito das duas reformas seria diferente, porque na primeira reforma não houve corte de disciplina matemática? Você estava lá, em 2000, você não estava?

**Lenilson:** Eu estava, mas não participava.

**Romulo:** Então você acompanhou?

**Lenilson:** Também não, porque eu não podia participar das reuniões.

**Romulo:** Nem escutava?

**Lenilson:** Nem escutava.

**Romulo:** 2005?

**Lenilson:** Aí 2005 também não. Eu entrei no final de 2005, que o processo já tinha passado, já estava encaminhando o processo.

**Romulo:** A reforma começou em 2005?

**Lenilson:** É, porque sempre acontece um ano antes. Aí depois tem que ser aprovado nos conselhos.

**Romulo:** Então você não tem nem boato, conversa?

**Lenilson:** A conversa é que, com o Marlos, com a Cida e com os professores, é que na época que eles se baseavam muito nas características dos cursos de licenciatura que existiam no Brasil.

**Romulo:** Que é essa referência que você está falando, eles foram...

**Lenilson:** Pegaram suas respectivas grades, a do curso, e outras em geral. Então não houve muita diferença. A matemática ficou com a grade de 2000, parecida com as dos cursos de matemática existentes.

**Romulo:** Mas para vocês que davam cargas, cargas didáticas, por exemplo: “Ah, tem um semestre de álgebra, então a gente tem 2, é muita coisa. Tem um semestre de álgebra linear...”

**Lenilson:** O que foi feito é mais ou menos assim, tem matemática 1, 2, 3 e 4. Aqui tem 1, 2, 3, 4, 5. Aí foram dando uma ajustada para ficar de acordo, então apareciam as características da Universidade Federal de Pernambuco, da UFMT, da UNESP, entre outras, as que eles pegaram como referência, então isso tudo foi que, juntando, formou o projeto de 2000.

**Romulo:** Isso aparece na fala deles?

**Lenilson:** Aparece. Agora, a de 2005 não, usaram como referência a LDB, que é de 96, e tem como ponto forte esse encontro na Bahia.

**Romulo:** Então, mas a decisão de hoje cortar, o que cortar?

**Lenilson:** Não se comentou, só o professor Fernando que falou o seguinte, na fala dele diz: *“Como o curso era muito bacharel, então vamos cortar as partes que parece com bacharel, as álgebra e a análise”*.

**Romulo:** Então, mas ele era professor?

**Lenilson:** Da Matemática.

**Romulo:** Mas ele era matemático, matemático, produtivo na matemática, ou ele é educador em matemática?

**Lenilson:** Ele é licenciado em matemática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas a grade dele é da álgebra 1 e 2, ele falou que...

**Romulo:** A grade é o quê?

**Lenilson:** O curso, na época que ele estudou, as disciplinas eram mais da área de bacharelado. Como também no curso dos outros professores.

**Romulo:** Então aparece essa ideia de que o espírito do curso precisa ser mais de educação matemática, influenciado pelos contatos com esse encontro da licenciatura; por que 2000? Vamos ver, 98 foi o encontro de São Leopoldo, depois o próximo de 98, 99, 2000, dois mil... Onde foi 2001? Onde foi de 2001? São Leopoldo... não foi em Minas, foi em Minas? E, interessante, porque não tem ali, não tem uma coisa mais. Coloca o oitavo ENEM, não, sétimo ENEM.

**Romulo:** Pode ser Rio de Janeiro. Então o sétimo foi Rio de Janeiro, o oitavo eu acho que foi com... Minas Gerais não foi porque...

**Lenilson:** 2007 foi o capixaba. Não...

**Romulo:** Foi em 98, 99, 2000, 2001 Rio, 2002, 2003, 2004.

**Lenilson:** Então, 2003 teve na Bahia. Ou foi só sobre a licenciatura?

Foi só sobre licenciatura, foi o fórum de licenciatura e esse daí... 2004, bota aí o oitavo, o oitavo deve ter sido... 2004... 2007.

**Romulo:** Espírito Santo.

**Romulo:** Engraçado, cara, e eu nem passei perto desse encontro.

**Lenilson:** No Espírito Santo em... 2004, não, 2010.

**Romulo:** Não, então você está olhando outra coisa aí.

**Sergio:** Você quer saber do sétimo ou do oitavo ENEM? Do oitavo, o sétimo foi...

**Lenilson:** ENEM não, SBEM. SBEM, não é? Não é ENEM não.

**Romulo:** ENEM. 2001, Rio de Janeiro.

**Lenilson:** 17 a 18 de julho de 2004, em... Recife.

**Romulo:** Recife, está certo. Recife, está certo. Depois 2007... agora vamos andar para trás, 2013 foi passado em Curitiba, em 2010 Salvador, 2007 Minas. E fechou. Então 2005, 2006 não é a reforma? Eles poderiam ter dito no de 98, que foi que você fala que ele conversou comigo, abriu a SBEM, o de 2001 no Rio, que eu não fui, o de 2004, o que foi em Recife... que ele tinha contato em Recife.

**Lenilson:** Eu acho que foi a partir do Recife que ele abriu em Rondônia.

**Romulo:** Pode ser, que o Paulo Figueiredo ele devia conhecer. Você falou que ele fez uma especialização lá, então ele conhecia o pessoal de ensino. É muito interessante, agora falando, a ideia inicial é estudar isso aí, o que aconteceu, o que resultou nessa mudança curricular, que é o seguinte, os caras tinham um ano de um curso original, tinham um ano de álgebra, então, quando você tem um ano, você começa com grupos, você faz um curso

seguindo a lógica da matemática. Em grupos, anéis, blablablá. Em grupos, então ficava com o primeiro semestre, e anéis e corpos segundo. Aí os caras... e assim você tem um curso de álgebra linear de um ano e um curso de análise de um ano. Aí o que acontece? Eles resolvem que está demais, está um curso muito bacharelado, que precisa reduzir essa carga de matemática, de favores. Você pensa até... eu tenho 1, 2, 3, 4, 5, você não olha dentro, você olha quanto semestres tem. Tem muitos semestres. E aí eles cortam, só que, quando eles cortam álgebra, eles deixam exatamente o curso que é considerado um curso sofisticado que o curso em geral, você tem o curso separado. Então a gente, os caras têm teorias sobre outros pontos, quer dizer que eu não sei como que cada professor dá o curso...

**Lenilson:** Esse “cada professor” sou eu.

**Romulo:** Então, você pode ter a liberdade de mudar, pelo menos na prescrição, é isso que está.

**Lenilson:** E a princípio nossa tentativa era investigar o efeito, se essa dificuldade que eu tenho de dar aula de álgebra, a que está relacionado. Aí a gente vem fazendo esse levantamento, só que a gente estava com outra tendência, não era Rômulo?, de entrevista com o professor e com aluno, e ele falou: “*Não, não vai por aí não...*”.

**Romulo:** A ideia é pegar egresso, eram outros tipo de estudos, o original.

**Lenilson:** Ele disse que não, porque seria um trabalho para dez anos.

**Romulo:** Ia ser gigantesco. E aí, com a tese do Edson que a gente é... esbarrou naquela questão dos motivos administrativos e os motivos pedagógicos, que eles afetam o pedagógico, esse é um caso típico, porque o que nós vamos ver, porque você tem... por isso que nós estamos mapeando essa história toda, porque parece que é um exagero de detalhe para esse curso, o que você vá falar da Universidade, mas a gente está mapeando o espírito de quem toma decisão. Isso é que eu acho legal, e vai desembocar em uma medida que não, ela provavelmente não aparece em análise de álgebra linear, porque em análise de álgebra linear a ordem já é a ordem natural das coisas, se você cortar, você corta e então fica introdução à álgebra linear e introdução à análise. E álgebra não, se você seguir a ordem matemática, você faz essa inversão violenta. Então isso é uma anomalia mesmo, uma anomalia que é gerada e que podia passar totalmente despercebida. Então esse eu acho que é o filé mignon, e isso se justifica porque tem o trabalho do Edson, que pegou uma coisa bastante similar.

E lá também tem essa história do curso que começou com ciências, que no caso saía habilitado também, que tem possivelmente também o mesmo problema. Então a decisão também a gente pode conjecturar que administrativa, no sentido de que isso está no professor que pegasse uma carga de tudo, se desse para pegar português, língua portuguesa.

Muito bem, professor, ficamos por aqui.

**Lenilson:** Obrigado.

**Lenilson: Entrevista 02: na casa do professor Marlos, à rua dos Babaçus, número 49, no bairro Urupá, em Ji-Paraná. No dia 27 de agosto de 2013, começando às 9 horas e 35 minutos. Bom dia, professor Marlos.**

**Professor Marlos:** Bom dia.

**Lenilson: Qual a sua formação, e em que instituição o senhor cursou a graduação?**

**Professor Marlos:** Eu sou licenciado em Matemática pela Universidade de Pernambuco, eu fiz a licenciatura no período de 1984 até 1988, o curso na época chamava-se Ciências com habilitação em Matemática.

**Lenilson: A nível de pós-graduação, como se deu sua formação?**

**Professor Marlos:** Fiz a especialização já sendo professor da UNIR, no ano de 96, pela Universidade Federal de Pernambuco, em Matemática pura. Foi aí que eu vi que não era bem a linha que eu queria seguir. No ano de 99 a 2000, eu fiz o mestrado pela Universidade Federal de Santa Catarina, foi um Minter que houve aqui em Rondônia, eu e vários colegas na UNIR, alguns professores da UFAC também fizeram, foi em Ciência da Computação. Meu trabalho foi na área de Matemática, Informática Aplicada ao Ensino de Matemática.

O doutorado estou fazendo agora, 10 anos depois do mestrado, no caso, no curso da REAMEC, a Rede Amazônica de Educação e Ensino de Ciências e Matemática, no polo da UFMT. Meu trabalho é um estudo histórico reflexivo, sobre o curso de Matemática aqui do campus.

**Lenilson: Certo, como se deu o processo de sua contratação junto à Universidade? Ou seja, quando é que você foi lotado no Departamento de Matemática, todo o processo de entrada na Instituição?**

**Professor Marlos:** No ano de 1990, o Governo do Estado de Rondônia fez um concurso na área de Educação, foi realizado no Nordeste e eu vim para Rondônia, contratado pelo Estado, e fui lotado na cidade de Cacoal. No ano de 91, um colega, professor da UNIR, saiu para fazer mestrado, era o professor Carlos Vinícius, e ele me convidou para trabalhar na UNIR como professor colaborador, eu conciliava meu trabalho do Estado e da Universidade em Cacoal.

Em 92 surgiu o concurso de Matemática para a cidade de Ji-Paraná, que eu ainda não conhecia, foram os colegas lá que me motivaram a fazer o concurso, porque eu não tinha nenhuma pretensão de exercer a docência no Magistério Superior.

Fiz o concurso, fui aprovado e em 92 vim para Ji-Paraná, o concurso realizado aqui, foi um dos primeiros concursos realizados no interior, já que os outros concursos eram todos realizados na Capital. Éramos em cinco candidatos na época, e fui aprovado, fui o primeiro professor efetivo da área de Matemática. Porque, quando eu aqui cheguei, tinha outros professores que eram colaboradores, que eram funcionários do ex-território federal, existia essa cultura de ceder professores, pra cá, pra UNIR, então, o meu concurso foi o primeiro da área de Matemática, daqui do departamento. Foi em agosto, e eu tomei posse em 27 de outubro de 1992.

**Lenilson: E quem eram os professores que trabalhavam na época na Instituição?**

**Professor Marlos:** Efetivos tinha: professora Beatriz, professora Margarida Arcari, que hoje está aposentada, professora Margarida Theobald, o senhor Nelson Escudero, o professor Manoel.

**Lenilson: Quais da área de Matemática?**

**Professor Marlos:** Da Matemática tinha o professor Eliel, que era professor cedido, professor Carlos Manoel, que já faleceu, o esposo da professora Angélica. Tinha o professor Carlos também, que era professor da SEDUC, Carlos Augusto, eu acho. Mas assim, do quadro, eu sou o primeiro, eles eram cedidos, eram funcionários federais cedidos para a Universidade.

Com o passar do tempo, o governo do Estado chamou esses professores de volta, porque na verdade eles serviam ao Estado, na época que saiu da condição de Território para Estado, eles permaneceram no Estado de Rondônia, eram servidores federais, mas lotados no Estado, alguns foram cedidos temporariamente para UNIR, os governos foram os chamando de volta. Esses convênios foram encerrados por volta de 95, eu não lembro quem era o Governador, de tal forma que a Universidade ficou sem esses professores. Isso foi bom porque forçou a Universidade a dar o jeito dela e fazer novos concursos.

**Lenilson: Então, depois de você passaram mais uns três, uns quatro?**

**Professor Marlos:** Que vieram?

**Lenilson: Os próximos você lembra?**

**Professor Marlos:** Na época, em 96, eu saí, fui fazer essa especialização em Recife, e aí, ainda tinha esses professores contratados, quando eu voltei, aí foi quando eu conheci o professor Fernando, então pela ordem eu penso que, depois de mim, veio o professor Fernando, foi lá em Recife, nesse período que eu conheci a professora Aparecida. Na época que abriu o concurso, eu comuniquei a ela, ela veio, fez e passou. Depois vieram os professores Marcos, você, Fany, eu não sei se Fany é antes ou depois.

**Lenilson: Fani antes não é.**

**Professor Marlos:** Então pela ordem é Fani, Marcos e você. Porque, quando o Marcos chegou, acho que a Fani já estava.

**Lenilson: Aí, nesse meio, tem o Vicente, que é entre.**

**Professor Marlos:** Ah, verdade, estou esquecendo, Vicente veio antes de todos esses, porque, quando eu saí para estudar, para fazer a especialização, o Vicente já estava por aqui, então o Vicente é mais antigo do que o Fernando. Em 99, quando a gente fez o mestrado, fomos eu, Vicente e Fernando que fizemos juntos. Fernando fez o mesmo mestrado que eu, Vicente também, só que ele não concluiu.

**Lenilson: Já estava.**

**Professor Marlos:** Depois vem o Marcos, você, vieram muitos, que eu não sei dizer, mas, assim, houve um longo período que ficamos nós 5. Eu, a Cida, você, Fani e o Marcos. Um longo período nós cinco que levamos o curso, com alguns colegas como substitutos.

**Lenilson: Sim. Quais são as disciplinas que o senhor ministra, ou que ministrou no curso?**

**Professor Marlos:** Na matriz antiga tinha fundamentos da matemática, elementos da matemática, lógica da matemática, que tinha na época, os cálculos, equações diferenciais, trabalhava álgebra, mas aí chegou o professor Lenilson, e aí ele trabalha e a gente já não ministra mais esta disciplina. Na matriz atual, as matemáticas, lógica matemática, os cálculos, todos eles. Equações diferenciais, variáveis complexas, algumas disciplinas pedagógicas, como tecnologias aplicadas em matemática, laboratório de matemática.

**Lenilson: Ou seja, praticamente você passeia pelo curso, pela grade toda?**

**Professor Marlos:** É, estou um pouco longe da geometria e álgebra. Análise, também já trabalhei, mas, com a chegada dos novos professores, cada um foi se especializando em uma área. Análise ficou mais para a professora Aparecida, professor Fernando. Álgebra ficou com você. E aí as outras ficavam comigo, não é?, cálculo, essas disciplinas.

**Lenilson:** Das disciplinas que você ministra, você é o dono? Vamos colocar assim: é o cálculo?

**Professor Marlos:** Sim, Cálculo.

**Lenilson:** Então com você, certo?

**Professor Marlos:** Desde o primeiro. Porque na verdade as variáveis complexas são uma sequência do cálculo.

**Lenilson:** Marlos, como você é um dos primeiros, é o primeiro contratado para atuar no curso, efetivo, o que você acabou de citar com relação aos professores que eram do Estado, que eram do Ex-Território, que trabalhavam na Universidade, também, essa contribuição eu recebi quando entrevistei o professor Eudes. Então você conhece bem toda essa história do curso, eu queria que você falasse de como se deu o envolvimento dos alunos, dos professores, do início até hoje, como é que você vê essa trajetória, a história do curso, na sua visão?

**Professor Marlos:** Em 1992, quando eu fiz o concurso e cheguei, foi realizado o primeiro vestibular para Matemática, licenciatura plena, que, até então, o curso que tinha sido criado, em 88, era Ciências, licenciatura curta, este habilitava o professor para trabalhar com o primeiro grau, atualmente a gente chama de Ensino Fundamental. Houve, em 92, o primeiro vestibular para Matemática, licenciatura plena. Essa turma, que fez vestibular, foi a primeira turma de Matemática, e fazendo uma busca também, para minha tese de doutorado, eu vi que, em 93 e 94, voltou a ser vestibular de Ciências, o porquê disso eu ainda não sei.

Em 94, 95, voltou a ser Matemática e permanece até hoje. Mas essas duas turmas, de 93 e 94, elas entraram junto ao Colegiado, com o documento, pedindo para que passassem a ser também licenciatura plena e Matemática. Eles levantaram vários argumentos, que a licenciatura curta ficava dentro da plena Matemática, eles atenderiam o Ensino Médio e o Ensino Fundamental, e os colegiados, do departamento, e o Conselho de Campus aprovaram esse pedido, porque tinha que ter essa aprovação, uma vez que eles fizeram vestibular e a

exigência também era que 100% dos alunos assinassem esse documento, então eles, óbvio, concordaram, porque só tinham vantagens, não tinha mais justificativa para a permanência do curso de licenciatura de primeiro grau.

O curso de Ciências foi transferido para Matemática, licenciatura plena. Os professores eram na época cedidos pelo Estado, porque Rondônia tinha pouco tempo que tinha se emancipado para condição de Estado. Ainda na condição de território, tinha muitos funcionários federais, que eram engenheiros, que eram profissionais de outra área, não necessariamente licenciados em Matemática. Eu lembro que o professor Eliel era professor também. Nunca mais o vi, não sei se ainda permanece na cidade.

Depois foi que vieram outros concursos, então na época foi aberto o curso de Física, então houve alguns concursos para Física, esses professores também trabalhavam com disciplina de Matemática: professor Airton, professor Aurélio davam esse suporte para o curso de Matemática. Posteriormente, vieram outros professores, no decorrer do tempo, à medida que o governo do Estado chamava os professores conveniados de volta, a Universidade realizava concursos para professor substituto. Era muito difícil, aqui no interior, a gente conseguir uma vaga para professor efetivo, a gente passava aí, 3, 4, 5 anos para conseguir uma única vaga. Então é um curso que sofreu muito nessa questão de qualificação, e de ter pessoal disponível, enquanto se vê como ideal uma carga horária de 8 horas semanais, a maioria de nós tinha 16 horas semanais, 20 horas semanais.

Existia a preocupação nossa de não deixar os alunos sem disciplinas, em contrapartida, pesquisa e extensão a gente não tinha tempo, porque a gente se dedicava totalmente ao ensino. Tinha algumas extensões, poucas, mas tínhamos. A gente se adaptava a essa situação, de forma que o aluno não ficasse sem ter essas disciplinas. Nós tivemos a mudança de matriz curricular ao longo desse tempo. A estrutura organizacional era diferente, a gente tinha aqui no campus uma única coordenação de curso, e todos os cursos do campus eram lotados em um único departamento.

Então, quando a gente fez essa reformulação de matriz curricular, os professores da pedagogia trabalharam com a área pedagógica, nós que éramos da Matemática e da Física montávamos a reformulação da área específica. Existiam comissões, mas na verdade essas comissões, que faziam a primeira parte entre si, em seguida levavam pra discussão, junto aos colegas do departamento como um todo. Essa primeira reformulação aconteceu em 99, e a grade foi aprovada, passou a valer a partir de 2000. Em 2006 fizemos uma outra

reformulação, já mais específica, com a Educação Matemática. É a matriz que está em vigor, porém já concordamos que ela está precisando também de reformulação.

**Lenilson:** Logo, você participou das duas, das duas reformulações, a de 2000 foi feita em 99, foi aprovada nos Conselhos Superiores, e entrou em vigor no ano de 2000. E também participou da reformulação de 2005, que foi aprovada no final de 2005 e entrou em vigor em 2006. Que é essa atual. Você tem na memória como se deu esse processo, se houve estudo, qual foi o referencial teórico que se utilizou e de que forma foram feitas essas análises para as mudanças da grade?

**Professor Marlos:** A primeira modificação, na verdade, essa de 99, que eu disse que foi a primeira, na verdade foi a segunda já, porque, em 92, quando o Curso de Ciências passou para ser Matemática, já era uma outra reformulação, mas eu não recordo bem dessa de 92, eu penso que isso a gente pode confirmar depois, eu também estou em busca disso. Acredito que na época foi adotada a matriz curricular de Porto Velho.

**Lenilson:** Conversando com o Prof. Eudes, ele me falou que, quando veio, abriu o curso aqui e até logo depois, que ele não precisou vir mais a Ji-Paraná. Ele falou que todo trabalho se realizava em Porto Velho.

**Professor Marlos:** É o que eu penso também, porque eu não lembro de ter feito uma coisa desse tipo, na época eu já estava aqui. Essa de 99 eu lembro: nós reunimos todos os professores, fizemos uma busca em vários cursos de Matemática pelo país, e fizemos o estudo dentro do que estava sendo mais comum entre esses cursos, a partir daí fez-se uma análise, para ver se isso era ideal para a nossa realidade.

Foi a partir desse estudo que se montou essa matriz de 99, vendo o que era mais comum nas demais grades, pegaram as matrizes de vários cursos, não lembro, da UNESP, lembro da UFPE. O que se trouxe em primeiro plano para a reflexão foi a nossa formação. Se fez esse estudo, pegando as várias matrizes curriculares de vários cursos. A partir dessa matriz foi que se montou o projeto pedagógico. Pensou-se em perfil ideal, para que se adaptasse para a nossa situação, as nossas peculiaridades locais.

Já a de 2005 foi mais diferente, porque a Sociedade Brasileira de Educação Matemática, ela já promovia essa discussão sobre as licenciaturas, sobre a formação do professor de Matemática no Brasil. Essa discussão acontecia em todos os Estados e houve um Fórum na Bahia, onde cada Estado levou suas ideias sobre a formação de professor de Matemática. Não

participei desse evento, mas culminou em um documento que foi publicado numa revista, penso que eu ainda tenho essa revista, que tratava de todas as questões da licenciatura, da avaliação, do currículo, das disciplinas de formação pedagógica, formação específica; das disciplinas integradoras que vão integrar um grupo a outro, e, a partir desse estudo, dessa revista, juntando-se novamente a nossa formação, depois de muita reflexão se conseguiu então montar essa matriz de 2005.

Também, se agregando a isso, a nossa visão já era diferente, já se tinha uma visão de tirar um pouco dessa questão da cara de bacharelado do curso de Matemática e montar uma matriz curricular que, no nosso entendimento, fosse o necessário para formar um professor de Matemática. A matriz curricular de 92 era praticamente um bacharelado; a de 99 já quebrou um pouco esse paradigma, mas se viu que ainda tinha aspecto disso, então se provocou essas mudanças em 2005, que correspondem à matriz curricular que entrou em vigor em 2006.

Em suma, esse estudo para 2005-2006 levou em consideração nossa formação e esse estudo da SBEM, do qual participaram pesquisadores, professores de todo o país e que resultou nessa revista. Ementas e matrizes curriculares de vários cursos de Matemática. Contudo, se ponderou o curso que tivesse mais concepção de formação de professor. Ocorre que muito cursos ainda mantêm aquela questão do bacharelado revestido de licenciatura. O grupo tinha essa preocupação na época, de constituir um curso para formar professor.

**Lenilson: As metas do Governo Federal através do MEC na época influenciaram também ou não?**

**Professor Marlos:** Sim, bastante, porque, em 2002, saiu uma nova portaria sobre a questão de licenciaturas, então o que se fez foi justamente isso, levar em conta, o que era o currículo exigido pelo MEC e mais essas considerações locais. Foi quando apareceram as 400 horas de Estágio Supervisionado, que antes não tinha. Apareceram também a questão das atividades complementares, que se incluiu nesse projeto 2005. Nós utilizamos então esse currículo básico que o MEC exigia, mas em torno disso colocou essa formação que entendíamos como mais necessária e que hoje já se percebe que necessita de mudanças.

Então, na verdade, foi esse conjunto de situações: exigência do MEC, o estudo feito pela SBEM, a nossa formação e mais esse estudo em algumas matrizes no Brasil, que já tinha referência de alguns cursos que formavam professores e que eram referência mesmo na licenciatura.

**Lenilson:** Independente da elaboração e da estruturação do projeto pedagógico, era comum a discussão sobre o projeto político-pedagógico do curso, o pessoal sempre estudava?

**Professor Marlos:** Não, não lembro. Eu acho que hoje é mais comum, porque foi depois dessa nova matriz que se viu mais como formação do professor, que há mais essa preocupação de discutir, debater, reformular. Não lembro se se faziam esses estudos antigamente.

**Lenilson:** Antigamente não? Ou seja, desses dois processos de 99 a 2000 e de 2005 a 2006, são os que foram aprovados, se discutiam na época a reformulação, mas não se via estudos, grupo estudando sobre o projeto?

**Professor Marlos:** Não, ao longo desse tempo não, depois dele se passou a fazer mais frequentemente isso.

**Lenilson:** É, como os professores do curso aqui, conversam sobre as disciplinas que ministram? Existe a conversa de um professor com o outro sobre determinada disciplina? Ou seja, existe uma relação entre uma combinação entre os professores. Uma articulação?

**Professor Marlos:** Olha, eu vejo que, dentre os professores que ministram as mesmas disciplinas, sim. No caso, eu, que trabalho cálculo com o Marcos, com a Fani, Marcos agora foi embora, sempre conversávamos. Pelo menos dentre as mesmas disciplinas da mesma área, sim. O professor Reginaldo, quando ia trabalhar, ele me questionava: “professor, você trabalhou tal forma, de tal método?”, e a gente discutia. Dentre as disciplinas diferentes, bem pouco. Eu lembro que dessa questão, da mesma disciplina, sempre a gente conversava, trocávamos ideias, tanto da minha parte para deles, quanto deles pra mim.

**Lenilson:** Apresentar sugestões metodológicas para o professor que está lá na prática de ensino, conversar com o professor do cálculo, seria essa parte, discutir essas relações.

**Professor Marlos:** Entre disciplinas diferentes? Não.

**Lenilson:** Não. Existem grupos de estudos fechados para estudar disciplinas, as áreas?

**Professor Marlos:** Também não.

**Lenilson: Do nosso departamento?**

**Professor Marlos:** Não. Oficialmente não, mas eu percebo o seguinte: com o passar do tempo, com a nossa própria formação continuada, isso tem sido um hábito mais comum. Estar sempre conversando sobre, como melhorar tal disciplina, inserindo tal, tal referência bibliográfica, tais métodos, não existe assim uma comissão montada oficialmente, uma coisa oficial, um horário fixo, mas a gente sempre está, pelos corredores, nas salas, discutindo sobre essa questão de método, do processo em si.

**Lenilson: Nas disciplinas ministradas pelo senhor, qual afinidade, ou se você faz uma contextualização com outras disciplinas, chamando atenção pra que determinado conteúdo que vai ser aplicado ali, ou aqui, você costuma fazer isso nas suas aulas?**

**Professor Marlos:** Uma abordagem?

**Lenilson: Contextualizada, ou onde vai ser utilizado tal conteúdo?**

**Professor Marlos:** Nos cálculos a gente faz isso com relação ao outro cálculo, quando tem uns 3, 4 cálculos, a gente faz isso com relação aos próprios cálculos. Com relação às disciplinas de outras áreas: geometria, cálculo, análise, não.

**Lenilson: Certo, como é que o senhor vê o ensino de álgebra no curso?**

**Professor Marlos:** Extremamente importante. Sua pergunta é com relação à importância, ou como é que está posto lá?

**Lenilson: Como é que está posto, de modo geral, como é que você vê a disciplina de álgebra?**

**Professor Marlos:** É essencial, porque a gente percebe a necessidade do ensino de álgebra já no oitavo ou sétimo ano do ensino fundamental. Quando a meninada chega lá, tem maior dificuldade. Essa questão de transpor a ideia de um número para uma letra, para eles já leva muita dificuldade, e trazem essa dificuldade o tempo todo. Eu vejo de suma importância, porque, através da álgebra, você pode tornar geral condições que eram mais específicas, mais pontuais. Para o aluno atingir melhor maturidade matemática, é extremamente necessário que se ofereça tal disciplina.

**Lenilson:** É porque acontece o seguinte: o aluno, quando ele vai fazer a disciplina de álgebra, ele fala assim: “Rapaz, é tão interessante o cálculo, digamos assim, é muito bom cálculo, cálculo a gente faz e está ali.” Como é que você vê esse comentário, se de certa forma, nas suas aulas, você chama atenção que, no cálculo, existe álgebra também, se está ali presente, que são estruturas interligadas, como é que é feita essa discussão, se existe essa discussão ou não?

**Professor Marlos:** Não pontuando dessa forma, mas que a gente chama atenção sim, dentre teoria dos números também, que eu trabalhei bastante.

**Lenilson:** Equações diferenciais?

**Professor Marlos:** Equações diferenciais a gente trabalha muito dessa forma, e já preparando o aluno para esses estudos, de álgebra, de análise, mostrando que aquela parte ali vai atuar como uma base para o estudo de álgebra depois. Nesse sentido sim.

**Lenilson:** Quais são as perspectivas para o curso, na sua opinião?

**Professor Marlos:** Pois é, eu vou entrar naquela ideia de que eu sou suspeito para falar, porque quando pede-se a um pai pra falar sobre os filhos, o cara só vai falar bem. Não que eu seja pai, mas é um curso que eu estou aí já há muito tempo, então eu vejo perspectivas ótimas pra esse curso. Considerando o resultado último, que nós, no ENAD, atingimos nota 4, considerando que o corpo docente quase todo hoje está buscando se especializar na área, através de estudo de doutorado, considerando os colegas novos, que estão entrando, eu vejo como um curso que tende a melhorar mais ainda dentro dessa questão de Educação Matemática. Na visão de educador de Matemática, é um curso que tem um grupo, bem interligado, que dialoga bastante, que consegue ver tanto a formação específica, quanto a formação pedagógica, extremamente necessárias. Porque há essa, queira ou não, há essa divisão ainda dentro da Licenciatura em Matemática pelo país, naquela visão ainda do curso ter mais um título, uma coisa é matemática, outra coisa é pedagógica, e esse grupo que está aí no curso, a gente percebe que entende as duas áreas como necessárias, então eu penso que esse curso tende a melhorar bastante com relação a essa questão da formação do professor de matemática.

**Lenilson:** Perfeito, dentro do departamento, dentro do curso, se discute o perfil de cada professor por área, por exemplo, o perfil do professor de álgebra, o perfil do professor de cálculo, ou não?

**Professor Marlos:** Não, não existe. Eu vejo que ao longo do tempo isso foi sendo uma coisa interessante, naturalmente foi se formando. Eu, por exemplo, trabalho todos os cálculos, tem outras colegas também que trabalham. Você trabalha as álgebras. Determinado professor trabalha mais a geometria, em nenhum momento a gente sentou pra discutir isso, isso foi uma coisa que foi sendo adotada naturalmente com o passar do tempo, mas não foi em nenhum momento, que eu lembre, uma coisa formal. Ah, vamos discutir que, para se trabalhar cálculo, tem que ter tal perfil, para se trabalhar geometria, não. Eu vejo que a discussão em si não há, no entanto se determinou, se delineou essas áreas, de forma natural.

**Lenilson: E também existe um número reduzido de professores, não é?**

**Professor Marlos:** É, bem pequeno.

**Lenilson: Professor Marlos, eu agradeço a você pela contribuição e deixo você à vontade pra fazer as suas considerações finais, e muito obrigado por enquanto.**

**Professor Marlos:** Precisando é só retomar, fico à disposição. É uma alegria muito grande ver esse departamento, hoje como está, diante de tantas dificuldades que passamos no decorrer desse tempo. Houve até alguns momentos que o curso e o campus seriam fechados, mas a luta do povo aqui permaneceu grande e não deixou. Agora se percebe que o curso, a cada dia que passa, está se fortalecendo, em termos de pessoal, de corpo docente. Falta muito ainda para o ideal, falta estrutura física adequada, equipamentos melhores pra área tecnológica, para dar suporte ao curso na área bibliográfica, ou para dar suporte ao público na área bibliográfica, não só biblioteca, também deixou muito a desejar, mas eu diria que, mesmo diante de todas essas ausências, o curso está dando conta do resultado. Isso por vontade do povo que está aqui, se percebe que esses que aqui vieram chegaram mesmo para abraçar essa causa, por isso que disse lá atrás que é até suspeito eu falar, porque eu sou apaixonado pelo curso. Eu vejo, assim, que o curso tem dado conta do resultado, vários ex-alunos aí saindo, fazendo mestrado, fazendo doutorado, outros sendo colegas no nosso departamento, são colegas em outras Universidades, passando em outros concursos. O nosso objetivo é formar professor, e aí esse tem sido um objetivo atingido, olha nosso departamento, tem colegas do curso, colega no Instituto Federal, colegas em outros Campus, de outras Universidades que foram alunos nossos. Eu vejo que o curso promete pelos próximos anos.

**Lenilson: Muito obrigado, Marlos.**

Para complementar a entrevista, realizamos contato via email com o professor Marlos. Fazendo as perguntas abaixo.

22/02/2015 E-mail de Universidade Federal de Rondônia - Complemento da Entrevista

 lenilson sergio candido <lenilson@unir.br>

---

**Complemento da Entrevista**  
3 mensagens

---

**lenilson sergio candido** <lenilson@unir.br> 4 de dezembro de 2014 23:20  
Para: Marlos Gomes Albuquerque <marlos@unir.br>

Boa Noite Marlos.

Estou estudando por aqui e vi que preciso verificar um fato sobre o curso matemática em Ji-Paraná. Como vc faz parte do meu grupo de entrevistados, gostaria de fazer mais uma pergunta.

Em 1992 o curso começou totalmente dependente de Porto Velho, inclusive quem decidia as contratações era o Conselho de lá.

Você lembra como e quando se deu a separação, quando Ji-Paraná ficou independente.

Obrigado

Att

—  
Prof. Msc. Lenilson Sergio Candido  
Universidade Federal de Rondônia - Campus de Ji-Paraná  
Departamento de Matemática e Estatística - DME  
Contato: Trab (69) 3421-3595 Cel - (19) 9794-4700

---

**Marlos Gomes Albuquerque** <marlos@unir.br> 5 de dezembro de 2014 11:17  
Para: lenilson sergio candido <lenilson@unir.br>

Olá Lenilson

Com relação a primeira pergunta, o Campus tinha liberdade de contratação de professores, todavia raramente aparecia uma vaga para o interior e, quando aparecia, travava-se uma guerra interna, entre os cursos do Campus para saber quem ficaria com a vaga. Para você ter uma ideia, eu fui contratado via concurso em 1992 como o primeiro professor de Matemática do curso, só depois de 4 anos é que surgiu um outro concurso, que neste certame foi aprovado o Fernando, em 1996.

Com relação a segunda pergunta, entendo que conseguimos nossa independência de Porto Velho, em 1999, com a aprovação da primeira reformulação curricular feita por nós de Ji-Paraná. Foi o primeiro PPP construído genuinamente pelo corpo docente de Ji-paraná e foi aprovado por meio da Resolução nº 334/CONSEPE de 14 de janeiro de 2000, esse foi o ponto de inflexão que marcou nossa emancipação.

Um abraço e fique com DEUS  
Marlos

Em 4 de dezembro de 2014 21:20, lenilson sergio candido <lenilson@unir.br> escreveu:  
[Texto das mensagens anteriores oculto]

---

**lenilson sergio candido** <lenilson@unir.br> 5 de dezembro de 2014 13:54  
Para: Marlos Gomes Albuquerque <marlos@unir.br>

Obrigado Marlos.

Um abraço

## Copia dos email que resultarem na entrevista com o professor Dr. Osmar Siena.

25/02/2015 E-mail de Universidade Federal de Rondônia - Contato

 lenilson sergio candido <lenilson@unir.br>

---

**Contato**  
6 mensagens

---

**lenilson sergio candido** <lenilson@unir.br> 8 de setembro de 2014 15:35  
Para: Osmar Siena <siena@unir.br>

Boa Tarde prof Osmar.

Sei que seu afazeres frente a Pró-Retoria são grandes, fora todo seu trabalho de pesquisa.

Pensando nisso gostaria de saber se é possível que o Sr. responda algumas perguntas via email sobre o desenvolvimento da universidade.

para que eu possa sanar algumas dúvidas na minha tese.

Abraços

Prof. Msc. Lenilson Sergio Candido  
Universidade Federal de Rondônia - Campus de Ji-Paraná  
Departamento de Matemática e Estatística - DME  
Contato: Trab (69) 3421-3595 Cel - (19) 9794-4700

---

**Osmar Siena** <siena@unir.br> 8 de setembro de 2014 21:46  
Para: lenilson sergio candido <lenilson@unir.br>

Lenilson

O que puder fazer, estou à disposição.

Abrs

Em 8 de setembro de 2014 15:35, lenilson sergio candido <lenilson@unir.br> escreveu:  
[Texto das mensagens anteriores oculto]

---

**lenilson sergio candido** <lenilson@unir.br> 8 de setembro de 2014 22:03  
Para: Osmar Siena <siena@unir.br>

Certo Osmar.

Estou escrevendo a história do no curso de matemática, e fazendo uma relação das as decisões administrativas e pedagógicas. Essa e a ideia do meu trabalho.

- 1 - Eu precisava saber como foi a transição na reitoria do Professor Euro para o professor Antonino.
- 2 - O projeto PIQUE foi idealizado em qual gestão? Você tem algum documento sobre esse projeto?
- 3 - Tenho aqui também um confusão sobre datas, A interiorização começou na gestão do prof Antonino?
- 4 - Você é um dos grades pensadores no que se refere a UNIR. diante deste fato. Quais foram os requisitos observados para a escolha do campus em ji-paraná? Existia um plano estudado e idealizado para região? A classe política participou do processo?

Tenho outras inquietações, que mandarei em um outro momento

Desde já agradeço

<https://mail.google.com/mail/u/0/?ui=2&ik=830614a50e&view=pt&q=siena%40unir.br&psize=50&pmr=100&pdr=50&search=apps&th=148568c909010444...> 1/3

25/02/2015

E-mail de Universidade Federal de Rondônia - Contato

Grande abraço

Em 8 de setembro de 2014 20:46, Osmar Siena &lt;siena@unir.br&gt; escreveu:

[Texto das mensagens anteriores oculto]

[Texto das mensagens anteriores oculto]

**Osmar Siena** <siena@unir.br>  
 Para: lenilson sergio candidato <lenilson@unir.br>

14 de setembro de 2014 21:02

Olá Lenilson

desculpe a demora. Vamos lá. O que eu puder responder, faço com prazer.

1. 1 - Eu precisava saber como foi a transição na reitoria do Professor Euro para o professor Antonino.

São muitos os acontecimentos daquela época, incluindo situação conflituosa do corpo docente com a direção. Mas penso que dois fatos contribuíram muito para transição: movimento do corpo docente com grande pressão para realização de eleições para reitor e vive-reitor; a necessidade da UNIR apresentar as condições para ingressar no programa de financiamento da construção do Câmpus, cujo prazo estava se esgotando sem que a Universidade resolvesse as questões locais, entre elas o oferecimento de uma área desembaraçada.

2 - O projeto PIQUE foi idealizado em qual gestão? Você tem algum documento sobre esse projeto?

O projeto PIQUE foi na gestão do Detoni e Ari (1999 a 2003 - acho que o período é esse da gestão). Convivi pouco com essa situação, pois de 1990 a 1992 estive afastado para cursar mestrado. Conheço um pouco da concepção. Creio que naquele momento, por razões de divergências políticas internas, perdeu-se a oportunidade de realizar uma discussão racional sobre uma concentração por áreas nos câmpus. Mas o Ari certamente deve ter documentos desse período.

3 - Tenho aqui também um confusão sobre datas, A interiorização começou na gestão do prof Antonino?

Sim. Foi na gestão do Antonino. As ações começaram em 1986/1987.

4 - Você é um dos grades pensadores no que se refere a UNIR. diante deste fato. Quais foram os requisitos observados para a escolha do campus em Ji-paraná? Existia um plano estudado e idealizado para região? A classe política participou do processo?

Ainda na gestão do Euro Tourinho foi elaborado o primeiro plano de desenvolvimento da UNIR. Conheço o documento e provavelmente tenho ele em algum lugar, mas não está em mãos no momento.

Nesse plano foi previsto a interiorização da UNIR para cinco cidades consideradas polo naquele momento: Ariquemes, Ji-Paraná, Vilhena e Guajará-Mirim. A prioridade inicial seria a formação de profissionais, especialmente para a Educação. Por isso o início com curso de Ciências (grande carência).

Assim, o início da interiorização na gestão do Antonino seguia o que havia sido proposto.

Sem dúvidas que houve participação da "classe política", até porque a UNIR começa as atividades no interior, em Ji-Paraná e Vilhena, em locais inicialmente cedidos e depois doados pelo município (vilhena) e Ji-Paraná (estado). Além disso, para o início das atividades foram firmados convênios com as municipalidade.

Se necessitar de alguma informação adicional sobre isto, e se eu souber, estou à disposição.

Ahrs

Osmar Siena

Em 8 de setembro de 2014 22:03, lenilson sergio candidato &lt;lenilson@unir.br&gt; escreveu:

[Texto das mensagens anteriores oculto]

<https://mail.google.com/mail/u/0/?ui=2&ik=830614a50e&view=pt&q=siena%40unir.br&psize=50&pmr=100&pdr=50&search=apps&th=148568c909010444...> 2/3

25/02/2015

E-mail de Universidade Federal de Rondônia - Contato

---

**lenilson sergio candido** <lenilson@unir.br>  
Para: siena@unir.br

15 de setembro de 2014 09:07

Sua mensagem Para: lenilson sergio candido Assunto: Re: Contato Enviada em: 14/09/14 20:02:51 AMT foi lida em 15/09/14 08:07:35 AMT

---

**lenilson sergio candido** <lenilson@unir.br>  
Para: Osmar Siena <siena@unir.br>

15 de setembro de 2014 09:11

Olá Osmar.

Obrigado pelas respostas

Estou escrevendo por aqui tenho outras perguntas que enviarei depois.

Obrs

Lenilson

Em 14 de setembro de 2014 20:02, Osmar Siena <siena@unir.br> escreveu:

[Texto das mensagens anteriores oculto]

[Texto das mensagens anteriores oculto]